



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LUCÉLIA CANASSA

**PAIS E FILHOS EM CONTOS DE LUIZ VILELA:
AS REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES**

Londrina
2018

LUCÉLIA CANASSA

**PAIS E FILHOS EM CONTOS DE LUIZ VILELA:
AS REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Canassa, Lucélia.

Pais e filhos em contos de Luiz Vilela : as representações das masculinidades / Lucélia Canassa. - Londrina, 2018.
159 f.

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Contos brasileiros - História e crítica - Tese. 2. Masculinidade - Tese. 3. Paternidade - Tese. I. Simon, Luiz Carlos Santos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

LUCÉLIA CANASSA

**PAIS E FILHOS EM CONTOS DE LUIZ VILELA:
AS REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Eunice Prudenciano de Souza
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS

Prof. Dr. Miguel Heitor Braga Vieira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 19 de março de 2018.

Ao Menininho que, enquanto pode, foi a
minha melhor companhia de escrita e o
melhor gatinho do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que, mesmo diante de tantas diferenças, me apoiam de uma forma ou de outra.

À Vera Lucia, minha mãe, por todo o afeto e luta.

Ao Luiz Carlos Simon, meu orientador, pelo incentivo, amizade e por ter me dito, no segundo ano de graduação, que o meu lugar era a Literatura.

Aos meus colegas de projeto, por todas as discussões e compartilhamentos.

À Fabrícia, minha amiga e companheira de vida, pelas problematizações e discussões enriquecedoras.

Ao Caio, meu companheiro, por toda a compreensão e cuidado.

*“Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter*

*Que nada
Minha porção mulher, que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver*

*Quem dera
Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem
dera
Ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser*

*Quem sabe
O Super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher.”*

(Super-Homem – Gilberto Gil)

CANASSA, Lucélia. **Pais e filhos em contos de Luiz Vilela**: as representações das masculinidades. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

A proposta desta dissertação é analisar a contística de Luiz Vilela sob o enfoque das masculinidades. Dentro da temática em questão, optamos pelos contos em que há relação entre pais e filhos, chegando a 19 textos. Desse número, comentamos 14 contos, com o intuito de apontar as diferentes formas em que essa relação aparece, sempre atravessada pelo tema maior das masculinidades; e analisamos mais profundamente cinco contos: —Eu estava ali deitado e —Coriscoll, de *No Bar* (1968); —As formigas, de *Tarde da noite* (1970); —Não haverá mais índios, de *Lindas Pernas* (1979); e —Todos os anjos, de *Você Verá* (2013). Com essa seleção, é possível traçar um percurso na representação das figuras paternas ao longo do tempo: de pais ausentes e com dificuldades em lidar com os filhos, passaremos por pais em transição até chegar a uma reconfiguração do perfil paterno – influenciada e acompanhada por uma reconfiguração na forma familiar. Lidamos, assim, com a figura de pais afetados por uma socialização baseada em estereótipos viris, e com os indícios de mudanças em homens que passam a responder às funções socialmente estabelecidas que lhes foram designadas. Dessa forma, sistematizamos algumas características nas figuras paternas de Vilela e, ligado diretamente a isso, dialogamos com as questões dos papéis tradicionais de homem e mulher e alguns estereótipos da masculinidade padrão.

Palavras-chave: Masculinidades. Paternidade. Literatura Brasileira. Luiz Vilela. Contos.

CANASSA, Lucélia. **Fathers and children in the short stories written by Luiz Vilela: representations of masculinities.** 2018. 159 p. Dissertation (Master's degree in Letters) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the short stories written by Luiz Vilela under the masculinities approach. We chose the stories in which there is a relationship between fathers and children, reaching 19 short stories. From this number, we have commented on 14 short stories, with the intention of show the different ways in which this relationship appears, always crossed by the theme of masculinities; and we analyze more deeply five short stories: "Eu estava ali deitado" and "Corisco", from *No Bar* (1968), "A formigas", from *Tarde da noite* (1970), —Não haverá mais índiosll, from *Lindas Pernas* (1979); and —Todos os anjosll, from *Você Verá* (2013). With this selection, it is possible to trace the representation of paternal figures along the time: from absent fathers and with difficulties in dealing with their children, we will pass through transitional fathers until a reconfiguration of the paternal profile – influenced and accompanied by a reconfiguration in the family form. We deal with the parents affected by a socialization based on manly stereotypes and with the signs of change in men that begin to respond to the socially established functions assigned to them. In this way, we systematize some characteristics in Vilela's paternal figures and, directly linked to this, we dialogue with the questions of the traditional roles of man and woman and some stereotypes of standard masculinity.

Keywords: Masculinities. Fatherhood. Brazilian literature. Luiz Vilela. Short Stories.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – sistematização das características	103
Tabela 2 – primeira parte do percurso	124
Tabela 3 – segunda parte do percurso.....	141
Tabela 4 – percurso completo da reconfiguração do perfil paterno.....	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. VIABILIZANDO AS MASCULINIDADES DENTRO DOS ESTUDOS DE GÊNERO E DOS ESTUDOS LITERÁRIOS: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA	14
1.1. AS DIFERENTES ACEPTÕES DE GÊNERO.....	15
1.2. OS ESTUDOS DAS MASCULINIDADES: SURGIMENTO E RELEVÂNCIA.....	25
1.2.1. O questionamento do homem e o início dos estudos das masculinidades	26
1.2.2. Entre o padrão inatingível e os outros: as representações das masculinidades.....	30
1.2.3. Virilidade e crise do masculino	36
1.3. MASCULINIDADES E LITERATURA.....	43
1.4. URGÊNCIA, ESTRATÉGIAS E PONTOS EM COMUM.....	57
2. UM CONTISTA NATO: BIOGRAFIA, LUGAR NA LITERATURA, FORTUNA CRÍTICA E CONTÍSTICA DE LUIZ VILELA.....	68
2.1. BIOGRAFIA.....	68
2.2. LUGAR NA LITERATURA.....	70
2.3. FORTUNA CRÍTICA.....	76
2.4. A CONTÍSTICA DE LUIZ VILELA E O TEMA DA RELAÇÃO ENTRE PAI E FILHO	79
2.4.1. <i>Tremor de Terra</i>	80
2.4.2. <i>No bar</i>	83
2.4.3. <i>O fim de tudo</i>	95
2.4.4. <i>A cabeça</i>	100
2.5.5. Sistematização das características	102

3.	ANÁLISES DOS CONTOS	105
3.1.	—Eu estava ali deitado	107
3.2.	—Coriscoll	113
3.3.	—As formigas	119
3.4.	—Não haverá mais índios	124
3.5.	—Todos os anjos	132
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
	REFERÊNCIAS	148
	ANEXOS	153
	ANEXO A – Lista de teses e dissertações	154
	ANEXO B – Lista de Pôsteres e Comunicações	158

INTRODUÇÃO

Estudar as representações das masculinidades consiste numa discussão recente no campo das ciências humanas. Através dos estudos feministas, rompeu-se a ideia de determinação biológica e colocou-se em pauta a questão do gênero como construção social. No livro *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*, Miguel Vale de Almeida questiona o que significa “ser homem” do ponto de vista social:

A pergunta é tão complexa quanto aparentemente ingênua. Para a larguíssima maioria das pessoas, para o nível a que nas Ciências Sociais chamamos de senso comum, ser homem é fundamentalmente duas coisas: não ser mulher, e ter um corpo que apresenta órgãos genitais masculinos. A complexidade encontra-se precisamente na ingenuidade – agora sim –, de remeter para caracteres físicos do corpo uma questão de identidade pessoal e social. Isto porque “ser homem”, no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção. (ALMEIDA, 2000, p. 127 e 128)

Interessados por esse “conjunto de atributos morais de comportamento socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados”, constatamos que o questionamento do masculino, portanto, não só é possível, como necessário. Qual o significado de ser homem? O que faz o homem ser homem? Como é ensinado aos meninos cumprir esse papel de homem? Através desse interesse e desses questionamentos, chegamos ao objetivo da nossa pesquisa: estudar os contos do autor Luiz Vilela pelo enfoque das masculinidades, mais especificamente, analisar as representações das masculinidades através da relação entre pais e filhos.

O primeiro capítulo tem como objetivo viabilizar, primeiramente, os estudos das masculinidades dentro dos estudos de gênero. Para isso, abordaremos diferentes acepções de gênero para mostrar que nesses estudos há espaço para a reflexão da condição masculina. A dissertação explora a ideia de refutar algumas acepções de gênero: a que considera a palavra “gênero” como substituto de

“mulher”; e a que cai no binarismo de gênero ao pensar apenas nas categorias de homem e mulher; e chama atenção, também, para a confusão entre gênero e sexo. Assim, pretendemos expor a acepção de gênero com a qual corroboramos: a que desconsidera as justificativas biológicas e essenciais na explicação das categorias de gênero e a que mantém um compromisso radical com o questionamento das construções sociais e dos padrões que pretendem normatizar os sujeitos, acreditando, sobretudo, que a ordem de gênero, quando naturalizada e não questionada, causa inúmeras opressões e sofrimentos.

De forma parecida, na segunda parte do primeiro capítulo, principalmente devido ao fato de os estudos das masculinidades serem recentes e pouco conhecidos, optamos por dedicar um espaço da dissertação para a exposição do seu surgimento. Discutiremos, em seguida, as diferentes representações das masculinidades e as suas problematizações, contribuindo, dessa maneira, para a compreensão dos objetivos desses estudos. Ao discutir o conceito de masculinidade hegemônica, e pensando nas diferenças entre masculinidade e virilidade, iremos finalizar essa parte refletindo sobre a crise do masculino e, dessa forma, estaremos abordando tópicos relevantes para os estudos das masculinidades desde o seu surgimento.

Todas essas reflexões e exposições se mostraram necessárias para começarmos a pensar nos estudos das masculinidades em relação aos estudos literários. Essa será a terceira parte do primeiro capítulo: contrapondo os estudos das masculinidades com os estudos das mulheres e usando os dados de um levantamento feito no banco de teses e dissertações da CAPES, em fevereiro de 2017, e do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Masculinidades, realizado no Mar Hotel, em Recife/PE, no período de 02 a 06 de abril de 2017, iremos compreender um pouco desse cenário para, então, discutir a relevância e a possibilidade de crescimento dos estudos das masculinidades em relação aos estudos literários.

Por último, a quarta parte do primeiro capítulo pretende expor a urgência do assunto discutido. Através de uma pesquisa na ferramenta de busca do *google*, a fim de verificar o conteúdo disponibilizado quando buscamos “teoria sobre gênero”, verificamos que os resultados não são, de forma alguma, informativos. Isso porque vivemos em um período em que qualquer tipo de diversidade e liberdade encontra-se ameaçada. Há uma onda conservadora e um esforço cotidiano para

ameaçar o que chamam de ideologia de gênero e, de forma geral, deparamo-nos com muita desinformação, parcialidades e preconceitos, tudo através de discursos que chegam às pessoas que, não sendo estudiosas do tema, recebem informações inválidas, o que compromete tanto a evolução dos estudos como a desmistificação de certas opressões e discriminações. Ainda nessa mesma parte, faremos uma breve exposição dos pontos em comum dos estudos de gênero, dos estudos feministas e dos estudos das masculinidades, mostrando, assim, que as discordâncias podem ser teóricas e em relação ao objeto focalizado, mas os objetivos finais são similares.

O segundo capítulo trará o objeto literário da nossa pesquisa: os contos do autor Luiz Vilela. Nessa parte, iremos abordar a biografia do autor e analisar sua fortuna crítica para justificarmos a escolha do objeto literário em relação aos estudos das masculinidades e o recorte específico da relação entre pais e filhos. A partir disso, haverá um comentário geral sobre sua contística, que reúne ao todo 136 contos, de 1967 a 2013. Pensando em seus contos e, principalmente, no recorte da pesquisa, propomo-nos a comentar 14 contos em que há a relação entre pais e filhos, antes mesmo da análise aprofundada, no terceiro capítulo, de cinco contos escolhidos. O objetivo é mostrar as diferentes formas com que a temática pode aparecer na obra de um único autor para sistematizar e categorizar as características dessas figuras paternas.

Finalmente, no terceiro capítulo, o objeto literário e o recorte teórico da pesquisa estarão em diálogo. Os cinco contos: “Eu estava ali deitado” e “Corisco”, do livro *No Bar* (1968); “As formigas”, de *Tarde da noite* (1970); “Não haverá mais índios”, de *Lindas Pernas* (1979); e “Todos os anjos”, de *Você Verá* (2013), serão interpretados e analisados. A escolha dos contos se deu pelo interesse em relação à socialização do menino e em como é ensinado aos meninos cumprir esse “papel” de homem e também pelo questionamento do padrão comportamental de masculinidade. Chegaremos, então, a resultados e compreensões instigantes: pensando em papéis tradicionais de homem e mulher e considerando alguns estereótipos dentro de determinados padrões de masculinidades, iremos observar o retrato da virilidade ora concretizado, ora caracterizado por um desconforto ou por uma incoerência; passaremos pela figura de pais em transição; e chegaremos, enfim, a uma reconfiguração da figura paterna.

1. VIABILIZANDO AS MASCULINIDADES DENTRO DOS ESTUDOS DE GÊNERO E DOS ESTUDOS LITERÁRIOS: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA

Este capítulo está dividido em quatro partes. A primeira parte discute as diferentes acepções de gênero ao longo dos anos com o objetivo de refutar alguns usos do conceito e reafirmar a acepção mais adequada para os estudos das masculinidades, trazendo as ideias propostas e desenvolvidas pela francesa Simone de Beauvoir, as americanas Joan Scott e Judith Butler, e as australianas Raewyn Connell e Rebecca Pearse.

A partir da compreensão do conceito de gênero, na segunda parte discute-se o questionamento do masculino e surgimento dos estudos das masculinidades, com o apoio teórico do francês Daniel Welzer-Lang e dos brasileiros João Silvério Trevisan e Pedro Paulo de Oliveira; as diversas representações das masculinidades, a partir das ideias do americano Michael Kimmel e o sueco James W. Messerschmidt – juntamente com a Connell; e a compreensão da noção de virilidade e da crise masculina, com a francesa Claudine Haroche, os franceses Jean-Jacques Courtine e Pierre Bourdieu, e o brasileiro Sócrates Nolasco.

A terceira parte discute o tema da Literatura e masculinidades. Usando um levantamento feito no banco de dados da CAPES e os dados do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Masculinidades, realizado no Mar Hotel, em Recife/PE, no período de 02 a 06 de abril de 2017, é possível visualizar e compreender o cenário em que esses estudos estão inseridos. Os brasileiros Silvano Santiago e Luiz Carlos Simon e os estudos culturais iluminam essa reflexão, bem como os professores e pesquisadores Mark Millington, Peter F. Murphy e Jason Cortés.

A quarta e última parte expõe a necessidade e urgência em se discutir o assunto em questão. Através de uma pesquisa feita na ferramenta de busca *google*, buscando “teoria sobre gênero”, a maior parte dos 10 resultados que aparecem na primeira página se mostram problemáticos, escancarando os preconceitos e parcialidades em relação aos estudos de gênero. Para finalizar essa parte, uma breve exposição das estratégias e os pontos em comum dos estudos de gênero, dos estudos feministas e dos estudos das masculinidades, e os motivos para sermos otimistas em relação aos avanços dos estudos de gênero até então, além das potencialidades da Literatura para compor esse quadro.

1.1. AS DIFERENTES ACEPÇÕES DE GÊNERO

Em 1949, Simone de Beauvoir lançava *O Segundo Sexo*. Discutindo diversos assuntos, a premissa básica do livro é que a mulher não é o “outro” – ou o segundo sexo – devido a razões naturais e imutáveis, mas sim por processos sociais e históricos. Mesmo que em um primeiro momento a leitura possa parecer datada, é necessário pensar no seu impacto em toda uma geração, recuperando, como exemplo, o fato de o livro ter sido tão comentado no ENEM de 2015, cujo tema foi “Combate à violência contra a mulher”, bem como a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se” ter causado tanta repercussão. O livro é, inegavelmente, referência para os estudos feministas, porém, em relações aos estudos de gênero, não é unanimidade. Isso porque os estudos de gênero também não são unânimes.

Para ajudar nessa compreensão, recorreremos a Raewyn Connell e Rebecca Pearse. No início do livro *Gênero: uma perspectiva global*, lançado primeiramente em 2002, e revisitado e ampliado em 2009 e em 2014¹, ao abordarem a questão do gênero, as autoras trazem levantamentos e fatos sobre a mídia de massa, a política, os negócios e a família que ilustram os privilégios do homem em relação à mulher. As autoras questionam se esses fatos seriam aleatórios e completam afirmando que:

O pensamento moderno sobre gênero parte do reconhecimento de que tais fatos não são aleatórios, pois formam um padrão e fazem sentido quando vistos como parte de arranjos mais gerais do gênero, que chamamos aqui de “ordem de gênero”, em sociedades contemporâneas. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 36)

Logo em seguida, as autoras dizem que “perceber a existência da ordem de gênero é fácil; compreendê-la, não” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 36), e é isso que Beauvoir parece também ter feito há mais de 50 anos. Vemos, então, que a premissa do livro de Beauvoir não está distante das ideias abordadas pelas autoras em questão. O que acontece é que, em um primeiro momento, por muito tempo e ainda hoje, os estudos de gênero focalizaram apenas a figura da mulher. Isso não só é compreensível como aceitável, visto que, historicamente, a opressão aconteceu e acontece em relação à mulher, que possui os direitos legais e simbólicos limitados em relação ao homem. Entretanto, esse olhar voltado apenas

¹ O livro utilizado neste trabalho é traduzido a partir da terceira edição, publicado em 2014, pela professora doutora Marília Pinto de Carvalho.

para a figura da mulher, bem como pensar em apenas duas categorias de gênero – feminino e masculino – pode trazer consequências indesejadas para o desenvolvimento de pesquisas e estudos, pois há o risco de limitar os resultados.

Nessa perspectiva, a teórica Joan Scott, em “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, artigo publicado em 1988, começa afirmando que “as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história” (SCOTT, 1989, p. 6) e, a partir disso, discorre sobre as diferentes acepções e usos do termo gênero ao longo dos anos. Depois de mostrar as acepções de gênero na gramática – algo já superado – Scott aborda algumas acepções que ainda podem gerar confusão. Dentre elas, aquela em que gênero é usado como substituto de “mulher”. A palavra gênero, nesse caso, parece significar um subterfúgio: “[n]essas circunstâncias, o uso do termo ‘gênero’ visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho porque ‘gênero’ tem uma conotação mais objetiva e neutra do que ‘mulheres’” (SCOTT, 1989, p. 6). Um dos aspectos desse uso a que a autora recorre é que:

Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980. (SCOTT, 1989, p. 6)

Bem próximo a essa perspectiva, o uso do termo “gênero” para designar as relações sociais entre os sexos, ou como a relação social entre homens e mulheres, também mostra alguns problemas, além de correr o risco de cair exatamente naquilo que se pretende combater: o essencialismo – ou a crença de que gênero, sexo/genitália, sexualidade/desejo são determinados pela natureza. Os assuntos discutidos através dessa perspectiva podem cair num reducionismo, visto que se desconsidera tudo que não se encaixa no binarismo de gênero:

Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Temos que ficar mais atentas às distinções entre nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar. Temos que encontrar os meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica. (SCOTT, 1989, p. 18)

Pearse e Connell também abordam o assunto, ao afirmarem que:

[...] não podemos pensar o ser mulher ou ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. As pessoas constroem a si mesmas como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na ordem de gênero – ou respondemos ao lugar que nos é dado –, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana. A maioria de nós faz isso por vontade própria e muitas vezes se deleita com a polaridade de gênero. Contudo, ambiguidades de gênero não são raras. Há mulheres masculinas e homens femininos. Há mulheres que se apaixonam por outras mulheres e homens que se apaixonam por outros homens. Há mulheres que são chefes de família e homens encarregados de cuidar dos filhos. Há mulheres soldados e homens enfermeiros. Às vezes, o desenvolvimento da “identidade de gênero” resulta em um padrão intermediário, misturado ou nitidamente contraditório, para os quais usamos termos como afeminado, afetado, *queer* e transgênero. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 39)

Além de corroborar com o que disse Scott na década de 1980, Connell e Pearse, aqui, parecem dialogar com a acepção de gênero enquanto performance, ideia discutida por Judith Butler – e que será abordado mais adiante. Há, ainda, outra acepção que merece ser discutida: aquela em que gênero é tido como sinônimo de sexo. Embora pareça, também, algo já superado, é comum em discussões recentes a ocorrência desse uso. Scott afirma que “[c]om a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens” (SCOTT, 1989, p. 7). Por ter se debruçado sobre o conceito de heteronormatividade, Judith Butler, uma das teóricas mais relevantes para essa questão, expõe a situação da nossa sociedade que tem vivido diante de uma “ordem compulsória”, a qual exige coerência total entre um sexo/genitália, um gênero e um desejo/prática – que são obrigatoriamente heterossexuais. Em *Problemas de gênero*, publicado primeiramente em 1990, – um dos poucos livros da autora traduzidos para o português e talvez o mais conhecido no Brasil – a estudiosa distingue sexo e gênero:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo

quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2003, p. 24)

Retomando Scott, na construção do texto em questão, já é possível pensar em alguns avanços em relação às discussões atuais sobre gênero. A estudiosa pretendia chegar ao conceito de gênero enquanto categoria de análise e, para isso, defendia que as discussões não deveriam ser limitadas, ou seja, colocou em discussão a necessidade de considerar os estudos de gênero em diversos âmbitos e de forma mais ampla, incluindo não só o parentesco, como também:

[...] mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção do gênero), a educação (as instituições de educação socialmente masculinas, não mistas ou mistas fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio masculino universal faz parte do processo de construção do gênero). (SCOTT, 1989, p. 22)

O núcleo essencial da definição da teórica baseia-se na conexão integral entre duas proposições: “[o] gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 1989, p. 21). A autora traz, dessa forma, para a discussão, a noção de que gênero não é fixo e que a questão política não pode ficar de fora:

O objetivo da nova pesquisa histórica é explodir a noção de fixidade, descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros. Esse tipo de análise tem que incluir uma noção do político, tanto quanto uma referência às instituições e organizações sociais. (SCOTT, 1989, p. 22)

Para continuar pensando nos conceitos de gênero, é frutífero, também, recorrer à já citada filósofa estadunidense Judith Butler. Em *Problemas de gênero*, ela chama atenção para que a noção de cultura não se torne o destino, assim como a biologia foi/ainda é:

Em algumas explicações, a ideia de que gênero é construído sugere um certo determinismo de significados de gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjuntos de leis, tem-se a

impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. (BUTLER, 2003, p. 26)

Nesse sentido, quando pensamos em gênero enquanto construção, devemos estar atentos para não cair nas armadilhas dessas categorias fixas e deterministas, bem como refletir se aquela construção exclui a possibilidade de agência e transformação, pois, se excluir, será incoerente em si. No capítulo “Teorizando o binário, o unitário e além”, Butler discute as afirmações totalizantes, e critica tanto as da “economia significativa masculinista” como “os gestos totalizantes do feminismo”:

O esforço de identificar o inimigo como singular em sua forma é um discurso invertido que mimetiza acriticamente a estratégia do opressor, em vez de oferecer um conjunto diferente de termos. O fato de a tática poder funcionar igualmente em contextos feministas e antifeministas sugere que o gesto colonizador não é primária e irredutivelmente masculinista. Ele pode operar para levar a cabo outras relações de subordinação hetero-sexista, racial e de classe, para citar apenas algumas. (BUTLER, 2003, p. 33-34)

É interessante perceber que, embora os fatos históricos e sociais encaminhem para um pensamento cuja figura do homem é simplesmente a do opressor e do inimigo, há uma complexidade maior na categoria “homem” que merece reflexão. Ou seja, da mesma forma que a insistência sobre a coerência e unidade da categoria de mulheres é problemática, pois “rejeitou efetivamente a multiplicidade das intersecções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’” (BUTLER, 2003, p. 34-35), totalizar a categoria “homem” também é. No capítulo “Identidade, sexo e a metafísica da substância”, discutindo a questão da identidade, a teórica afirma que:

[...] sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (BUTLER, 2003, p. 38)

Chega, a partir disso, ao conceito de gêneros inteligíveis, que são aqueles que “em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p. 38):

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade (BUTLER, 2003, p. 39)

Gênero inteligível, então, é similar ao que podemos chamar de “padrão” ou “hegemônico” e, automaticamente, prevê a exclusão de todos os outros indivíduos que não se encaixam nessa coerência exigida. A proliferação e persistência destes que contrapõem por “não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural”, isto é, os “outros”, os “subordinados”, os que não estão coerentemente dentro de um padrão determinado:

[...] criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios terrenos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero. (BUTLER, 2003, p. 39)

Assim, por mais que eles não façam parte dos padrões legitimados, eles resistem, incomodam, causam ambiguidades e rompem com qualquer ilusão de coerência desejada. Outro ponto no desenvolvimento das ideias de Butler é a expressão “metafísica da substância” – associada à Nietzsche – que seriam as ilusões do “Ser” e da “Substância”.

Quando não problematizadas, as afirmações “ser” mulher e “ser” heterossexual seriam sintomáticas dessa metafísica das substâncias do gênero. Tanto no caso de “homem” como no de “mulheres”, tal afirmação tende a subordinar a noção de gênero àquela de identidade, e a levar à conclusão de que uma pessoa é um gênero e o é em virtude do seu sexo, de seu sentimento psíquico do eu, e das diferentes expressões desse eu psíquico, a mais notável delas sendo a do desejo sexual. (BUTLER, 2003, p. 44)

A teórica crítica, então, a tentativa de unidade e busca por simetria, que ela se refere também como heterossexualidade compulsória, tão naturalizada na sociedade em geral, e inclui na discussão os indivíduos que fogem do ideal normativo do binarismo de gênero. Ainda nessa ideia, também há a questão do gênero enquanto performance, isto é, o gênero seria “performativamente produzido

e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero [...] constituinte da identidade que supostamente é” (BUTLER, 2003, p. 48):

Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados. (BUTLER, 2003, p. 48)

Judith Butler, entretanto, revisita essa questão em outros momentos. No prefácio da obra *Corpos que importam*², discutindo a materialidade dos corpos, Butler faz alguns questionamentos críticos e retoma a ideia de performance da obra de 1990, *Problemas de gênero*. Pensando que os corpos são, de algum modo, construídos, e na complexidade que isso envolve, ela diz que:

As coisas se complicaram ainda mais ou se fizeram ainda mais improváveis por causa das questões propostas pela noção de performatividade de gênero apresentadas em *Problemas de Gênero*. Porque se eu tivesse sustentado que os gêneros são performativos, isso significaria que eu pensava que alguém despertava pela manhã, examinava o guarda-roupa ou algum espaço mais amplo em busca do gênero que queria escolher e o assumia durante o dia para voltar a colocá-lo de noite em seu lugar. Semelhante sujeito voluntário e instrumental, que decide sobre seu gênero, claramente não pertence a esse gênero desde o começo e não se dá conta de que sua existência já está decidida pelo gênero. Certamente, tal teoria iria restaurar a figura de um sujeito que decide – humanista –, no centro de um projeto cuja ênfase na construção parece se opor por completo a tal noção. Porém, se não há tal sujeito que decide sobre seu gênero e se, pelo contrário, o gênero é parte do que determina o sujeito, como se poderia formular um projeto que preserve as práticas de gênero como lugares de atividade crítica (critical agency)? (BUTLER, 2015, p. 14)

Parece, dessa maneira, que gênero não é tão somente uma escolha, da mesma forma que não é apenas uma imposição. A teórica, importante para os estudos da teoria *queer*, vai além nos questionamentos e, sobretudo, dedica-se a dar visibilidade para corpos que são desconsiderados. Ao mesmo tempo que reitera, de alguma forma, os pensamentos de Beauvoir, Scott e até mesmo Connell – no que diz respeito às relações de poder e às restrições normativas – ela reflete mais uma vez sobre o determinismo cultural:

² Foi utilizada a tradução do prefácio feita por Magda Guadalupe dos Santos e Sérgio Murilo Rodrigues, publicado na Revista de Filosofia *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v.6 - n.11, p. 12-16 – 1º sem. 2015. ISSN: 2177-6342.

Se o gênero não é um artifício que se pode adotar ou rechaçar à vontade e, portanto, não é um efeito da escolha, como poderíamos compreender a condição constitutiva e compulsiva das normas de gênero sem cair nas redes do determinismo cultural? (BUTLER, 2015, p. 14)

Quando pensa na materialidade do sexo que se constrói através da repetição ritualizada, ela pensa também nas noções de “construção”. Enquanto “[o]s corpos vivem e morrem; comem e dormem; sentem dor e prazer; suportam a enfermidade e a violência” (BUTLER, 2015, p.15) – atitudes que não são meramente construções –, há, por outro lado o questionamento de que:

Conceber o corpo como algo construído exige reconceber a significação da construção mesma. E se certas construções parecem constitutivas, quer dizer, se têm esse caráter de ser aquilo “sem o qual” não poderíamos sequer pensar, podemos sugerir que os corpos somente surgem, somente perduram, somente vivem dentro das limitações produtivas de certos esquemas reguladores generizados em alto grau (highly gendered regulatory schemas). Ao se compreender a restrição como restrição constitutiva, ainda é possível formular a seguinte pergunta crítica: como tais restrições produzem não somente o terreno dos corpos inteligíveis, senão também um domínio de corpos impensáveis, abjetos, invivíveis e não dotados de vida (unthinkable, abject, unlivable bodies?)? (BUTLER, 2015, p. 15)

Em relação a isso, ela completa dizendo que “[o] discurso da ‘construção’, que circulou principalmente na teoria feminista, talvez não seja completamente adequado para a tarefa que estamos abordando” (BUTLER, 2015, p. 15). Envoltas em inúmeros questionamentos, ela conclui, no prefácio:

Quais são as forças que fazem com que os corpos se materializem como “sexuados” e como devemos entender a “matéria” do sexo e dos corpos, de maneira mais geral, como a circunscrição repetida e violenta da inteligibilidade cultural? Que corpos chegam a importar? E por quê? De modo que apresento este texto em parte como uma reconsideração de algumas declarações de *Problemas de Gênero* (*Gender Trouble*) que provocaram certa confusão, porém também como um intento de continuar refletindo sobre as maneiras em que opera a hegemonia heterossexual para modelar questões sexuais e políticas. Como uma rearticulação crítica de diversas práticas teóricas, inclusive estudos feministas e estudos *queer*, este texto não pretende ser programático. E, contudo, como um intento de aclarar minhas “intenções”, parece destinado a produzir uma nova série de equívocos. (BUTLER, 2015, p. 16)

O gênero, então, nos é dado como uma caixa fechada assim que nascemos – ou mesmo antes. Influenciados em diversas instâncias, os indivíduos vão se desenvolvendo sem se darem conta que existem inúmeras outras opções e atividades além das que são dadas – ou impostas – até que um dia sentem um incômodo. Em alguns, esse incômodo logo passará, e eles voltarão para a performance que a sociedade, a igreja, a mídia, a escola e os seus pais lhes ensinaram/impuseram. Eles escolhem fazer parte desse teatro sem se questionar, mas escolhem. Se alguma dúvida surgir, é provável que algumas das instâncias já citadas, com poucas variações, digam: sim, é natural que sim, isso faz parte da natureza; ou: não, não é natural, este não é o correto a se seguir. O que chamam de natural e biológico – e até mesmo “certo” – na verdade nada mais é do que uma “estrutura social”. Não é uma dicotomia fixa na vida do indivíduo, “[é] um padrão em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formatadas por esse padrão” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 47).

É possível, também, que alguns saiam do papel por um dia ou uma época e depois voltem para o roteiro, justificando o desvio como “fase” e, percebendo como é menos hostil seguir o roteiro e alheios a essa construção desenvolvidas por eles mesmos, seguem. Em outros indivíduos, o incômodo surge mais cedo e parece não sumir: por que eu não posso brincar de boneca? Por que eu não posso brincar com carrinhos? Por que eu tenho que voltar mais cedo? Por que eu tenho que provar que sou forte? Por que eu não posso brincar na rua? Por que eu não posso chorar? Por que minha roupa diz tanto sobre de mim? De forma geral, nunca há uma explicação convincente: porque você é menino, porque você é menina. Ainda nessas situações, é possível que haja uma flexibilidade em um caso ou outro, porém, para outras crianças e adolescentes, o desenrolar dos questionamentos pode ser mais trágico. Indivíduos apaixonados por outros com o mesmo sexo/genitália ou indivíduos encarcerados no papel/performance, impostos como lei a ser seguida. Homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais, travestis, transgêneros, agêneros e, até mesmo, mulheres que não querem casar ou ter filhos, mulheres jogadoras de futebol ou engenheiras mecânicas, homens que exercem a função de pai com afetividade, homens empregados domésticos ou que apenas cuidam da casa. Todos esses que não se sentem confortáveis e não querem reproduzir determinadas performances, todos os que geram algum tipo de ambiguidade, todos os que “produzem resultados instáveis” que abalam alguma

estrutura de poder, deixam claro que “parte do mistério do gênero está em como um padrão que parece tão rígido e nítido na superfície pode ser tão complexo e incerto quando o olhamos mais de perto” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 39).

A respeito do livro *Gênero: uma perspectiva global*, Marília Pinto de Carvalho, em “Prefácio à edição brasileira”, sintetiza afirmando que as autoras – Connell e Pearse – mapeiam a revolução que aconteceu depois dos movimentos feminista e gay dos anos 1960-70, “discutindo a política de gênero, as pesquisas sobre o tema, alguns dos problemas e soluções que vêm sendo buscados, numa abordagem sociológica que mantém em foco as relações de poder” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 11), e, dessa forma, é possível afirmar que elas continuam em diálogo com as ideias propostas por Scott e também por Butler. Na introdução desse livro, Connell e Pearse apontam que:

As pesquisas modernas sobre esse tema foram disparadas a partir do movimento de mulheres por igualdade de gênero. Há uma razão simples para tal: a maior parte das ordens de gênero ao redor do mundo privilegia os homens e confere desvantagens às mulheres. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 26)

Reconhecidos esses privilégios e desvantagens, elas completam afirmando que:

Por outro lado, os pormenores disso não são tão simples. Há diferentes formas de privilégios e desvantagens, e a balança da desigualdade de gênero varia de lugar para lugar. Os custos do privilégio podem ser altos. Até mesmo a definição de quem pode ser considerado homem ou mulher é passível de discussão. Questões de gênero dizem respeito tanto aos homens quanto às mulheres. Hoje, há uma extensa gama de pesquisas sobre masculinidades, paternidade, movimentos de homens, violências entre homens, educação dos meninos, saúde dos homens e seu envolvimento na construção da igualdade de gêneros. Nós entrelaçamos esse conhecimento no quadro geral do conhecimento sobre o gênero. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 26)

Dessa forma, juntamente com Pearse, Connell – conhecida pelos estudiosos de gênero por seu trabalho e contribuição em torno das masculinidades – traz, para a cena, a figura do homem, mostrando, sobretudo, que este olhar não desconsidera a história das mulheres, nem tampouco a noção de relações de poder. Outro ponto importante para uma abordagem coerente das dimensões materiais e estruturais das relações de gênero é também enfatizar “um ponto de vista inclusivo

em termos globais”, pois “[a] visão que parte do Norte Global é importante, mas a maioria das pessoas no mundo vive em outros lugares e tem experiências sociais distintas das que essa visão compreende” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 27). Um exemplo disso é o livro da brasileira Heleieth Saffioti, *A mulher na sociedade de classe*, de 1969, que é recuperado e apresentado pelas autoras como o primeiro grande avanço teórico do feminismo dos anos 1960-70, em termos mundiais. Elas recuperam outros exemplos para mostrar como as noções de gênero não apenas não são fixas, como podem mudar radicalmente de um lugar/contexto para outro. Esse ponto, não raro, acaba sendo falho para os estudiosos do Brasil. Ainda assim, mesmo que nos apoiemos muito mais em teorias criadas fora do contexto brasileiro, é necessária a atenção a essa questão, principalmente quando se trata, como no caso dessa dissertação, de um objeto literário brasileiro.

A acepção de gênero que será considerada nessa dissertação é aquela que rompe com o essencialismo e com as justificativas que se pautam e se limitam em explicações biológicas e naturais – que, em sua maioria, são desmascaradas como falácias; é aquela acepção que tem um compromisso radical com a reflexão das construções sociais e com o questionamento dos padrões; é aquela que entende que, quando naturalizada e não questionada, a ordem de gênero pode gerar inúmeras opressões, principalmente porque “faz as pessoas se escandalizarem quando alguém não segue o padrão” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 37).

1.2. OS ESTUDOS DAS MASCULINIDADES: SURGIMENTO E RELEVÂNCIA

Embora as mulheres lutem por direitos iguais, sabemos que elas possuem demandas específicas. Problematizar as masculinidades pode, então, somar nessa luta, além de ajudar na compreensão dessas especificidades que, não raro, são ignoradas nos movimentos sociais. Beauvoir afirma em sua obra, na introdução da primeira parte, que “[u]m homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade” (BEAUVOIR, 1970, p. 9) e argumenta que um homem, diferente de uma mulher, não precisa se apresentar, porque ser homem é o natural, “o homem está em seu direito sendo homem”, pois é o “tipo humano absoluto” (BEAUVOIR, 1970, p. 9). As afirmações, de forma alguma, são infundadas. Nessa mesma parte, Beauvoir irá refletir sobre a

alteridade, afirmando que essa é uma categoria fundamental do pensamento humano: “[n]enhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si” (BEAUVOIR, 1970, p. 11). Essas duas afirmações contribuem de forma interessante para pensarmos nos estudos das masculinidades e irão nortear as discussões desse subcapítulo. Primeiramente, o questionamento do masculino e seus desdobramentos e, depois, a discussão sobre a alteridade e as diversas representações das masculinidades. Para finalizar, a compreensão da noção de virilidade em contrapartida da pluralidade das masculinidades e a discussão sobre a crise do masculino.

1.2.1. O questionamento do homem e o início dos estudos das masculinidades

Se em 1949 – ano em que Beauvoir escreveu o livro – parecia impossível o questionamento do homem, a partir da década de 1970, isso começa a mudar. É nesse período que os estudos das masculinidades têm início. Por muito tempo, de fato, o homem pertenceu a um lugar em que não havia espaço para questionamentos. O próprio ato de se questionar seria uma descaracterização do gênero masculino. João Silvério Trevisan, em seu livro *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*, afirma que: “para quem não está acostumado nem nunca foi obrigado a isso, olhar para si mesmo é, no mínimo, um desconforto” (TREVISAN, 1998, p. 26). Para Daniel Welzer-Lang (2001), sociólogo e especialista em identidade masculina, os homens parecem estar divididos em dois grupos: os que seriam normais e os outros. Da mesma forma, Raewyn Connell e James W. Messerschmidt (2013) falam sobre masculinidade hegemônica e subordinada. Ou seja, não é difícil perceber que os homens estão longe de ser um grupo homogêneo. No último parágrafo do artigo “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações de sexo”, Daniel Welzer-Lang pontua, depois de questionar quem “pode pretender hoje um ponto de vista objetivo, não influenciado por seu sexo social ou sua sexualidade”, que: “a questão é integrar objetivamente esse dado incontornável, em vez de pela enésima vez fazer crer que apenas mulheres, os/as homossexuais, os/as bissexuais, os/as transexuais seriam diferentes” (WELZER-LANG, 2001, p. 124). Acostumados a pensar nas fissuras entre homens e mulheres, ou no máximo entre homens e gays, constatamos, então, que os conflitos são muito mais diversos,

inclusive na figura de pai que, quando não se encaixa em determinada expectativa, revela o caráter não fixo dos gêneros. Daniel Welzer-Lang, ao discutir a necessidade de abandonar o androcentrismo, identifica dois obstáculos que impedem o homem de desconstruir o masculino:

1. Que os homens parem de pensar em si mesmos como os únicos do mundo, que eles aceitem considerar as mulheres e o que elas vivem e escrevem como um dos componentes do social, e não como uma especificidade do geral, do normal que supostamente só eles representariam. [...] 2. Que os pesquisadores deixem para trás o tradicional hábito masculino de não falar de si, de não querer “trair” os segredos que eles partilham, enfim, que os pesquisadores comecem a se interessar pelo seu gênero. [...] (WELZER-LANG, 2004, p. 112)

Corroborando, dessa forma, com as discussões de Scott em 1989, quando ela expôs a questão de os historiadores não mencionarem a história das mulheres como algo relevante ou a tratarem como algo à parte; e traz a questão do próprio ato de questionar, que seria, então, uma descaracterização do gênero masculino.

Em fevereiro de 2017, buscando o termo “masculinidade” no banco de teses e dissertações da CAPES, 862 trabalhos³ aparecem, com o registro de publicação entre 1989 a 2016. Em relação à autoria, 489 são de mulheres e 373, de homens⁴. Trata-se de uma informação superficial, visto que para uma análise mais eficiente, seria necessário considerar o foco de cada trabalho. Mas, de qualquer forma, não deixa de ser sintomática. João Silvério Trevisan, em seu livro *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*, comenta um simpósio universitário sobre gênero masculino, em 1995, no Rio de Janeiro, em que homens autodenominados heterossexuais contestaram sobre o paradoxo de só haver, ali, mulheres e gays falando sobre homens. Para Trevisan:

Infelizmente, o paradoxo estava neles, que atordoavam-se ante uma novidade à qual não estavam acostumados: o ato de fazer perguntas

³ A mesma busca em agosto de 2017 aparece com trinta trabalhos a mais. Fazendo uma comparação dos anos, o aumento se dá nos anos de 2015, com um trabalho; em 2016, com catorze trabalhos; e 2017, com quinze trabalhos.

⁴ É prudente contar com uma margem de erro, considerando, então, os dados como relativamente precisos. Isso porque a análise em relação à autoria se deu pelo nome dos estudiosos. Dessa forma, há nomes que são ambíguos e que podem ter sido confundidos na nossa interpretação, além de não sabermos como esses autores se identificam em relação ao seu gênero.

sobre si mesmos. Se os homens homossexuais e as mulheres estão discutindo o masculino, isso se deve a uma omissão dos próprios homens heterossexuais que nunca se julgaram “discutíveis” – mesmo porque dificilmente conseguem falar sobre si próprios. (TREVISAN, 1998, p. 26-27)

Ainda nesse paradoxo, Pedro Paulo de Oliveira, no terceiro capítulo intitulado “A discussão política e acadêmica”, da sua tese de doutorado *A construção social da masculinidade*, faz um apanhado de algumas discussões sobre a temática e afirma que, embora os homens tenham sido, sim, objeto das pesquisas em ciências sociais, isso se deu de forma tangencial. Ou seja, “[e]studos sobre a classe trabalhadora, as gangues e delinquentes, os papéis sexuais e a família, sobre sexualidade e identidade, além de muitos outros [...]” não são recentes, “mas nunca chegaram a colocar o homem, em sua condição de ser masculino, enquanto tópico essencial do debate acadêmico” (OLIVEIRA, 2004, p. 143). Nesse apanhado, Oliveira cita alguns trabalhos anteriores à década de 1970, mas foi a partir dessa década que “a masculinidade se tornou objeto precípua de análise para alguns estudos”:

Ela passou a ocupar o centro das preocupações e deixou de ser temática secundária derivada de outros interesses. Essa guinada esteve associada ao então reativado movimento feminista que no pós guerra, e principalmente nas décadas de 1960 e 1970, passava por um momento de grande efervescência (OLIVEIRA, 2004, p. 144)

É como se o homem passasse a ser considerado e pensado, também, nas suas especificidades. Passa-se, então, a “discutir a naturalização e a legitimação das diferenças de poder que beneficiam os homens em relação às mulheres, nas diversas esferas sociais” (OLIVEIRA, 2004, p. 145). Entretanto, quando Oliveira aborda a questão da “(re)apropriação da ideia de fragilidade”, vemos que esses estudos, naturalmente, estavam longe da sua maturidade:

Boa parte da literatura sobre masculinidade nos anos 70 [...] abusou da argumentação em prol dessa nova transfiguração em que o homem se revelava supostamente tão ou mais frágil do que a mulher. A ideia de uma masculinidade frágil despontou como um verdadeiro achado para alguns autores que buscavam, naquele instante, elucidar a condição masculina. (OLIVEIRA, 2004, p. 146)

Aqui há, então, a ideia de que “não apenas as mulheres sofreriam a dominação masculina de gênero: também a sofreriam seus presumidos beneficiários, os próprios homens” (OLIVEIRA, 2004, p. 146). Mas, segundo Oliveira, essa abordagem pode ser vista como vitimária. De qualquer forma, é assim que se caracteriza o início das discussões sobre as masculinidades e, ainda hoje, essa tendência aparece em alguns trabalhos.

Se na década de 70, o feminismo e as crises de identidade parecem ter encorajado os estudos das masculinidades, na década de 80 outro fato tem esse papel: a Aids:

A epidemia suscitou debates em que alguns temas tabus passaram a ser tratados e publicamente reconhecidos, como, por exemplo, a prática de relações extraconjugais homo-orientadas, nas quais os maridos contraíam a doença e passavam para as suas esposas. Além disso, o estímulo para que as mulheres passassem a negociar práticas sexuais seguras, com o uso de preservativos [...]
A Aids ensejou um questionamento quanto à eficácia da supostamente necessária (re)educação sexual, caso não se levasse em conta questões como a subordinação das mulheres e gays, implícitas nas relações sexuais convencionais, bem como aspectos socioeducacionais para a constituição das identidades de gênero. (OLIVEIRA, 2004, p. 147)

Além da epidemia em si, a reação do movimento gay em relação aos preconceitos e estigmas de uma sociedade que acreditava que os gays eram os vetores de disseminação da doença influenciaram os estudos em questão, mesmo que de forma menos relevante e tendo como foco “tentar explicitar os problemas e possíveis soluções para aspectos da inserção social dos agentes homo-orientados” (OLIVEIRA, 2004, p. 148). Ainda segundo Oliveira, outro importante fato para as pesquisas de masculinidades, agora nos anos 1990, foi:

[...] a emergência da ideia de um índice de fertilidade masculino para os estudos demográficos [...] Tal inclusão levou algumas agências internacionais de financiamento à pesquisa a se preocuparem com a masculinidade, o que acabou por se configurar numa importante fonte de estímulos e recursos para o estudo do assunto. (OLIVEIRA, 2004, p. 148)

Sobre esse fato, até então a preocupação recaía apenas no índice de fertilidade da mulher. Os fatos citados são alguns dos possíveis fomentadores desses estudos – o feminismo nos anos 70, crise de identidade, Aids, movimento

gay nos anos 80, pesquisas demográficas nos anos 90 – mas não são absolutos. Ainda é possível citar as questões da:

[...] violência e criminalidade nos centros urbanos, fenômenos de massa como surgimento das torcidas organizadas de futebol [...] mudanças em curso no comportamento masculino tradicional e o constante bombardeio que anúncios publicitários e reportagens em jornais e semanários efetuam [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 148)

Dessa forma, não é difícil perceber que os estudos das masculinidades não são monolíticos, isto é, é possível trabalhar sob diversas vertentes teórico-metodológicas; e são recentes, inclusive no campo das ciências humanas. Citando, mais uma vez, a busca do termo “masculinidade” no banco de teses e dissertações da CAPES, as áreas de conhecimento com maior publicação são as ciências humanas, com 477 trabalhos, e as ciências da saúde, com 145. A área de “Linguística, letras e artes” aparece com 98 trabalhos. No entanto, esse número diminui de forma significativa quando se restringe para a área de Literatura. Discutiremos isso pormenorizadamente no subcapítulo “As diferentes representações de masculinidades e a literatura”.

1.2.2. Entre o padrão inatingível e os outros: as representações das masculinidades

Retomando a citação de Beauvoir – para pensarmos na questão da alteridade e as diversas representações das masculinidades – quando ela lida com a ideia de alteridade, é em relação à mulher. A filósofa argumenta sobre essa questão dando outros exemplos:

Basta três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem "os outros" vagamente hostis. Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são "outros" e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados "estrangeiros". Os judeus são "outros" para o anti-semita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. (BEAUVOIR, 1970, p. 11)

Quando afirma que “[a] humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser

autônomo” (BEAUVOIR, 1970, p. 10), é possível pensar em uma outra fissura. O homem pode definir a mulher relativamente a ele, da mesma forma que algumas masculinidades definem outras relativamente a elas.

Para compreender melhor, Michael S. Kimmel, no texto “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”, cita Andre Gunder Frank e seus estudos clássicos sobre a América Latina que trabalham com a ideia de que há uma relação entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, isto é, o desenvolvimento de alguns países implicava o subdesenvolvimento deliberado e específico de outros. Através disso, faz um paralelo entre a economia e as construções históricas dos significados de masculinidade:

Enquanto o ideal hegemônico estava sendo criado, ele foi criando em um contexto de oposição a “outros” cuja masculinidade era assim problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros. (KIMMEL, 1998, p. 105)

Ele trabalha com três suposições teóricas para entender as definições hegemônica e subalterna da masculinidade. A primeira é que as masculinidades são socialmente construídas e, a partir disso, pressupõe que as:

[...] masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura ao transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual (KIMMEL, 1998, p. 105)

A segunda suposição é que as masculinidades são construídas em dois campos inter-relacionados de relações de poder: nas relações entre homens e mulheres – desigualdade de gênero – e nas relações entre homens e homens – desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, entre outros. A terceira, enfim, é que a masculinidade como uma construção imersa em relações de poder, é “frequentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada” (KIMMEL, 1998, p. 105):

Esta questão da invisibilidade é ela mesma uma questão política: os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados. A invisibilidade é um privilégio em dois sentidos – tanto

descrevendo as relações de poder que são mantidas pela própria dinâmica da invisibilidade, quanto no sentido de privilégio como um luxo. É um luxo que somente pessoas brancas em nossa sociedade não pensem sobre raça a cada minuto de suas vidas. É um luxo que somente homens em nossa sociedade façam de conta que o gênero não importa. (KIMMEL, 1998, p. 105-106)

Pensando na sociedade norte-americana, o teórico explora essas suposições para chegar a uma conclusão que deve ser básica nos estudos das masculinidades (e de gênero de forma geral): nenhuma pessoa – no caso nenhum homem – é igual à outra:

[...] não podemos falar de masculinidades como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança [...] devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos. (KIMMEL, 1998, p. 106)

Pensando num exemplo da realidade brasileira: ser homem velho, negro e homossexual no interior de Pernambuco provavelmente é muito diferente de ser um jovem branco, empresário e heterossexual na cidade de São Paulo. E ainda, ser negro na periferia de São Paulo é diferente de ser branco na região central da mesma cidade, independente de orientação sexual e idade; até mesmo ser homem negro na/da periferia é diferente de ser homem branco na/da periferia; ser gay e/ou negro, mas com uma carreira profissional considerada pela sociedade bem sucedida, é diferente de ser homossexual e/ou negro em alguma atividade não tão reconhecida; ou simplesmente ser homossexual e pobre é diferente de ser homossexual e rico. Ademais, ser homossexual e afeminado é diferente de ser homossexual e se encaixar em determinada aparência ou padrão de masculinidade aceito; e, sem dúvidas, ser homem cis é diferente de ser homem trans. Esse conjunto de variáveis provoca inúmeras situações. Conforme a combinação dessas “categorias”, esses homens terão vivências, opressões ou privilégios diferentes. Obviamente, as combinações entre as “categorias” não se esgotaram e são inúmeras.

É possível fazer um diálogo com o que Butler chama de gêneros inteligíveis: dentro da “categoria” homem, há os que mantêm a coerência exigida pela ordem de gênero e há todos aqueles corpos que, estando fora do padrão e

coerência exigidas, além de incomodarem, são desconsiderados pela sociedade normativa. De forma geral, em determinado contexto existe uma forma construída, uma ideia criada do que é ser homem e, a partir disso, existe esse padrão – o hegemônico – e os outros – minorias raciais, minorias sexuais e as mulheres. Geralmente esse padrão é inatingível. Como muito bem pontua Miguel Vale de Almeida, em *Gênero, masculinidade e poder*, “a masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingida por nenhum homem, exerce poder controlador sobre os homens e mulheres” (ALMEIDA, 1996, p. 3).

Nesse mesmo texto, Kimmel aborda diferentes modelos de masculinidade ao longo do tempo, mostrando que, em algum momento, um modelo foi/pode ser desbancado por outro. Um ponto importante para, também, ter em mente em relação aos estudos de masculinidade é que:

A principal maneira pela qual os homens buscavam demonstrar a sua aquisição bem sucedida de masculinidade era através da desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, na criação do outro. (KIMMEL, 1998, p. 113)

Ou seja, a masculinidade hegemônica está diretamente ligada à construção de determinado tipo de campo de poder. É necessário pensar, então, que, além de sabermos das diferenças históricas dos homossexuais e das mulheres em relação aos homens, dentro da categoria “homens”, também há os outros/ os subordinados, como os homens negros, pobres, indígenas, afeminados, transexuais – os corpos desconsiderados a que Butler se refere. Como Almeida aponta no já citado texto: “[a] masculinidade hegemônica é um consenso vivido. As masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia, são como que efeitos perversos desta, já lá estão potencialmente [...]” (ALMEIDA, 1996, p. 2).

A representação hegemônica é tida como o modelo a ser alcançado e, muitas vezes, essa busca é tão naturalizada que muitos não se dão conta. Como já exposto, é invisível. E acrescentamos: não só pelos que estão de acordo com esse padrão, visto que ele é extremamente difícil de ser alcançado. É possível ver homens gays que oprimem homens trans, ou homens negros que desconsideram a luta por espaço dos homens indígenas. Trata-se de exemplos ilustrativos, mas que podem acontecer e acontecem. Ainda assim, a masculinidade hegemônica – e seus

problemas – é “especialmente visível precisamente àqueles que são mais afetados pela sua violência” (KIMMEL, 1998, p. 116).

O conceito de masculinidade hegemônica, entretanto, merece atenção. Na década de 1980, o termo surgiu através da teórica Raewyn Connell. A estudiosa, juntamente com James W. Messerschmidt, no texto “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”, publicado em 2013, admite a necessidade de reformular o conceito em termos contemporâneos. Eles argumentam que, ao mesmo tempo em que o conceito influenciou os estudos de gênero de forma significativa, também teve muitas resistências. Eles sugerem, então, a reformulação do conceito em quatro áreas: um modelo mais complexo de hierarquia de gênero, enfatizando a agência das mulheres; o reconhecimento explícito da geografia das masculinidades, enfatizando a interseccionalidade entre os níveis local, regional e global; um tratamento mais específico da incorporação em contextos de privilégio e poder; e uma maior ênfase na dinâmica da masculinidade hegemônica, reconhecendo as contradições internas e as possibilidades de movimento em direção à democracia de gênero.

Os pesquisadores expõem o que consideram que deve ser mantido do conceito original e o que deve ser rejeitado. A característica fundamental do conceito continua a ser a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre as masculinidades. Eles afirmam que, da mesma forma que é possível identificar múltiplos padrões de masculinidade nos estudos em geral, em diversos países e diferentes contextos institucionais e culturais, também “é resultado de pesquisa bastante difundido o fato de que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 262). Assim, o conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas. Outra questão “é a ideia de que a hierarquia das masculinidades é um padrão de hegemonia, não um padrão de uma hegemonia simples baseada na força” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263). Ou seja, “[o] consenso cultural, a centralidade discursiva, a institucionalização e a marginalização ou a deslegitimação de alternativas são características amplamente documentadas de masculinidades socialmente dominantes” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263). Além disso, há a ideia de que a masculinidade hegemônica não necessita ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens:

Em vez disso, a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade (como as estrelas dos esportes profissionais), símbolos que têm autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263)

Por último, eles afirmam que:

As formulações originais depositaram alguma ênfase na possibilidade de transformação das relações de gênero e na ideia de que um padrão dominante de masculinidade estava aberto à contestação – da resistência das mulheres ao patriarcado, e dos homens como portadores de masculinidades alternativas. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263)

As pesquisas confirmaram a ideia da construção histórica e da reconstrução das masculinidades hegemônicas em diferentes níveis. Eles exemplificam dizendo que essas mudanças podem suscitar novas estratégias nas relações de poder, como os contratos conjugais entre pessoas do mesmo sexo, bem como podem resultar em redefinições da masculinidade socialmente admirada, sendo um exemplo disso o parceiro doméstico.

Em relação ao que deve ser rejeitado, eles apontam “o modelo muito simples das relações sociais em torno das masculinidades hegemônicas” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263), pois, no momento atual, “é claramente inadequado para nosso entendimento das relações entre grupos de homens e formas de masculinidade, e das relações das mulheres com as masculinidades dominantes” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 263-264):

Por exemplo, a dominação nas relações de gênero envolvem uma interação entre custos e benefícios, desafios à masculinidade hegemônica emergem das “masculinidades de protesto” dos grupos étnicos marginalizados e mulheres burguesas podem se apropriar de aspectos da masculinidade hegemônica ao construir carreiras profissionais ou corporativas. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 264)

Ligado a isso, “[a] noção de masculinidade como um conjunto de traços, que abriu caminho para o tratamento da masculinidade hegemônica como um tipo de caráter fixo” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 264). Essa noção recebeu diversas críticas nos escritos psicológicos recentes e, assim, “[n]ão apenas o conceito essencialista de masculinidade, mas também, em geral, a abordagem dos

traços para compreender o gênero necessitam ser completamente transcendidos” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 264).

Da mesma forma que o binarismo de gênero, já exposto na primeira parte, mostra-se problemático, ou mais especificamente, incompleto e incapaz de dar conta das várias possibilidades de “ser” e “existir”, essa dicotomia entre hegemônico e subordinado – ou padrão e o outro – também é. Ou seja, entre as duas pontas, entre os dois extremos, entre a hegemonia e a subordinação, há diversas outras representações e existências. Emprestando o conceito de “área cinza” das discussões sobre sexualidade: entre o preto e o branco, há diversos tons de cinza. A questão da hegemonia definitivamente não é fixa. É possível pensar em mais de uma masculinidade hegemônica, bem como numa disputa pela hegemonia – dependendo do lugar e da época, por exemplo. O termo, dessa forma, pode parecer contraditório, visto que mais de uma masculinidade hegemônica significaria que, efetivamente, não há hegemonia. Entretanto, mostra-se uma ferramenta lógica e um caminho de análise para recuperar representações menos valorizadas que outras, e contrapor o que as “leis” sociais dizem sobre ser o correto através de inúmeros mecanismos:

Ideias sobre comportamentos adequados a cada gênero circulam constantemente, não apenas pelas mãos de legisladores, mas também nas atitudes de padres, pais, mães, professores, publicitários, donos de pontas de estoque, apresentadores de *talk-shows* e *DJs*.(CONNELL; PEARSE, 2015, p. 38)

O uso do conceito, então, pode ser frutífero desde que se tenha um posicionamento crítico, compreendendo a importância do contexto social e cultural em cada análise e, no caso dessa dissertação, considerando o texto e objeto literário em questão.

1.2.3. Virilidade e crise do masculino

Analisando as definições disponibilizadas por três dicionários *online* – Michaelis, Aulete e Aurélio⁵ – a palavra virilidade é definida de forma interessante.

⁵ “virilidade”, in *Dicionário Caldas Aulete*, 2008, <http://www.aulete.com.br/virilidade> [consultado em 01-12-2017].

Os três definem como “qualidade ou característica de viril”, e o *Aulete* ainda acrescenta, após ponto e vírgula, a palavra “masculinidade”. Outra definição que aparece nos três dicionários é “idade entre a adolescência e a maturidade”, e, dos três, o *Michaelis* traz a definição mais completa: “idade em que o homem apresenta maior energia”. O *Michaelis* traz ainda mais três definições: “capacidade do homem procriar”; “conjunto de traços típicos do homem; masculinidade”; “vigor físico e moral”. No *Aulete*, além das já expostas, há outras duas: “energia física ou moral”; e “capacidade que tem o homem de realizar o ato sexual”. O *Aurélio* traz apenas mais uma definição, que também seria uma definição em comum entre os três dicionários, pois, mesmo que algumas palavras sejam diferentes, a ideia é a mesma: “esforço, energia, vigor”. Segundo os dicionários, então, virilidade, além de ser a característica de viril e a idade entre a adolescência e a maturidade – as crianças estão fora desse grupo –, está diretamente ligada ao vigor/energia física e moral e a capacidade ou de procriar ou de realizar o ato sexual.

Em “Antropologias da virilidade: o medo da impotência”, Claudine Haroche discorre sobre a dominação masculina, partindo da premissa de que “[o]s homens exercem, através e em nome da virilidade, uma dominação persistente, visível ou insidiosa sobre as mulheres” (HAROCHE, 2013, p. 15). Acerca da origem da dominação e virilidade, a autora afirma:

Qualquer que seja o momento histórico, a virilidade é sinônimo de força, ou pelo menos ela a supõe: força física, simbólica, mas também moral – fala-se de força de caráter –, considerada e valorizada como um traço essencial do masculino. Isto se traduziria por algumas capacidades: a aptidão para o comando e a aptidão para a decisão racional vista como necessária para o exercício do poder. A virilidade se revelaria também por algumas disposições: autodomínio, firmeza, resistência. (HAROCHE, 2013, p. 16)

Mais uma vez, a força física, simbólica e moral estão presentes para se pensar a virilidade, bem como caráter, racionalidade, exercício do poder, autodomínio, firmeza e resistência. Nesse texto, Haroche se dedica à questão da violência insidiosa, que é aquela menos explícita, menos sintomática e que pode trazer, até mesmo, uma falsa impressão de mudança comportamental dos homens

“virilidade”, in *Dicionário Michaelis*, 2015, <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/virilidade> [consultado em 01-12-2017].

“virilidade”, in *Dicionário Aurélio*, 2008, <https://dicionariodoaurelio.com/virilidade> [consultado em 01-12-2017].

em relação às mulheres. Dessa forma, é interessante pensar, também, no exercício da virilidade menos escrachado, muito mais ligado a uma dominação mental:

A virilidade é o elemento central da memória da dominação masculina. Isso equivale à dominação viril, sem, porém, se limitar a ela: ela pode ser exercida sem que um homem seja fisicamente viril, basta que ele o seja mentalmente, sabendo exercer em seu proveito a virilidade física dos outros. (HAROCHE, 2013, p. 17)

Essa noção de virilidade, defendida como natural por muitos, na verdade é construída. Como exposto, os meninos não são incluídos na definição de virilidade, mas irão ser iniciados nessa empreitada, seja pelas instituições familiares, midiáticas ou escolares. Pensando na relação entre pai e filho, o homem é o encarregado de passar a virilidade aos meninos:

Nesse quadro familiar, o sujeito masculino vai pouco a pouco procurar na identificação com a figura paterna as certezas – ou ilusões – da potência viril: é aí que ele vai encontrar, na ligação com a sua mãe, na aquiescência dela à autoridade patriarcal, a confirmação do bom fundamento dessa potência: as razões para exaltar a força e desprezar a fraqueza. É numa relação com a mãe, submissa, sacralizada, mas amada sem ser por isso respeitada, que ele vai ficar fundamentalmente dividido: preso efetivamente a alguém fraco, impotente, ainda que lhe seja ensinado, por outro lado, a valorizar no mais alto grau a potência e a desprezar a impotência. (HAROCHE, 2013, p. 29)

Ser viril é ter sucesso, força, poder, prestígio social, e também é estar distante de tudo que faça parte do “universo feminino”, como sentimentalismo e fragilidade. O desprezo pela fraqueza é o desprezo pela feminilidade, e isso é muito significativo. Em um plano superficial, vê-se a simples negação de algumas características, mais profundamente, porém, percebe-se a origem da misoginia e dominação masculina. A construção social acontece de forma que se naturalize essa rejeição ao “feminino”, o que pode culminar em violências diversas e inúmeras desigualdades. Os meninos parecem estar em um lugar confuso, angustiante, talvez transitório. Não se reconhecem viris, mas já começam a temer a fraqueza; possuem, obviamente, sentimentos, mas já não sabem como podem ou devem expressá-los. Ainda sobre o medo do feminino, Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina*, publicado primeiramente em 1998, ilumina o pensamento:

[...] o homem “verdadeiramente homem” é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de

fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública. A exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita – frágeis e princípios de fraqueza enquanto encarnações de *vulnerabilidade* da honra [...] Tudo concorre, assim, para fazer do ideal impossível de virilidade o princípio de uma enorme vulnerabilidade. É esta que leva, paradoxalmente, ao investimento, obrigatório por vezes, em todos os jogos de violência masculinos [...]. (BOURDIEU, 2017, p. 76-77)

Temos, então, a questão do padrão inatingível em que a virilidade se encaixa. O homem “verdadeiramente homem” só existe entre aspas, indicando uma expressão que possui outro sentido que não o denotativo. Desse “ideal impossível de virilidade” e a consequente dificuldade em alcançá-lo, surgem as reações violentas nas suas mais diversas formas. Outro ponto de destaque é a questão da esfera pública. Isso dialoga diretamente com os estereótipos e papéis tradicionais de homem e mulher: ao homem é destinado o espaço público, em contrapartida da mulher que deve ocupar apenas o espaço privado:

Os papéis sexuais, claramente divididos, atribuíam ao homem a função de prover materialmente a família e à mulher a responsabilidade pelo cuidado da casa e a educação dos filhos/filhas. A equação homem ⇔ espaço público e mulher ⇔ espaço privado é tida como a mais natural organização de papéis, consagrando a dependência da mulher ao homem. (RAMIRES, 1997, p. 22)

Se é no espaço público que homem deve provar sua virilidade, conseqüentemente é para os homens que ele se coloca a prova:

[...] a virilidade tem que se validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de “verdadeiros homens”. Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. (BOURDIEU, 2017, p. 77-78)

Essa necessidade de validação se configura de forma cruel. Em muitos casos, são imposições desumanas em que a moeda de troca – ou a recompensa – são os privilégios e a aceitação do “grupo”. De todo modo, “[o]s homens devem ser fortes, mais ainda, devem se mostrar fortes” (HAROCHE, 2013, p. 29):

Porém, considerados, ou se considerando como “naturalmente” viris, os homens temem acima de tudo serem descobertos na sua vulnerabilidade, serem reconhecidos na sua impotência. De maneira que a dominação masculina poderia também ser explicada como uma tentativa de dominação da impotência masculina.(HAROCHE, 2013, p. 29)

Essa explicação exposta por Haroche demonstra, finalmente, a fragilidade do ser viril. É como se a virilidade fosse, assim, desmascarada. A noção de virilidade se resume aos desdobramentos de ter força moral, física e simbólica e, diante da impossibilidade de alcançar esse ideal, emprega-se a violência – mental, física, explícita, insidiosa – com um objetivo, consciente ou não, de não serem descobertos em suas vulnerabilidades.

No terceiro volume da coleção “História da virilidade”, Jean-Jacques Courtine, também organizador do livro, faz uma introdução com um texto intitulado “Impossível virilidade”. Ele começa com uma citação do historiador Arthur Schlesinger sobre o “macho americano”. Schlesinger afirma que “[d]urante muito tempo, ele pareceu absolutamente confiante na sua virilidade, seguro do seu papel de homem na sociedade, confortavelmente, e seguro de si na percepção da sua identidade sexual” (apud COURTINE, 2013, p. 7). Em contrapartida “[h]oje em dia, os homens estão cada vez mais conscientes da virilidade não como um fato, mas como um problema. Os meios utilizados pelos americanos para afirmar sua virilidade são incertos e obscuros” (apud COURTINE, 2013, p. 7). É interessante perceber, então, essa mudança na noção de virilidade. Se durante muito tempo ela não era questionável, “hoje” ela pode ser vista até como um problema. O que chama atenção, também, é que essa citação, embora pudesse ter sido escrita nos dias atuais, como Courtine aponta, na verdade data de “uns bons cinquenta anos e situa exatamente em meados do século XX o reconhecimento de uma crise mais importante na identidade e na imagem do homem” (COURTINE, 2013, p. 7). O sociólogo Pierre Bourdieu contribui para essa compreensão:

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. Na medida em que ele tem como sujeito, de fato, um coletivo – a linhagem ou a casa –, que está, por sua vez, submetido às exigências imanente à ordem simbólica, o ponto de honra se mostra, na realidade, como um ideal, ou melhor, como um sistema de exigências que está destinado a se tornar, em mais de um caso, inacessível. A virilidade, entendida

como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência é, acima de tudo, uma carga. (BOURDIEU, 2017, p. 75-76)

Ser homem, nessa condição, assemelha-se a um “eterno vir a ser”, pois é necessário que se prove constantemente a virilidade através das mais diversas atividades. Há que se frisar, entretanto, que esse ideal de homem ligado à virilidade não totaliza as representações das masculinidades. É possível entender a virilidade como uma noção mais fechada, em contrapartida ao entendimento das masculinidades na sua pluralidade:

[...] a história da virilidade não se confunde, no entanto, com a história da masculinidade: “masculino” durante muito tempo foi somente um termo gramatical. Também no século XIX e no início do XX não se exorta os homens a serem “masculinos”, mas “viris”, homens, se dizia, “verdadeiros”... Que o “masculino” tenha vindo a suplantar o “viril” é bem o sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho. (COURTINE, 2013, p. 9)

A virilidade prevê uma representação baseada na força, na autoridade e no domínio e, por isso mesmo, sua crise é um paradoxo na contemporaneidade: como compreender que essa representação baseada nessas características “tenha acabado por parecer frágil, instável e contestada?” (COURTINE, 2013, p. 11). Tem-se, assim:

[...] uma contradição entre o ‘modelo arcaico dominante’ e o conjunto das transformações políticas, sociais e culturais que reclamaram, ao longo do século, dos homens assim como das mulheres, uma redefinição das identidades sexuais que desse lugar à igualdade e à partilha. Pois tudo indica, na nossa atualidade mais recente, que as formas tradicionais de dominação masculina e seu quinhão de violências habituais, caso não tenham desaparecido, encontram menos facilmente do que outrora o abrigo dos silêncios complacentes e das indiferenças coniventes. (COURTINE, 2013, p. 11)

Aqui vemos os apontamentos para as novas compreensões das relações sociais entre os sexos, além de uma necessidade de se pensar sobre essas mudanças que, além de apontar para novos caminhos, cobram, de certa forma, um posicionamento. É comum a confusão entre virilidade e masculinidade, no sentido de serem compreendidas como sinônimos. Uma das possibilidades para essa ocorrência está no fato de que o homem viril, em muitos contextos – talvez em

grande parte –, constitui um modelo de masculinidade a ser seguido e alcançado, o padrão, o hegemônico. Diante das mudanças que Courtine expõe, vemos que:

Tudo isso contribuiu muito mais para afetar a identidade masculina com uma instabilidade crônica do que teria feito do homem viril uma espécie em vias de desaparecimento. Parece, portanto, mais justo dizer que a virilidade entrou numa zona de turbulências culturais, num campo de incertezas, num período de mutação. E que, enfim, não há absolutamente por que se espantar que este possa ser o caso. O modelo, de fato, se fundou como natureza no corpo, baseado numa imagem de força física e de potência sexual, por um lado; num ideal de autodomínio e de coragem, por outro lado. Isto significa dizer que ele sempre foi acompanhado, como sendo a sua face oculta, pelo temor da vulnerabilidade corporal, pela apreensão diante do enfraquecimento sexual, pela sobra da falência moral. (COURTINE, 2013, p. 11)

Dialogando com essas ideias, alguns teóricos discutem a questão da crise masculina. Sócrates Nolasco, no artigo “Um ‘homem de verdade’”, trabalha com a ideia de que a crise masculina transcende a individualidade, afirmando que ela se define também como parte de uma crise nos valores sociais. Ele parece fazer uma contextualização moral para ilustrar onde a crise masculina está inserida. O autor menciona um “vácuo moral”, e cita os valores do materialismo, do hedonismo, da permissividade, do relativismo e do consumismo como os traços que assentam a crise citada. Discorre, ainda, sobre a valorização do privado, o individualismo, a cultura niilista e os vínculos que são efêmeros e se sustentam no jogo do mercado para trazer a ideia de que “[o]s valores materiais imperam diante dos afetivos e a competição vigora perante a solidariedade” (NOLASCO, 1997, p. 16). Para ele, “[h]oje, o que nos outorga humanidade está presente não mais em princípios morais ou éticos, muitos menos nas relações pessoais, mas sobretudo na tentativa de reinventar o humano através do tecnológico, aproximando-o cada vez mais da máquina” (NOLASCO, 1997, p. 16). Chega, então, à crise masculina que:

[...] se define diante dessa transição e pode ser compreendida como uma tentativa, uma possibilidade para os homens diferenciarem-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido para eles. Essa crise representa a quebra do cinismo a respeito da existência de um homem de verdade em torno do qual o menino é socializado. (NOLASCO, 1997, p. 17)

E completa:

A literatura que trata da crise masculina critica a crença de que um homem se faz através de sucessivas vitórias. Essa “ditadura do vencer” é substituída por um tipo de engajamento pessoal em que perdas e ganhos são incluídos como parte do caminho. Aqui, o fracasso é considerado um elemento por meio do qual podemos elaborar valores consistentes. Com esse exercício, aprendemos a reagir positivamente diante das nossas dificuldades, bem como daquelas que surgem ao longo das nossas vidas. (NOLASCO, 1997, p. 17)

Mais uma vez, é possível perceber que a crise masculina está ligada à noção de virilidade. Essa masculinidade baseada no “ser viril” não permite ambiguidades e, na mesma proporção que é rígida e fechada, é também inalcançável e opressora. A virilidade, portanto, é fabricada de acordo com o referencial de homem de verdade e, por isso mesmo, é algo a ser constantemente conquistado e provado. A discussão da noção de virilidade e crise masculina é importante para o entendimento de que os estudos das masculinidades, embora atentos à complexidade dessas questões, não pretendem se limitar a determinado padrão de masculinidade socialmente estabelecido. Entender essas questões ajuda na compreensão em relação ao que estamos lidando quando enfocamos a figura do homem e, principalmente, quando pensamos em literatura. Dessa forma, o próximo subcapítulo discutirá o tema “Masculinidade e Literatura”, abordando as possibilidades desses estudos em relação aos objetos literários.

1.3. MASCULINIDADES E LITERATURA

A teoria sobre “Literatura e gênero” não é pequena. Desde a década de 1960, o desenvolvimento do pensamento feminista fez com que a mulher se tornasse objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, inclusive da Literatura. Esse é, portanto, o foco dessas pesquisas: a mulher como autora silenciada, a mulher enquanto personagem secundária, a revisitação ou mapeamento de obras de autoria feminina, a discussão dos estereótipos femininos, as reivindicações do lugar da mulher na história e na sociedade.

Considerando os estudos das masculinidades, o cenário é outro. No já citado levantamento no banco de teses e dissertações da CAPES feito em fevereiro de 2017, e atualizado em agosto de 2017, com a busca do termo “masculinidade”, quando filtramos para “Linguística, letras e artes”, no filtro “grande

área conhecimento”, o resultado é de 98 trabalhos. Desses 98 trabalhos, 35 têm como objeto um texto literário⁶.

Entre os autores que aparecem nos títulos dos trabalhos⁷ estão: Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Newton Moreno, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Rubem Fonseca (*Feliz ano novo*), Adolfo Caminha (*Bom-crioulo*), Henry Miller (*Tropic of Cancer* e *Tropic of Capricorn*), Lorraine Hansberry (*A Raisin in the Sun*), Amiri Baraka (*Dutchman*), James Baldwin (*Blues for Mister Charlie*), Caio Fernando Abreu (*Limite Branco*), Bernardo Santareno, Érico Veríssimo (*Um certo capitão Rodrigo*), José Saramago (*O Evangelho Segundo Jesus Cristo; A Caverna e o Ensaio Sobre a Lucidez*), Machado de Assis (*Ressurreição, A mão e a Luva, Helena e Iaiá Garcia*), Eça de Queirós (*O primo Basílio*), Shakespeare (*Coriolano e Antônio e Cleópatra*), João Gilberto Noll (*Acenos e Afagos*), Lourdes Ramalho (*As Velhas*); Raul Pompéia (*O Ateneu*), Radclyffe Hall (*The Well of Loneliness*), João Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*), Annie Proulx (*Brokeback Mountain*), Evel Rocha, Germano Almeida e Dina Salústio, Hélia Correia (*O número dos vivos*), Bernardo Carvalho (*Onze*), Raduan Nassar. Alguns autores aparecem mais de uma vez, como Rubem Fonseca, Machado de Assis, Érico Veríssimo e Adolfo Caminha.

É possível notar, então, que a lista é variada. Além disso, estamos considerando tanto os trabalhos que envolvem as questões homoafetivas, como aqueles em que as masculinidades aparecem atreladas às feminilidades. Ou seja, muitos desses trabalhos não possuem como centro as questões das masculinidades. Há, contudo, trabalhos que focalizam a crise da masculinidade, o tema do homem moderno e a crise da identidade masculina – assuntos bem em voga nos estudos das masculinidades desde o seu surgimento. Ainda assim, é inegável que, mesmo incluindo algumas variantes, o número de trabalhos é pequeno.

De forma parecida, mesmo que haja livros organizados com a temática das masculinidades, há poucas publicações brasileiras com o tema “masculinidades e literatura” – um exemplo é o volume 16 da *Revista Estação Literária*, organizada pelos pós-graduandos de Letras da Universidade Estadual de Londrina, com o dossiê de “Masculinidades e Literatura”, publicada em junho de

⁶ É necessário considerar, também, que há a possibilidade de outras áreas terem como objeto um texto literário.

⁷ ANEXO A – Lista de teses e dissertações.

2016. No VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Masculinidades, realizado no Mar Hotel, em Recife/PE, no período de 02 a 06 de abril de 2017, de 231 apresentações de pôsteres, apenas cinco promoviam o diálogo entre masculinidades e literatura; e de 214 comunicações em grupos de trabalhos, apenas sete dialogavam com algum objeto literário⁸.

Ao compararmos os estudos de gênero que focalizam a mulher e os estudos das masculinidades, constatamos que a bagagem teórica do primeiro já é muito bem estruturada. Se em algum momento houve a necessidade de legitimação e validação, hoje é possível afirmar que os estudos das mulheres possuem tradição dentro dos estudos literários, bem como uma trajetória respeitável. Já os estudos de masculinidades e literatura estão, ainda, no momento de tentar se estruturar. A linha de raciocínio, entretanto, parece se repetir em relação aos estudos das mulheres: se por muito tempo a arte foi masculina e patriarcal, qualquer mudança nesse sentido será vista com reticências. Isso porque, mesmo que a atenção possa ser voltada para a figura do homem nos estudos das masculinidades, aqui se pretende explorá-la de uma forma diferente do que a tradição previu. Isto é, “o macho como centro do poder e defensor dos valores universais”, como Silviano Santiago aponta em um curto texto intitulado “Arte masculina?” (1995). Ao discutir a condição masculina, os estudos das masculinidades pretendem examinar, também, essa figura vista como intocável e inquestionável. Abordando a questão da estética, Santiago desenvolve a ideia de que:

A adjetivação do substantivo estética por masculino ou feminino significa que o que era dado como universal pelos compêndios de filosofia que tratavam dos problemas estéticos nada mais era do que a confusão entre universalidade e masculinidade, ou seja, era universal tudo o que recalcava o que não era masculino. (SANTIAGO, 1995, p. 100)

Dessa forma, os valores universais, vistos antes como inabaláveis, passam a ser vistos com menos certeza. Ainda assim, é necessário entender que esse estremeamento – ou desconstrução – não pretende a simples negação ou subestimação desses valores. Citando a leitura desconstrutora de Jacques Derrida, Santiago desenvolve o pensamento afirmando que:

⁸ ANEXO B – Lista de Pôsteres e Comunicações.

Trata-se antes de abalar, num primeiro gesto, o alicerce em que se assenta o já-pensado pelo Homem, tal qual esse já-pensado foi posto em prática e se tornou dominante. Abalado o alicerce pelo efeito da leitura desconstrutora, segue-se a tarefa de avaliá-lo com a intenção de enxergar o que ele escondeu, escamoteou e recalçou, para possibilitar que, em cima do escondido, do escamoteado e do recalçado, ou seja, do que é dado com pura negatividade (o feminino e os masculinos, tanto faz), se construísse o belo edifício sólido, justo por um lado e injusto por outro, das categorias universais. (SANTIAGO, 1995, p. 101)

Aqui podemos pensar tanto nas produções de autoria feminina, por exemplo, que escancaram as opressões e a dominação masculina, como nas obras em que a figura do homem viril é desconstruída ou não sustentada. Um exemplo possível desse último é pensar na trajetória do herói da epopeia para a personagem do romance. No primeiro, a construção é a de um ser pleno que existe em relação ao coletivo; no segundo, o sujeito encontra-se fragmentado e há um esvaziamento de sentido sobre a vida. Dessa forma, é possível fazer um paralelo com diferentes representações das masculinidades: na epopeia, o herói é sempre bravo, corajoso, guerreiro e vence no final – força física, simbólica e moral; no romance, o protagonista deixa de ser um grande guerreiro, conquistador, com seus rígidos códigos de honra e valores de nobreza e passa a ser um homem comum cujas ações passam a girar em torno de dramas corriqueiros. A literatura se mostra, então, um terreno fértil tanto para a problematização em relação aos comportamentos padrões, quanto para o rompimento deles. É possível pensar na literatura enquanto um lugar favorável para essas mudanças e até como um instrumento de desconstrução e reflexão do que é classificado como masculino, feminino e mesmo universal. Vemos, dessa forma, um relativismo nessas ideias, e a respeito disso, Santiago afirma:

[...] relativismo que estamos falando, repito, se é a afirmação de movimentos atuais e atuantes da vida política, social e cultural que podem eventualmente se decompor na anarquia da fragmentação ou no irracionalismo, é principalmente o modo como podemos mapear e começar a compreender os múltiplos movimentos sociopolíticos e culturais setorizados que buscam a liberação do ser humano, a partir da reinserção afirmativa desses movimentos setorizados nos sistemas dados como universais. Escondido, escamoteado, recalçado, pura negatividade – o setorizado volta à tona para dialogar afirmativamente com a força universal que o escondeu, escamoteou ou recalçou. (SANTIAGO, 1995, p. 101)

Aqueles que, por algum motivo – social, político, econômico –, não eram considerados nos ideais de universalidade e, por isso mesmo, escondidos, escamoteados, recalcados, parecem, então, emergir de um limbo. As reivindicações vistas nos últimos anos nos movimentos das minorias estão calcadas exatamente nesse relativismo, desde as minorias étnicas até as nacionais:

[...] minorias étnicas (o negro e índio), religiosas (os vários conflitos entre ocidentais e muçulmanos no Oriente Médio), sociais (a luta pela emancipação feminina nas sociedades patriarcais), sexuais (a luta dos homossexuais e lésbicas pelos direitos civis), nacionais (os diversos conflitos deflagrados pelo questionamento do que significa o substantivo “união” quando adjetivado por “soviético”), e assim por diante. (SANTIAGO, 1995, p. 101)

Nesse ponto, é interessante recorrer aos estudos culturais, que ampliaram o corpus dos pesquisadores da área de literatura não só considerando outras expressões – como as telenovelas, o cordel, os anúncios publicitários, as histórias em quadrinhos – mas também recuperando grupos marginalizados, como as já citadas minorias. Os estudos culturais não são unanimidade entre os teóricos e críticos literários. Há quem desconsidere as expressões citadas. A nossa posição, entretanto, é a de entender que essa ampliação enriqueceu e enriquece os estudos literários, tanto na possibilidade de revisitação de obras já canônicas por outros vieses e perspectivas, como pelo olhar atento a produções e autorias que antes não eram sequer consideradas.

Antes de finalizar o seu texto, Santiago discute a questão da estética em diálogo com a questão da “identidade de formações sociais ou de grupos organizados que foram escondidos, escamoteados ou recalcados para que se erguesse o belo sólido edifício da Universalidade” (SANTIAGO, 1995, p. 102). Embora ambas as noções estejam em crise – a de estética e de identidade – a crise não é, necessariamente, negativa. Essa estética inabalável, a de *E* maiúsculo, como aponta Santiago, era aquela que “confundia universalidade e falocentrismo”. Hoje temos “várias estéticas com e minúsculo que são altamente afirmativas de identidades precárias que queremos afirmar no jogo de forças no campo artístico” (SANTIAGO, 1995, p. 102), e se é daí que a noção de estética entra em crise, podemos pensar nessa situação como aquele momento que precede um tipo de evolução ou mudança. Se há uma crise é porque as fissuras se tornam visíveis e, assim, pelas pequenas frestas pode ser que entre um pouco de luz.

A ironia dessa discussão que Santiago propôs está numa mudança de lugar interessante: “o Homem, cujos valores se confundiam com os valores universais, é hoje recolocado em outra condição, a de representante de uma minoria. Em outras palavras: o que representa hoje, após o feminismo, a antiga e universalizante noção de homem?” (SANTIAGO, 1995, p. 102). A partir dessa pergunta, e pensando em evitar lugares comuns, Santiago conclui o seu texto:

[...] o homem está onde nunca esteve. Passa por uma séria crise de identidade, estigmatizada por elementos afoitos e despreparados como impotência sexual. Mas neste preciso momento – é bom salientar – o homem já não mais confunde a sua própria crise com a crise da história e da humanidade. O novo lugar que ocupa, aparentemente secundário, medíocre e desvantajoso, retira-o da condição de único provedor e, por isso mesmo, único mártir, e leva-o a dialogar com as forças plurais que o cercam e o questionam, conduzindo-o a uma atitude que, longe de negar a sua busca de identidade, procura construí-la em detrimento das identidades de outros grupos em nome dos quais egoística e autoritariamente falava. (SANTIAGO, 1995, p. 102)

A voz do homem já não é universal e as representações baseadas em determinados padrões tampouco. Há crises, estremecimentos, problematizações e abalos. É necessário repensar, refletir e reorganizar, e o campo de análise e investigação em relação à literatura se mostra amplo para isso. Luiz Carlos Simon, em “Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e Literatura no Brasil”, elabora o que chama de “desdobramentos da temática”, que seriam como subtemas dentro do tema maior “masculinidades”. Ele afirma que: “[a] amplitude das masculinidades requer do pesquisador uma divisão que facilite o acesso às particularidades da temática e viabilize a exequibilidade de um projeto dessa natureza” (SIMON, 2017, p. 5). Nesse artigo, o pesquisador discute as particularidades desses estudos em relação à literatura e aponta como possibilidade “[...] o interesse por um determinado autor, romancista, poeta, dramaturgo, contista ou cronista que apresente farto material no que diz respeito às situações vivenciadas pelos homens” (SIMON, 2017, p. 5), mas, sobretudo:

[...] uma das formas de compreensão das masculinidades está no reconhecimento de temas integrantes de um conjunto maior ou de assuntos correlatos que poderão se apresentar como alternativas mais cativantes para pesquisadores em fase de definição. (SIMON, 2017, p. 5)

Dessa forma, para sua própria organização e também para servir de norteamento para outros pesquisadores, ele enumera alguns possíveis desdobramentos:

a) as masculinidades segundo o espaço geográfico; b) as masculinidades segundo contextos de época; c) o corpo; d) estudos de masculinidades e estudos feministas; e) as masculinidades e os gays; f) a violência; g) a paternidade; h) educação, infância e juventude; i) a heterossexualidade; j) masculinidades hegemônicas e subalternas; k) crise do homem ou das masculinidades e vitimização; l) virilidade, desempenho e honra; m) representações na mídia; n) questões de gênero – masculino, feminino, homens, mulheres; o) estereótipos e suas alternativas; p) relações familiares; e q) amor, afetos e emoções. (SIMON, 2017, p. 6)

Trata-se, dessa maneira, não de uma lista fixa e esgotada, muito menos de temas radicalmente separados e distintos. Os temas podem dialogar, bem como outros podem surgir. Nesse artigo, ele desenvolve alguns dos tópicos para a melhor compreensão e, assim, vão se delineando inúmeras possibilidades de abordagem da literatura em relação aos estudos das masculinidades. Em relação aos objetos literários, agora no artigo intitulado “O discurso literário sobre as masculinidades nos anos 1970: duas crônicas de Luis Fernando Verissimo”, Simon ilumina o pensamento acerca da revisitação de obras canônicas:

Quanto ao território das manifestações literárias, é necessário cercar-se de cuidados e proceder à releitura minuciosa de diversas obras, inclusive aquelas já consagradas, que podem proporcionar reavaliações segundo perspectivas empregadas que privilegiem a questão da masculinidade e de como essa instância pode interferir sobre construção de personagens, desdobramento de tramas e constituição de discursos. Assim, é viável retomar Bentinho em Machado de Assis, Sérgio d’O Ateneu, de Raul Pompéia, Frederico Paciência, do conto homônimo de Mario de Andrade, Paulo Honório, em Graciliano Ramos, e ainda Riobaldo ou Diadorim, em Guimarães Rosa, limitando a apenas alguns exemplos canônicos da prosa brasileira, para instaurar ou reafirmar outras formas de apreciação destas produções literárias nas quais o componente masculino pode suscitar análises profícuas. (SIMON, 2016, p. 228-229)

O pesquisador explicita algumas possibilidades de abordagem em obras já muito discutidas. De forma geral, todos os autores e obras citadas não foram trabalhados exaustivamente pela perspectiva das masculinidades. Homens desajustados, ciumentos, em transição da infância a maturidade, oprimidos, incompreendidos, violentos, engolidos por padrões afetivos e estereótipos de

virilidade: todas essas possíveis análises encontram suporte nos estudos das masculinidades. O que a configuração dessas personagens aponta? O que o texto tem a dizer em relação à construção da subjetividade masculina? E em relação aos conflitos pelos quais as personagens passam, o que eles representam na figura do homem? Ainda sobre as obras canônicas, Mark Millington, na introdução de *Hombres in/visibles: la representación de la masculinidad en la ficción latino-americana, 1920-1980*, ao explicar que uma parte do seu livro lida com obras canônicas, expõe que:

En esse sentido, aunque suena paradójico, me parece que el corpus sí tiene un elemento de representatividad y refuerza la opinión de que la masculinidad es un fenómeno que los imaginarios culturales intentan dar por sentado, examina con poca frecuencia, y muchas veces dejan de reconocer excepto como una parte aparentemente natural y transparente de las vidas de los hombres. Por lo tanto, mis análisis tratan con frecuencia de descubrir una dimensión de los textos escogidos que parece virtualmente invisible y que, sin embargo, es un elemento vital de sus presuposiciones. Ésa es una razón por la cual son tan importantes los textos canónicos, que me parece que surgen de este análisis desde una perspectiva muy diferente de la que ha arrojado la crítica ortodoxa: leer a contracorriente y concentrarse en la masculinidad revela algunos de los componentes básicos de los imaginarios de los textos. Este interés en los escritos canónicos da la oportunidad de analizar como los hombres se representan a sí mismos, ya que, en su gran mayoría, los escritos canónicos de América Latina son de hombres. (MILLINGTON , 2007, p. 51)

Antes desse trecho, Millington explica que algumas obras canônicas escolhidas para análise não tratam das masculinidades especificamente e, em seguida, traz alguns pontos importantes em relação a isso. Além de comentar sobre a questão da autoria, ele expõe o fato de que alguns aspectos concernentes às masculinidades podem passar despercebidos em diversas análises, ou por não serem examinados, ou por não serem reconhecidos; além de argumentar como outra perspectiva, contra a corrente e focalizando nas masculinidades, pode ser produtiva.

No terceiro capítulo desse livro, intitulado “Masculinidades y modernidad en la ficción brasileira, 1934-1979”, Millington mostra as possibilidades de diálogo entre masculinidades e Literatura com objetos literários brasileiros. Ele reforça a ideia de que a temática de gênero não está em primeiro plano nas obras escolhidas, pois não incorporam problematizações sobre a masculinidade, mas

afirma que “a medida que los personajes masculinos negocian sus relaciones con la modernidad y la modernización se desarrollan fallas interesantes en la forma tradicional de la masculinidad” (MILLINGTON , 2007, p. 143). Ele reafirma, ainda, que “al igual que en las sociedades patriarcales tradicionales, en los textos seleccionados la masculinidad y lo que constituye la subjetividad del hombre son relativamente invisibles” (MILLINGTON , 2007, p. 143) e, dessa forma, o esforço seria o de buscar signos de quebras culturais e mudanças sociais que tornam as masculinidades mais visíveis. Assim, além de identificar e apontar estereótipos, vemos a possibilidade de trabalhar as insuficiências de uma masculinidade hegemônica, muitas vezes ligada à virilidade.

O autor analisa *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado, *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, e alguns contos de *O vampiro de Curitiba* (1965), de Dalton Trevisan, e *Contos reunidos* (1963-1979), de Rubem Fonseca. Em suas análises, Millington aponta algumas características nas personagens masculinos, como no caso de Paulo Honório, de *São Bernardo* (1934):

Paulo Honório puede querer una hacienda moderna, pero no es un hombre moderno; es profundamente autoritario e inflexible. Y el hecho de que no consigue construir una subjetividad más flexible se convierte en su ruina. (MILLINGTON, 2007, p. 147)

Nesse sentido, segundo o autor, essa inflexibilidade é uma questão de gênero, pois, desde o começo até o final, a conduta de Paulo Honório é totalmente pautada no desempenho tradicional da masculinidade: “assertivo, aquisitivo y controlador” (MILLINGTON, 2007, p. 147). Aqui é como se Millington trabalhasse com a ideia de masculinidade tóxica, isto é, as características expostas fazem mal tanto para quem se relaciona com esse homem – Madalena comete suicídio – como para ele mesmo.

Já em *Jubiabá* (1935), o autor destaca outras características da masculinidade tradicional, agora em Balduino: “El joven Balduino construye su estatus sobre la imagen de ser un macho que sabe liderar una banda de muchachos, que corre riesgos, que nunca evita la violencia y que tiene éxito con las mujeres.” (MILLINGTON , 2007, p. 153). Em outras palavras: força física, moral e sexual. Ele constrói sua identidade através do seu corpo, como se fizesse disso sua ferramenta para lutar contra a sua condição de subalterno – jovem pobre e negro.

Nessa personagem, há uma trajetória de amadurecimento que acompanha a consciência política. Porém, para Millington, “[...] teniendo en cuenta la representación del género em el resto de la novela, es difícil imaginar que se modificará profundamente, en especial porque no se examina de manera explícita” (MILLINGTON, 2007, p. 158).

Em *Lavoura Arcaica*, Millington focaliza as diversas facetas do protagonista André. Um ponto importante do romance é a questão da forma de família patriarcal. Acerca disso e da relação entre pai e filho, o autor expõe:

[...] la posición de su padre es la de una insistencia tradicional en la conformidad, los absolutos y la obediencia, pero sin ninguna capacidad para articular razones que justifiquen la aceptación de esos principios. La insistencia patriarcal parece totalmente suficiente para el padre. En contraste, André subraya el hambre de un individuo, no en sentido literal, sino en término de la necesidad de responder a todas las necesidades humanas en una forma que el patriarcado parece incapaz de comprender [...] André explica lo inevitable de la insatisfacción y la desilusión, en un contexto donde, para él, el ser humano es un tejido enormemente complejo y ambivalente de necesidades y deseos. (MILLINGTON, 2007, p. 162)

Isso acontece já na segunda parte do romance, onde o protagonista se mostra em outra configuração de homem. O conflito entre gerações mostra, então, que aquele mundo fechado e rígido em que o pai, baseado em valores patriarcais, acredita, não é tão inabalável assim.

Por último, nos livros de contos o autor destaca o fato de que as masculinidades já aparecem de forma mais explícita. Em *O vampiro de Curitiba* (1965), Millington fala sobre Nelsinho e seus fracassos: “Los cuentos ridicularizan constantemente las pretensiones de macho de Nelsinho, y el mismo diminutivo de su nombre es un signo de eso” (MILLINGTON, 2007, p. 167). Além disso, “[...] muestran una importante capacidad para cuestionar y repensar las identidades establecidas de género, poniendo al desnudo los prejuicios y la violencia del sistema dominante de género” (p. 169). Acerca de *Contos reunidos* (1963-1979), de Rubem Fonseca, “[...] las características más notables en muchos de los cuentos son el entorno urbano y su violencia. Los personajes masculinos están en el centro de este mundo, responsables de perpetuar la violencia” (MILLINGTON, 2007, p. 169):

Los protagonistas masculinos de los cuentos de Fonseca son animales enjaulados que atacan al azar en un intento desesperado por mantener algo de su poder y un vestigio del sentimiento de

autodeterminación [...] Dentro del caos urbano, los personajes masculinos son mónadas, sin la capacidad para una vida interior o la autorreflexión. (MILLINGTON, 2007, p. 170)

O autor faz um recorte de obras brasileiras com o objetivo de dialogar com as questões de gênero e, mais especificamente, o homem em relação à modernidade. Nesse recorte, que vai da década de 1930 até o final de 1970, a subjetividade masculina é escancarada, bem como a noção de que a condição masculina está sujeita a pressões sociais, mostrando-os, dessa forma, como sujeitos potencialmente inseguros, inadequados e fragmentados.

Retomando o artigo “O discurso literário sobre as masculinidades nos anos 1970: duas crônicas de Luis Fernando Verissimo”, além das obras canônicas, Luiz Carlos Simon enfatiza o período correspondente às duas ou três últimas décadas do século XX. Segundo ele:

Nessa faixa de tempo, ainda no contexto brasileiro, já transitam outros prosadores como Caio Fernando Abreu, Roberto Drummond, João Gilberto Noll, Edgard Telles Ribeiro, Sérgio Sant’Anna, Moacyr Scliar e Luiz Vilela, aptos, pela afinidade e sintonia com o tempo vivenciado, a expor uma construção ficcional mais impregnada das experiências perturbadoras a que os homens eram submetidos no plano das relações de gêneros. (SIMON, 2016, p. 229)

Assemelha-se, assim, às afirmações de Millington acerca dos livros de contos de Dalton Trevisan e Rubem Fonseca. É como se as obras mais recentes estivessem, também, em maior consonância com as mudanças pelas quais as relações de gênero passaram e passam. Ou melhor, a temática das masculinidades é, de fato, mais evidente nos autores citados e, portanto, pode ser mais facilmente detectada e até mesmo central. Ainda para Simon, “[e]ssa grande visibilidade vai se concretizar mesmo no século XXI”, ou seja, em relação à temática das masculinidades se sobressair no texto literário, o último século tem sido mais profícuo. Mara Barasch, em “Sexo e afeto no cotidiano do homem”, ao falar do “processo de modernidade” explica que:

Não é exatamente uma escolha. Ele se vê forçado a caminhar acompanhando os rumos da vida moderna. Quando usamos a expressão “homem moderno”, temos a impressão de que esse novo caminho é percorrido por pessoas inteiradas das dificuldades e da evolução natural das coisas [...] Engana-se quem pensa assim. O chamado homem moderno é apenas o fruto de uma tempestade de variações e mudanças, vindas de uma forma tão repentina e

inesperada que não existem caminhos alternativos senão os que levam a tornar-se uma parte dessa modernidade. Para ele só resta uma opção: ou evolui, ou está fora. (BARASCH, 1997, p. 95)

Esse homem a quem Mara Barasch se refere parece ter sua representação refletida em obras literárias: homens em transição, em crise, ou mesmo novas configurações e representações. Nesse sentido, se pensarmos na Literatura como o lugar em que muitas revoluções e mudanças se antecipam e, mais especificamente, a crônica, “[d]ois cronistas podem ser reconhecidos como autores que trazem a questão masculina para um primeiro plano a partir dos anos 2000: Xico Sá e Carpinejar” (SIMON, 2016, p. 229). Em seus textos, ora com tom de comentário, ora ficcionais, os autores expõem incertezas, crises e mudanças que esse homem moderno vem enfrentando. Desilusões amorosas, fracassos sexuais, mudanças de comportamento, exposição de sentimentos: eles tocam em assuntos frágeis, delineiam uma crise da virilidade e tiram, enfim, aquele peso de um padrão normativo da ideia de ser homem. Aqui não esgotamos as possibilidades de autores que se detêm sobre a temática, mas enumeramos alguns que se destacam.

Ainda pensando nos possíveis caminhos de análise, além dos já expostos, é importante pensar e entender, mais uma vez, a Literatura como um lugar fecundo para o questionamento do masculino. É possível, sim, analisar as figuras masculinas em relação à violência e dominação – estereótipos masculinos consagrados pelo senso comum – mas a tarefa de sair desses “consensos”, por vezes, está mais em confluência com a Literatura. Como Peter F. Murphy expõe, na introdução de *Fictions of masculinity: crossing cultures, crossing sexualities*:

Myths of masculinity have been perpetuated in literature, art, popular culture, and the politics of our daily lives. This anthology focuses on the role literature has played in reinforcing the assumptions about masculinity and, at times, helping to establish the norm of manhood. These chapters also attempt to identify other images, other roles, other options. (MURPHY, 1994, p. 1)

Consideramos instigante a análise de estereótipos que não conseguem se sustentar, bem como a procura por novos caminhos e novas representações. É através de sutilezas textuais que podemos entrar em contato com essa percepção de mudança, de rompimento, de desvio da normatividade. E é através disso que uma nova consciência pode ser expandida e compreendida. Acerca dos ensaios que ele reúne em livro, Murphy afirma:

By examining images of masculinity in modern literature, the chapters explore traditional and nontraditional roles of men in society and in personal relationships. The authors inspect the representation of men in literature – the fiction of manhood – and they attempt to unravel the assumptions behind this imagination. And they speculate on possibilities for creating a new image of masculinity by identifying what literature has to say about changing these social rules. (MURPHY, 1994, p. 2)

No texto literário, não temos uma história absolutamente banal, tampouco temos construções aleatórias. Há que se considerar as escolhas de tempo e espaço, as trajetórias das personagens, as perspectivas dos narradores, o trabalho com a linguagem e, também, o contexto histórico em que a obra foi produzida. Como Antonio Candido afirmou lá na década de 1970, acerca da influência da sociedade na Literatura ou até que ponto a Literatura é social: “[d]izer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo” (CANDIDO, 1985, p. 19). É através, então, de como é trabalhado no texto tanto a reprodução como o rompimento de padrões que a Literatura nos ajuda a refletir sobre as questões de gênero.

Pensando no referencial teórico utilizado para as análises, as ideias expostas por Jason Cortés, em *Macho Ethics: masculinity and self representation in Latino-Caribbean narrative*, iluminam a questão. Na introdução do seu livro, Cortés chama a atenção para a invisibilidade das masculinidades e fala sobre o seu objeto literário:

Masculinity is not a monolithic concept, but a historically discontinuous one – a fabrication as it were, of a given cultural circumstance. As an unmarked term and practice, masculinity speaks through its silence, and its usually deployed as an absence. In other words, precisely because masculinity negates its existence, qua its inherent instability, its effects can be from pernicious to downright precarious. The aim of this book is to draw attention to that absence, to that invisibility, in order not only to make masculinity visible, but also to tend to catalogue the different types of masculinity that might be prevalent in, say, the Cuban or Dominican sociocultural contexts, or historicize the construction of masculinity in Latino Caribbean societies or communities. This book is not a sociological study on the experience of Caribbean masculinities within island or diasporic contexts. Although such a book would stand to make an important contribution to the Latin American studies and Latino studies fields, ultimately *Macho Ethics* is a book that delves into literary and cultural criticism, even if enlightened by philosophical questions or gender studies approaches. (CORTÉS, 2015, p. 1-2)

Corrobora, então, com as ideias já expostas de que o homem está inserido, historicamente, em uma categoria inquestionável e universal. Mais importante, porém, o autor afirma que seu livro tem como objetivo aprofundar as críticas literárias e culturais, mesmo que estejam muitas vezes amparadas por abordagens de gênero ou questões filosóficas. Murphy também expõe essa questão ao afirmar que:

[...] men have just begun to articulate a critical analysis of masculinity in contemporary culture and in modern literature. More recent, and sometimes more radical, books have been written by sociologists, psychologists, and historians, not literary or cultural critics. (MURPHY, 1994, p. 5)

Veremos que em, nossas análises, os contos dialogarão, muitas vezes, com teorias e discussões de áreas como Psicologia, Filosofia, História e Sociologia. Essas áreas possuem um especial interesse pelas questões das masculinidades, mas o nosso interesse é mostrar como essas questões podem ser profícuas ao pensarmos em determinados objetos literários. Cortés afirma: “This book is more about ‘way of reading’ than about the historical relevance of a particular ‘turn’, be it the masculinity studies one, or the ethical” (CORTÉS, 2015, p. 2). Ou seja, trata-se de uma possibilidade de análise pelo viés das masculinidades, de perceber uma forma de ler e interpretar o objeto literário através de uma perspectiva que nem sempre foi considerada e explorada.

A exigência de uma coerência nos indivíduos, fictícios ou não, constitui uma prática interessante. O ideal de masculinidade representa uma generalização e, como já exposto, um padrão inatingível. Por isso mesmo, desconsidera as particularidades de cada sujeito. Pensando na Literatura Brasileira, algumas representações são explicitamente ambíguas, como Maria Moura, Diadorim e Luzia Homem⁹. Essas representações, despreocupadas com a repetição de códigos, simulam um tipo de subversão. Por outro lado, há representações na Literatura que reproduzem determinados padrões. Entretanto, é necessário estar atento ao efeito de sentido que esses textos buscam. Em Luiz Vilela, lidaremos com a representação de estereótipos, como o chefe de família e o pai violento, mas, mesmo que haja essa reprodução, veremos que as expectativas de determinada

⁹ *Memorial de Maria Moura* – Rachel de Queiroz (1992), *Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa (1956); *Luzia-Homem* – Domingos Olímpio (1903).

prática padrão não serão supridas em sua plenitude. Haverá, dessa forma, a exploração de perfis de gênero que falham na constituição da “máquina heterossexual”, isto é, as figuras masculinas parecem romper com qualquer ideia de papel fixo. Um pai que chora, demonstra preocupação, expõe sentimentos, divide com a mãe os afazeres domésticos e as demandas emocionais do filho. Aqui temos, também, ambiguidades, menos explícitas e menos chocantes, mas que não deixam de enunciar a incoerência.

A exigência de um padrão socialmente aceito, a cobrança da sua coerência e, principalmente, a reação sobre isso, tem gerado inúmeras discussões. A proposta, até agora, foi a de viabilizar os estudos das masculinidades dentro dos estudos de gênero para, então, viabilizar os estudos de gênero e das masculinidades dentro dos estudos literários. A partir disso, explicitaremos tanto a urgência das discussões sobre gênero e a necessidade da sua abordagem, como as potencialidades da Literatura para compor esse quadro.

1.4. URGÊNCIA, ESTRATÉGIAS E PONTOS EM COMUM

Uma pesquisa na ferramenta de busca do *google* mostra alguns fatores sintomáticos em relação às discussões sobre gênero. Ao digitar “teoria sobre gênero”, os *links* que aparecem na primeira página, com poucas exceções, não são, de forma alguma, informativos – embora possuam claramente uma posição.

O acesso aconteceu no dia 21 de julho de 2017, na cidade de Londrina-PR. O primeiro *link* disponível é do site “Aleteia”, com um texto publicado em março de 2013, com o título “A teoria de gênero superou o conceito de homem e mulher?”¹⁰. Através de um texto articulado em que o autor parece mostrar domínio sobre o assunto, vemos alguns desserviços como a própria frase inicial do texto “Devido à ideologia ligada ao gênero, existe hoje uma dificuldade real de definir exatamente o que é o ser humano” (Aleteia Vaticano, 2013). Se por um momento é possível pensar que se trata apenas de um deslize em que o autor não se deu conta do efeito de sentido da sua frase, através de algumas argumentações, compreendemos que não:

¹⁰ Disponível em: Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2013/03/26/a-teoria-de-genero-superou-o-conceito-de-homem-e-mulher/>>. Acesso em: 21/07/2017.

As teorias chamadas "de gênero" provocaram, na sociedade atual, uma revolução no conceito de pessoa humana; segundo tal conceito, o que importa é o desejo subjetivo do indivíduo. E as leis apoiam esta ideia em muitos casos. Estamos diante de uma crise dos direitos do homem e da dignidade da pessoa sexuada? (Aleteia Vaticano, 2013)

O autor emprega informações imprecisas, como “o que importa é o desejo subjetivo do indivíduo” sem discorrer sobre as ideias, bem como parece usar do artifício da dúvida e do excesso de informação solta para, além de não esclarecer, deixar o leitor confuso. Um exemplo extremo disso é quando utiliza dados sobre fecundação *in vitro* em um texto que pretende discutir a teoria de gênero e o conceito de homem e mulher, dizendo que essa biotecnologia “já não vem para compensar uma deficiência da natureza, mas para substituí-la” (Aleteia Vaticano, 2013). Vemos o quão problemático e manipulador pode ser o texto quando o autor aponta questões aparentemente muito ponderadas, mas que se pensadas com certa bagagem de estudo e criticidade, revelam bem aonde o autor pretende chegar. Como “[a] identidade homem/mulher parece uma noção ultrapassada para certas correntes feministas, que veem nesta distinção uma dominação masculina oculta e, portanto, a consideram como potencialmente perigosa para as mulheres” (Aleteia Vaticano, 2013), e aqui devemos nos atentar para as expressões como “dominação *oculta*” e “*potencialmente perigosa*”. O texto todo é carregado de desinformação e tudo que é afirmado com convicção não é exemplificado.

O segundo *link* é um editorial da *Gazeta do Povo*. Publicado em junho de 2015, o título é “Educação e teoria de gênero”¹¹, e o título auxiliar, “[o]bserva-se uma tentativa de impor aos estudantes teorias controversas e carentes de fundamentação científica”. No lide, o autor explica que “estados e municípios em todo o país estão correndo para aprovar seus planos estaduais e municipais de educação, que devem conter metas e estratégias para o setor até 2024” (Gazeta do Povo, 2015), e afirma que a maior polêmica é a tentativa de inclusão de itens relacionados à teoria de gênero, que conta com a mobilização da população. Essa reportagem elucida um pouco da realidade social brasileira que vem sofrendo tentativas insistentes de opressão em relação a qualquer discussão que fale das diferenças. O autor recupera o fato de o Congresso Nacional ter refutado a teoria de

¹¹ Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/educacao-e-teoria-de-genero-351ihkpngqv6lsqx851vr0iac>>. Acesso em: 21/07/2017.

gênero no Plano Nacional de Educação e ter feito pressão para que o mesmo acontecesse nos âmbitos estadual e municipal. Nesse sentido, o Ministério da Educação assumiu o posicionamento de interceder para que os responsáveis pelos planos desses dois âmbitos contemplassem o que havia sido rejeitado no Congresso. O autor da matéria, então, expõe esse fato de forma negativa, afirmando que “isso, sim, constitui um desrespeito ao Legislativo federal e uma forma inaceitável de ‘virada de mesa’” (Gazeta do Povo, 2015). Os ares são de guerra. Os interesses e direito às diversidades são desconsiderados e, mais que isso, os congressistas, que possuem inúmeros interesses e posicionamentos ideológicos diversos, além de, naturalmente, nem sempre terem uma ligação direta com a questão da educação brasileira, são colocados como soberanos em relação ao Ministério da Educação – esse sim constituído por especialistas e estudiosos da área da educação. O autor se propõe a ajudar na compreensão de tanta polêmica explicando o que “está em jogo”. Afirma, dessa forma, que “[i]ncluir a teoria de gênero nos planos de educação seria trazer para as escolas, de forma indiscriminada, convicções morais e de valores que não necessariamente correspondem às dos pais dos alunos” (Gazeta do Povo, 2015). Tomando como referência outra reportagem da *Gazeta do Povo*, publicada no dia 14 de junho, ele diz que:

O principal postulado dos ideólogos da teoria de gênero é o de que masculino e feminino são *meras* construções sociais e que *independem* do sexo biológico de cada indivíduo. Sendo assim, cada pessoa poderia inclusive *mudar sua opção* de “gênero” ao longo da vida. A reportagem traz frases de escritoras feministas que não poderiam ser mais claras a respeito das bases da teoria de gênero: “As diferenças genitais entre os seres humanos já não importariam culturalmente”, escreveu Shulamith Firestone em *The Dialectic of Sex*, de 1970; “O gênero é uma construção cultural; por isso não é nem resultado causal do sexo, nem tão aparentemente fixo como o sexo [...] homem e masculino poderiam significar tanto um corpo feminino como um masculino; mulher e feminino tanto um corpo masculino como um feminino”, afirmou Judith Butler em *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. (Gazeta do Povo, 2015, grifo nosso)

Nesse caso, o autor parece tentar exemplificar o que quer dizer, porém, mais uma vez, faz uso de frases soltas que não revelam muita informação. As expressões “meras construções”, “independem do sexo biológico” e, principalmente “poderia inclusive *mudar sua opção* de ‘gênero’ ao longo da vida”

mostram como o autor não tem conhecimento do que se propõe a discutir, muito menos dos textos que abordam o tema. Em algum momento, ele se refere ao mundo acadêmico como “justamente a ‘casa’ de muitos dos formuladores dos planos de educação”, dizendo que esses encaram “as ‘questões de gênero’ por um viés muito diferente daquele da maioria da população” (Gazeta do Povo, 2015). Juntamente com o outro trecho, o autor mostra, ainda, que não tem conhecimento sobre as propostas para a educação que incluem questões de gênero. No auge da sua desinformação e, conseqüentemente, do seu desserviço, o autor expõe seus pensamentos de forma que se confundam as discussões acadêmicas com o que se pretende levar às escolas. Dessa forma, ele insiste em defender uma interferência do estado. Ele argumenta que nada impede que colégios privados adotem a teoria de gênero e “pautem nela seu dia a dia, dando aos pais que compartilham dessas ideias a opção de lá matricular seus filhos” – e compara com as escolas particulares confessionais – mas, o maior problema, segundo ele, seria “quando se trata da escola pública – que, sabemos, para a maioria dos alunos e seus pais não é exatamente uma opção” (Gazeta do Povo, 2015):

Correr-se-ia o risco de violar o artigo 12 da Convenção Americana de Direitos Humanos, segundo a qual “Os pais e, quando for o caso, os tutores, têm direito a que seus filhos e pupilos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.” (Gazeta do Povo, 2015)

Temos, então, a confusão entre religião, moral e convicção com o simples debate sobre as diferenças. O autor intenciona desenvolver a ideia de que as teorias de gênero são controversas, mas confunde a questão da informação e da educação com doutrinação. Falar sobre a condição das mulheres na sociedade; expor que existe, pelo simples fato de realmente existir, pessoas com sexualidades e formas de se expressar diferentes uma das outras; ensinar a aceitação e o respeito às diferenças; isso tudo vai contra a moral e a convicção de uma família?

O terceiro *link* é direcionado para o site *Wikipédia*, um projeto de enciclopédia colaborativa, universal e multilíngue estabelecido na internet que tem como propósito fornecer um conteúdo livre, objetivo e verificável, que todos possam editar e melhorar¹², sobre teoria *queer*, e não se mostra problemático, pois apenas

¹² Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_queer>. Acesso em: 21/07/2017.

expõe as definições, o surgimento e os teóricos que trabalham com o tema. O quarto *link* é uma reportagem do G1, publicado em outubro de 2016, com a manchete “Papa diz que teoria de gênero é 'guerra global' contra o casamento”¹³, com o título auxiliar de “Pontífice citou a existência de uma 'colonização ideológica' contra a família”. O lide diz que “O papa Francisco alertou, neste sábado (1), sobre uma ‘guerra global’ contra o casamento tradicional e a família, dizendo que ambos estão sob ataque pela teoria de gênero e o divórcio”. A reportagem expõe que Francisco fez seu comentário em uma resposta improvisada, ao responder a uma mulher que o questionou sobre a teoria de gênero ser ensinada em escolas. Sem elaborar a resposta, o pontífice teria dito: "Você mencionou um grande inimigo do casamento: teoria de gênero", além de expor que existe uma guerra global para destruir o casamento: “[n]ão com armas, mas com ideias... temos que nos defender da colonização ideológica.” (G1, 2016). O autor dessa reportagem, diferente das outras, parece ser mais imparcial. Explica, de forma breve, que “[a] teoria de gênero, em geral, é o conceito de que, enquanto uma pessoa possa ser biologicamente masculina ou feminina, ela tem o direito de se identificar como homem, mulher, os dois ou nenhum” (G1, 2016), e expõe o que parece ser um posicionamento contraditório do maior líder religioso:

Francisco, que tem aceitado mais os homossexuais do que seus predecessores, mas se opõe ao casamento gay, também parecia estar se referindo a isso quando disse que o "casamento é a coisa mais bonita que Deus criou", acrescentando que a Bíblia diz que Deus criou a mulher e o homem para se tornarem uma só carne. Na mesma resposta, ele disse que a aceitação cada vez maior do divórcio era outra ameaça à família.

Aqui não se trata de uma crítica infrutífera sobre religião ou líderes religiosos. Há que se considerar o lugar de onde a fala vem, da mesma forma que é necessário considerar o fato de como uma instituição religiosa influencia a sociedade. Essa exposição mostra o que aparece na primeira página da ferramenta de pesquisa mais usada em todo o mundo. Reportagens que não informam, não esclarecem, são parciais e que podem confundir aqueles que estão alheios a essa questão. Há, ainda, no quinto *link*, o direcionamento para um vídeo no *Youtube* de um vereador eleito em Londrina com uma campanha pautada contra a “ideologia de

¹³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/papa-diz-que-teoria-de-genero-e-guerra-global-contra-o-casamento.html>>. Acesso em: 21/07/2017.

gênero”. O vídeo se intitula “Teoria de gênero: conceito”¹⁴ e faz parte de uma série de vídeos que pretende abordar o assunto. É necessário se atentar ao fato: uma pessoa que se diz contra a “ideologia de gênero” se propõe a falar, esclarecer e discutir o assunto e aparece na primeira página da busca. O conteúdo é ínfimo e mal vale a discussão. Ele apenas pega palavras do discurso de uma estudiosa de gênero, Judith Butler, para tentar deslegitimar as ideias. É o famoso discurso esvaziado, que se fala “bem”, mas não se fala nada. No curto vídeo, ele dá a entender que já leu a obra *Problemas de Gênero*, mas apenas com uma frase isso é posto em dúvida: ele diz que a autora em questão quer substituir “sexo” por “gênero” e, logo em seguida, apela para argumentos essencialistas e biológicos.

Os quatro *links* que seguem a partir disso são de estudiosos do tema. Um deles é resposta da economista italiana Elisabetta Addis, professora da Universidade de Sassari e da Libera Università Internazionale degli Studi Sociali Guido Carli (LUISS), de Roma, à declaração do papa, publicado originalmente no *site* HuffingtonPost.it, em outubro de 2016, e traduzido por Moisés Sbardelotto¹⁵. Dialogando com o discurso de Francisco, Elisabetta Addis argumenta que gênero não é uma teoria, e sim um fato. Ela fala da criação de estereótipos e expectativas sociais baseadas na característica biológica e das mudanças desses mesmos estereótipos e expectativas ao longo da história e ao longo da geografia, e argumenta, também, que há muitas teorias de gênero e mais de uma explicação do gênero. Nesse sentido, ela diz:

Você também tem uma teoria de gênero. A teoria católica de gênero diz – não pretendo ser exata; na exegese bíblica, existem diversas interpretações, mas me ensinaram mais ou menos assim – que a primeira mulher foi feita a partir da costela do primeiro homem, que, como ela sugeriu comer um fruto proibido, todo a dor do mundo é culpa dela, e não do primeiro homem que comeu dele ou de ambos. Que quando Deus se encarnou ele escolheu uma menina virgem, o que sugere que há algo de errado em ser mulher e não ser virgem. Na religião de vocês, um dado biológico – ter um pênis – é um requisito essencial para desempenhar a mais importante função cultural, ser sacerdotes. Só os homens estão habilitados a ser mediadores entre os seres humanos e o divino: todos, inclusive as mulheres, devem periodicamente ir ao encontro desses sacerdotes homens para contar o que fizeram para ter a confirmação de que isso está bem ou não. (Instituto Humanitas Unisinos, 2016)

¹⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TNcCIKWP9Ec>>. Acesso em: 21/07/2017.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/560779-a-teoria-de-genero-do-papa-artigo-de-elisabetta-addis>>. Acesso em: 21/07/2017.

Segue abordando outras religiões e retoma mais uma vez a questão de que:

A atual teoria católica de gênero reproduz características presentes em uma maioria das culturas – não em todas: o domínio do sexo masculino sobre o feminino, e o fato de dar mais valor a características e comportamentos masculinos em relação aos femininos. Na realidade, sobre esse segundo ponto, a cultura católica é ambivalente. De fato, em certos aspectos, ela valoriza, nos homens e nos sacerdotes, características que no estereótipo atual, seriam virtudes femininas. Favorece a escuta, a acolhida, a partilha, a paz, em vez da violência, da competição pela vitória, da guerra. (Instituto Humanitas Unisinos, 2016)

Nesse momento, ela parece querer expor a necessidade de encontrar um ponto de encontro com a religião católica, afirmando a importância do feminismo e da imprudência das declarações feitas pelo líder religioso, visto que, para ela, “[o] gênero não é um inimigo da família. É um objeto de estudo fascinante, que, para ser verdadeiramente entendido, requer conhecimentos biológicos, filosóficos, psicológicos, antropológicos, econômicos” (Instituto Humanitas Unisinos, 2016).

Depois, há três *links* que encaminham para artigos que tratam da questão de gênero. Um foi publicado na revista *Gênero*, da Universidade Federal Fluminense, e tem como título “Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas”¹⁶, de Rafael De Tilio, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em que “se apresenta uma apreciação teórica das principais perspectivas sobre o conceito gênero que auxiliam a compreender a organização das práticas sociais” (TILIO, 2014, p. 125). O outro, com o título “Gênero na teoria social: Papéis, interações e instituições”¹⁷, de Juliana Anacleto dos Santos, mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, “apresenta três planos ou teorias de gênero que nos aproximam de uma melhor compreensão sobre os caminhos percorridos pela sociedade que nos leva a um ambiente propício para que homens e mulheres tenham acesso desigual a recursos e bens simbólicos escassos” (SANTOS, 201?). E, finalmente, o *link* seguinte encaminha para o texto “Teoria das representações sociais e teorias de

¹⁶ Disponível em: < <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/626/380>>. Acesso em: 21/07/2017.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf>>. Acesso em: 21/07/2017.

gênero”¹⁸, publicado em 2002, da autora Angela Arruda, cujo objetivo é “oferecer uma breve panorâmica da teoria psicossociológica das representações sociais, estabelecendo algumas pontes com as teorias feministas de gênero” (ARRUDA, 2002).

O último *link* é de uma página chamada “O fiel católico”, e o texto que aparece tem como título “Teoria de gênero? – ou – A sociedade ocidental enlouqueceu de vez?”¹⁹, publicado em junho de 2015, pelo professor Joathas Bello, mestre em Filosofia pela PUC-RJ e Doutor em Filosofia pela Universidade de Navarra (Espanha) e, segundo a descrição “atualmente professor No Seminário da Diocese de Niterói, na faculdade de São Bento e na FAETEC-RJ”. Embora afirme que o papel de homem e de mulher “é construído, em boa medida, na sociedade, pois ele não vem ‘pronto’, por assim dizer” (BELLO, 2015), a ideia defendida pelo autor é de que os papéis sociais da masculinidade e da feminilidade têm, sim, relação com o sexo biológico. Ele argumenta que:

Trata-se, portanto, de interpretar o que é ser varão ou mulher, e não de que cada um "decida" se é homem ou mulher (ou, ainda, um terceiro 'gênero' nem masculino, nem feminino, mas "neutro"). Não se "constrói" a masculinidade ou a feminilidade, simplesmente, mas sim o sentido social desta diferença. [...] Uma real preocupação com as injustiças ou opressões concretas que se cometem em nome de uma concepção rígida dos papéis sociais masculino e feminino deveria apelar à igual dignidade ontológica das pessoas feminina e masculina, mas nunca a uma condição sexual amorfa, que poderia ser modelada arbitrariamente. Não existe "pessoa humana" em abstrato: toda pessoa é pessoa feminina ou masculina; a condição sexuada é fato inerente ao ser humano. (BELLO, 2015)

Em determinada parte do texto, o autor menciona os “teóricos” do gênero que, para ele, são:

[...] na realidade, ideólogos, e a questão não é científica, mas política: é parte de um programa político mais amplo cuja pretensão é destruir a imagem cristã da família, a beleza da complementariedade entre os sexos, a profundidade do amor humano entre homem e mulher, para erigir, em seu lugar, uma “família” fundada exclusivamente no que a teologia cristã chama “concupiscência”, o desejo irracional propalado por Nietzsche e Freud. (BELLO, 2015)

¹⁸ Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000300007&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 21/07/2017.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2005/06/teoria-de-genero-ou-sociedade-ocidental.html>>. Acesso em: 21/07/2017.

Toda a discussão de gênero, então, é resumida por ele como a pretensão de destruir a família cristã, desconsiderando o objetivo de entender o próximo, acolher aqueles que não se encaixam no que a sociedade prescreve e respeitar a diferença. Em momento algum o autor expressa suas ideias com relatividade, ele apenas faz afirmações sem deixar margem para a dúvida. Finaliza considerando taxativamente que:

Uma ideologia assim deve ser vencida pela força do testemunho de amor das famílias, conjugado à firmeza na recusa de toda e qualquer influência dessas ideias sobre os filhos. Tais ideias são erradas do ponto de vista lógico e são nocivas do ponto de vista moral. (BELLO, 2015)

De Aproximadamente 956.000 resultados em 0,47 segundos, como o próprio buscador coloca, esses são os 10 primeiros resultados. Dos 10, os que não tratam a questão de forma problemática – tirando também as definições do Wikipédia e a notícia da declaração do papa – são textos longos, com uma possibilidade grande de não serem lidos por pessoas que não são estudiosas do tema. O que apresenta uma maior possibilidade de ser lido de forma corriqueira é a carta em resposta ao papa que, embora informativa e esclarecedora em alguns pontos, pode ser instantaneamente vista com maus olhos por estar discordando do líder da igreja católica, a religião mais difundida no Brasil.

Esses textos trazem a reflexão de que “esses esforços para manter ideias essencialistas sobre a inflexibilidade do ser mulher e ser homem são uma evidência forte de que suas fronteiras não são lá muito estáveis” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 41). Mais que isso, não se trata apenas de fronteiras, mas também de desigualdades: as igrejas, em sua maioria, são gerenciadas por homens, a maior parte das riquezas e dos cargos fundamentais corporativos está nas mãos dos homens, assim como as instituições, a política, a tecnologia e economia. Com uma rápida pesquisa, vemos os esforços que uma parte conservadora da sociedade vem empregando para tentar convencer as pessoas de que essas discussões não só não valem a pena, como ameaçam a família tradicional – desde *sites* voltados exclusivamente para a religião católica a portais de notícia *on line* muito acessados, como *Gazeta do Povo* e *G1*.

Embora tenhamos motivos para sermos pessimistas, há outros para sermos otimistas. Mesmo que haja teorias conflitantes sobre gênero e problemas relacionados ao gênero relativamente difíceis de serem resolvidos – como apontam Connell e Pearse – “[a]inda assim, temos uma grande riqueza de conhecimentos sobre gênero, advinda de décadas de pesquisa, e um repositório de experiência práticas do que constitui uma reforma no gênero” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 36). De forma otimista, elas afirmam, e corroboramos com essa visão, que “temos uma base melhor do que qualquer outra geração anterior jamais teve para compreendermos as questões de gênero” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 36). Apesar de assustadoras, as manifestações de ódio que temos visto contra a “ideologia de gênero” e “a favor da família” significam que os estudos de gênero conseguiram avançar. Essa resposta, na verdade, configura-se como uma tentativa de barrar mais avanços, mas não há volta para o que já foi alcançado.

No primeiro capítulo desta dissertação, de forma alguma, a intenção foi simplesmente comparar as teorias. Cada uma sendo fruto do seu tempo, o intuito foi perceber os possíveis diálogos. Possivelmente, de forma estratégica, podemos pensar que os estudos feministas, os estudos de gênero e os estudos de masculinidades se cruzam não por serem idênticos ou semelhantes, mas por possuírem objetivos finais próximos. Os métodos, as abordagens, as figuras focalizadas e até mesmo os objetivos específicos podem se diferenciar, mas, no fim, o que se pretende é uma sociedade mais justa e igualitária, bem como o respeito à diversidade, e isso só é possível através da busca por direitos iguais, considerando, sim, suas especificidades, mas nunca priorizando um em detrimento do outro. Como Beauvoir afirma, ao discutir as tentativas de provar que a mulher é superior, inferior ou igual ao homem:

Se quisermos ver com clareza devemos sair desses trilhos; precisamos recusar as noções vagas de superioridade, inferioridade, igualdade que desvirtuam todas as discussões e reiniciar do começo. (BEAUVOIR, 1970, p. 21)

Nesse sentido, a Literatura enquanto lugar que nos torna mais humanos e empáticos ajuda a compor esse quadro. Como exposto, o texto literário pode ser um lugar fértil para essas discussões. Da revisitação de obras canônicas ao olhar atento a produções desconsideradas; da problematização dos comportamentos padrões ao rompimento e novas representações; da reflexão do

que é classificado como masculino e feminino à desconstrução de estereótipos. É possível lidar com construções masculinas antigas e novas; com reprodução de valores patriarcais e a quebra deles. Como bem aponta Simon:

A literatura é, portanto, um espaço de experimentações também dessas matérias que movimentam homens e mulheres. Um autêntico laboratório posto a serviço de observações que precisam ser atentas e que requerem, ainda, doses de sensibilidade para o acompanhamento das experiências. Os estudos literários não devem abdicar de uma concentração ativa sobre todas essas práticas, pois esse mergulho no processo de criação dos escritores e a alimentação do diálogo com as reflexões teóricas sobre as masculinidades serão muito produtivos para amadurecer os modos de ler, discutir e reavaliar potencialidades da vida masculina. (SIMON, 2017, p. 21)

É possível, então, criar um tipo de categoria de análise em que o olhar atento a uma perspectiva antes desconsiderada nos leva a uma compreensão crítica de uma realidade que nos rodeia. É na ficção que novas representações podem surgir, e é antecipando novas representações que o aval de “ser” pode influenciar a visão e as manifestações de outras pessoas.

2. UM CONTISTA NATO: BIOGRAFIA, LUGAR NA LITERATURA, FORTUNA CRÍTICA E CONTÍSTICA DE LUIZ VILELA

Este capítulo está dividido em quatro partes. A primeira parte expõe a biografia de Luiz Vilela, tendo como base os dados biográficos organizados pelo GPLV – *Grupo Literatura e Vida*, antes *Grupo Luiz Vilela*, criado por estudiosos e pesquisadores da sua obra e disponibilizados em blog. A segunda parte discute o lugar de Luiz Vilela na Literatura e faz um breve panorama da trajetória literária do autor que, aos 75 anos, já completou 50 só de carreira, além de reconhecimento e a atenção de críticos, estudiosos, pesquisadores e jornalistas. A terceira parte comenta sua fortuna crítica, a partir, primeiramente, de um levantamento no banco de teses e dissertações da CAPES feito em junho de 2017, a fim de verificar os trabalhos já produzidos na pós-graduação – nosso interesse maior –, e, também, da fortuna crítica completa disponibilizada pelo GPLV, que inclui teses e dissertações que tenham algum capítulo sobre Luiz Vilela, TCC's, trabalhos de especialização, periódicos, livros, artigos em livros e em periódicos acadêmicos, comunicações, filmes e publicações diversas. A última parte discute a contística de Luiz Vilela e traz, dessa forma, um comentário geral sobre as suas coletâneas e, sobretudo, sobre os 19 contos em que a relação entre pais e filhos aparece.

2.1. BIOGRAFIA

Luiz Vilela é um mineiro, nascido em Ituiutaba, no dia 31 de dezembro de 1942. Segundo sua biografia²⁰, foi:

Criado numa família em que todos liam muito e numa casa onde “havia livros por toda parte”, segundo ele conta em entrevista a Edla van Steen (*Viver & Escrever*), era natural que, embora tendo uma infância igual à de qualquer outro menino do interior, ele desde cedo mostrasse interesse pelos livros. (Grupo de Pesquisa Literatura e Vida, GPLV)

Desse interesse, sua escrita começou aos 13 anos e já aos 14 começou a publicar: primeiro, num jornal de estudantes, *A Voz dos Estudantes*, e, depois, num jornal da cidade, o *Correio do Pontal*. Com um início possivelmente

²⁰ Disponível em: <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/noticias.html>. Acesso em: 02/09/2017.

precoce, aos 15 anos enviava semanalmente uma crônica para o jornal *Folha de Ituiutaba*. Publicou contos na “página dos novos” do *Suplemento Dominical do Estado de Minas* e ganhou, por duas vezes, um concurso de contos do *Correio de Minas*. Os grandes feitos, ainda em sua juventude, se mostraram uma constante:

Aos 21, com outros jovens escritores mineiros, criou uma revista só de contos, *Estória*, e um jornal literário de vanguarda, *Texto*. Estas publicações, que, na falta de apoio financeiro, eram pagas pelos próprios autores, marcaram época, e sua repercussão não só ultrapassou os muros da província, como ainda chegou ao exterior. Nos Estados Unidos, a *Small Press Review* afirmou, na ocasião, que *Estória* era “a melhor publicação literária do continente sul-americano”. Vilela criou também, com outros, a *Revista Literária*, da U.M.G.

Em 1967, aos 24 anos, depois de se ver recusado por vários editores, Luiz Vilela publicou, à própria custa, em edição graficamente modesta e de apenas mil exemplares, seu primeiro livro, de contos, *Tremor de Terra*. Mandou-o então para um concurso literário em Brasília, e o livro ganhou o Prêmio Nacional de Ficção, disputado com 250 escritores, entre os quais diversos monstros sagrados da literatura brasileira, como Mário Palmério e Osman Lins. (Grupo de Pesquisa Literatura e Vida, GPLV)

Depois de ter sido reeditado por uma editora do Rio, com *Tremor de Terra* Luiz Vilela se tornou conhecido e foi considerado “A Revelação Literária do Ano”. Foi, ainda, redator e repórter no *Jornal da Tarde*; premiado no I Concurso Nacional de Contos (1968), do Paraná; teve seu conto “Por toda a vida”, do *Tremor de Terra*, traduzido para o alemão e publicado na Alemanha Ocidental – numa antologia de modernos contistas brasileiros; premiado no II Concurso Nacional de Contos, do Paraná; ganhou o Prêmio Jabuti (1974), da Câmara Brasileira do Livro, para o melhor livro de contos de 1973, com *O Fim de Tudo* – publicado por uma editora que ele, juntamente com um amigo, fundou em Belo Horizonte, a Editora Liberdade; teve um antologia publicada na Alemanha, pela Babel Verlag, de Berlim, de seus contos, *Frosch im Hal* (1996); teve seu conto “Fazendo a barba”, incluído na antologia *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século* (2000) e um curta-metragem, *Françoise*, baseado no seu conto homônimo, dirigido por Rafael Conde; a série *Brava Gente* (2001), da TV Globo, foi uma adaptação de seu conto “Tarde da noite”; o livro *Tremor de Terra* integrou a lista das leituras obrigatórias do vestibular

da UFMG, em 2003; o livro *A Cabeça* foi um dos dez finalistas do I Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira e finalista também do Prêmio Jabuti. Ademais:

Vários contos de Vilela foram adaptados pela Rede Minas para o programa *Contos de Minas*. Também a TV Cultura, de São Paulo, adaptou três contos seus, “A cabeça”, “Eu estava ali deitado” e “Felicidade”, para o programa *Contos da Meia-Noite*, com, respectivamente, os atores Giulia Gam, Matheus Nachtergaele e Paulo César Pereio. E um outro conto, “Rua da amargura”, foi adaptado, com o mesmo título, para o cinema, por Rafael Conde, vindo a ganhar o prêmio de melhor curta do Festival de Cinema de Brasília. O cineasta adaptaria depois, em novo curta, um terceiro conto, “A chuva nos telhados antigos”, formando com ele a “Trilogia Vilela”. Ainda em 2003, o governo mineiro concedeu a Luiz Vilela a Medalha Santos Dumont, Ouro. (Grupo de Pesquisa Literatura e Vida, GPLV)

Aos 24 anos, Luiz Vilela já produzia há 10 e, possivelmente, esse seja um dos motivos para que o seu reconhecimento literário tenha começado, também, tão cedo. Antonio Hohlfedt, em *Conto brasileiro contemporâneo*, publicado em 1981, o aponta como “talvez uma das maiores surpresas reveladas pela literatura brasileira nos últimos quinze anos”, além de ser “dono de obra numerosa, que vive exclusivamente do diálogo no qual ele expressa sua visão de mundo.” (HOHLFEDT, 1988, p. 197). Temístocles Linhares chega a afirmar que “[n]inguém alcançou tão cedo a notoriedade como o escritor de *Tremor de Terra*” (LINHARES, 1973, p. 45), e Assis Brasil afirma categoricamente, em 1973, que “para autor da sua idade [...] tem um domínio surpreendente de técnica de linguagem, e seu amadurecimento literário é um fato” (BRASIL, 1973, p. 120). Hoje, considerado referência na prosa contemporânea, ele se dedica inteiramente à Literatura. Publicou sete livros de contos, cinco romances e quatro novelas. Além disso:

Luiz Vilela já foi traduzido para diversas línguas. Seus contos figuram em inúmeras antologias, nacionais e estrangeiras, e numa infinidade de livros didáticos. No todo ou em parte, sua obra tem sido objeto de constantes estudos, aqui e no exterior, e já foi tema de várias dissertações de mestrado e teses de doutorado. (Grupo de Pesquisa Literatura e Vida, GPLV)

2.2. LUGAR NA LITERATURA

Considerando cinco histórias literárias importantes – Afrânio Coutinho (1959), José Aderaldo Castello (1962), Alfredo Bosi (1970), Carlos Nejar (2007) e Luciana Stegano-Picchio (1997)²¹, Luiz Vilela é citado, mesmo que muito brevemente, em todas.

Em *A Literatura no Brasil*, na conclusão, quando aborda a nova literatura brasileira, Luiz Vilela é citado por Coutinho na parte sobre conto, juntamente com Ivan Ângelo: “Luiz Vilela, um jovem de 27 anos, já publicou três livros, *Tremor de Terra* (1967), *No Bar* (1968) e *Tarde da Noite* (1970). É a melhor revelação de contista dos últimos anos: o poder narrativo aliado à observação lírica e contundente da vida.” (COUTINHO, 1986, p. 255).

Em *A Literatura Brasileira: origens e unidades (1550-1960)*, de José Aderaldo Castello, Luiz Vilela é citado, no segundo volume em um apêndice de “estreantes das décadas de 60 a 70”, com o livro *No Bar* (1968). É importante ressaltar que o crítico se detém apenas até os anos 1960 em sua história literária e, ainda assim, cita o contista.

Em *História concisa da Literatura Brasileira*, o escritor também aparece apenas em uma nota de rodapé, em que Bosi explica que:

[...] tem consciência dos riscos a que se expõe quem faz uma relação, ainda que sumária e apenas exemplificadora, da ficção contemporânea [...] as lacunas não significam omissão voluntária, mas impossibilidade material de cobrir toda a área de documentos a analisar. (BOSI, 2006, p. 448)

Dessa forma, ele cita sua antologia, *O conto brasileiro contemporâneo*, em que “foram incluídos contos de alguns dos melhores prosadores contemporâneos”, inclusive de Luiz Vilela. Naturalmente, as referências feitas são às primeiras obras do autor, devido à data de publicação das histórias literárias. Como em *História da Literatura Brasileira: da Carta de Caminha ao contemporâneos*, em que Nejar comenta sobre o seu ofício de contista:

Tremor de Terra (1967) já revelou o contista em sua plenitude criadora. Seu texto é preciso, límpido. Uma vocação luminosa para o gênero. Mesmo ao tentar o romance, fulgura apenas o contista, como em *O inferno é aqui mesmo* (1979), porque ninguém escapa de sua

²¹ Aqui colocamos os anos da primeira publicação de cada história literária. É necessário considerar, entretanto, reedições e revisitações por parte dos críticos.

maior natureza. É um visual e com poucas tintas aciona suas criaturas. Como se as desenhasse num corte, em imprevistos lances. Com prudência de gerar expectativa no leitor. (NEJAR, 2011, p. 913)

O crítico aborda, também, a sua linguagem, que é “[...] saborosamente de Minas, os achados tomam fala de povo” (NEJAR, 2011, p. 913-914). Segue comentando as outras obras e toca num ponto importante quando se pensa em Luiz Vilela, o diálogo:

Tarde da Noite (1970) e *O Fim de Tudo* (1973) são outras faces de seu talento, com a peculiaridade de aflorar o terror ou o medo, a vida na cidade com suas cotidianas cogitações e transitoriedade. Publicou *Contos Escolhidos* em 1978. O amor flui, a morte ronda, o sonho finda. Tem um sentido profundo das coisas que se vão. E nada se pode fazer para impedir. Mestre dos diálogos (Hemingway), não imita, representa com fidelidade e certa malícia. Para não dizer mineirice, ou mineração da realidade. A propósito de sua narrativa, há que citar o grande russo Tchekov, habilíssimo na intriga e no registro psicológico. Dele segurando algum pessimismo e nenhum humor. Econômico nos meios, seu conto tem o que aconselhava Edgar Allan Poe, unidade ética. Capaz de construir a história dentro da história com o subentendido e a alusão. (NEJAR, 2011, p. 914)

Por último, em *História da Literatura Brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio, o autor é citado brevemente:

Outro mineiro, Luís Vilela (n.1943), editor e diretor na capital mineira da revista *Estória*, dedicada ao conto e suprimida nos anos ditadura, é autor ele próprio de contos recolhidos em volumes desde *Tremor de Terra*, 1967, até *Tarde da Noite*, 1970. Mas já nas narrativas de *No Bar* (1968), ele tinha ensaiado uma escrita automática de grande sugestão, consignando enfim ao romance *O inferno é aqui mesmo*, 1979, o seu depoimento sobre a vida de um jornalista em São Paulo. (PICCHIO, 1997, p. 674)

Como já exposto, uma das características singulares na carreira de Luiz Vilela foi o seu reconhecimento célere. Como bem pontua Fábio Lucas, em *O caráter social da Literatura Brasileira*:

Luiz Vilela teve, no Brasil, uma estreia auspiciosa com *Tremor de Terra* (1967), livro com que levantou o Prêmio Fundação do Distrito Federal e obteve aplausos incontáveis da crítica. Seus contos trazem profunda significação filosófica, apanham o homem mutilado pela sua incapacidade de comunicar-se. Os seres não transmitem a sua essência e sofrem, arruinam-se. A palavra torna-se um veículo imperfeito e enganador. Tendo sido premiado em outro concurso

nacional de contos, patrocinado pelo Governo do Estado do Paraná, Luiz Vilela editou novo livro, *No Bar* (1969). Depois vieram *Tarde da Noite* (1970), *Os novos* (1971) e *Fim de Tudo* (1973). (LUCAS, 1976, p. 127)

Mais uma vez, os críticos irão comentar os seus primeiros trabalhos e, em relação aos livros de contos, chegarão até o livro de 1973, o *Fim de Tudo*. Em *22 diálogos sobre o conto brasileiro atual*, Luiz Vilela aparece em dois. No diálogo 7, Temístocles Linhares reflete sobre o silêncio em relação à obra *No Bar* que, segundo ele, “não me pareceu ter alcançado a ressonância devida, apesar de ser de autoria de jovem contista, já não mais promissora esperança, mas um dos maiores que a nossa literatura já produziu” (LINHARES, 1973, p. 45). Em relação ao que vê de mais característico e original no livro e no contista, o autor diz que:

Para começar, entre os diversos aspectos por que seria possível tentar a abordagem, eu gostaria de dizer alguma coisa sobre a temática da infância, a preferida do autor. A infância, é claro, está ligada nele a toda uma experiência pessoal, vivida com certeza intensamente, passando por diferentes estágios. Tudo isso que uma criança um pouco fora do comum pode alcançar, com sua ânsia de afirmação e também de alguns imperialismos. (LINHARES, 1973, p. 46)

É interessante perceber, entretanto, que a mesma característica que Linhares tanto ressalta, será o foco da crítica de Pólvora:

No livro anterior de Luís Vilela – *No Bar*, 1969 – encontrei pouca riqueza e pouco enriquecimento ficcional. Senti-o preso em demasia a uma participação afetiva que o levou a compor em vez de criar. As histórias de *No Bar*, quase todas girando em torno de meninos [...] não eram extraordinárias. [...]. O maior problema, a meu ver, com as histórias de *No Bar*, é que transmitem a impressão forte de serem coisas acontecidas, e portanto lembradas, recriadas. (PÓLVORA, 1971, p. 60)

Para enriquecer a reflexão sobre o tema, Cortázar ilumina o pensamento:

Dizíamos que o contista trabalha com um material que qualificamos de significativo. O elemento significativo do conto pareceria residir principalmente no seu *tema*, no fato de escolher um acontecimento real ou fictício que possua essa misteriosa propriedade de irradiar alguma coisa para além dele mesmo, de modo que um vulgar episódio doméstico [...] se converta no resumo implacável de uma certa condição humana, ou no símbolo candente de uma ordem

social ou histórica. Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta. (CORTÁZAR, 1974, p. 152-153)

E mais especificamente para pensar o que Pólvora definiu como “a impressão de serem coisas acontecidas”:

Por isso, quando dizemos que um tema é significativo [...] essa significação se vê determinada em certa medida por algo que está fora do tema em si, por algo que está antes e depois do tema. O que está antes é o escritor, com a sua carga de valores humanos e literários, com a sua vontade de fazer uma obra que tenha um sentido; o que está depois é o tratamento literário do tema, a forma pela qual o constata, em face do tema, o ataca e situa verbal e estilisticamente, estrutura-o em forma de conto, projetando-o em último termo em direção a algo que excede o próprio conto. (CORTÁZAR, 1974, p. 155-156)

O que vem antes é o escritor Luiz Vilela, que cria a partir de uma realidade que conhece: o interior de Minas e todas suas experiências e observações; o que vem depois é o contista nato que, como Nejar expôs, possui “[u]ma vocação luminosa para o gênero”, até mesmo “ao tentar o romance”. Ou como Assis Brasil afirma em relação às suas técnicas:

[...] a peripécia ou o conhecimento técnico não se reduzem a fórmulas narrativas; Vilela – e tal fato é raro entre os escritores novos – vai ao âmago dos personagens e das situações, para que seus contos deixem uma “marca” indelével no leitor ou no crítico. Não é um escritor apenas restrito à ação episódica, seus trabalhos têm um lastro de pensamento, têm um *valor*, sem o qual nenhuma arte poderá ficar. (BRASIL, 1973, p. 120).

Fábio Lucas também comenta sobre as primeiras obras, agora em “O conto no Brasil moderno”, e reafirma tanto a temática recorrente do memorialismo como o fato de grande parte dos personagens serem crianças ou adolescentes:

Luís Vilela alcançou a fortuna de projetar-se com o primeiro livro. E manteve, nos demais livros de contos, o mesmo alcance literário, como em *No Bar* (Rio, Bloch, 1968), *Tarde da Noite* (S. Paulo, Vertente, 1970), *O Fim de Tudo* (B. Horizonte, Liberdade, 1973). Há um traço forte de memorialismo nos melhores trabalhos de Luís Vilela, especialmente as histórias curtas em que as personagens são crianças ou adolescentes. O autor cria um sentimento generalizado

de frustração entre a generosidade dos projetos e as limitações (quando não as perfídias) do mundo real. (LUCAS, 1983, p. 146)

Linhares e Pólvora discordam em relação à *No Bar*, mas, por outro lado, possuem uma posição parecida em relação à *Tarde da Noite*. No diálogo 21, Linhares diz que “as qualidades de *No bar* são não só confirmadas aqui, como fortalecidas, depuradas, enriquecidas” (LINHARES, 1973, p. 161):

Se *No Bar* [...] já era algo de bastante significativo na história do conto no Brasil, *Tarde da noite* enche as medidas e coloca, sem nenhuma possibilidade de engano, o autor entre os “nomes-chave” que V. erigiu para a definição de conto moderno em nosso país. (LINHARES, 1973, p. 161)

E comenta, mais uma vez, a sua temática, pontuando que “ainda preferida de Vilela é a da infância. Os meninos, como seria natural, são em maior número que os velhos. Mas neste livro talvez se observe mais a temática da adolescência e da mocidade” (LINHARES, 1973, p. 163). Assim como Linhares, Pólvora também usa do recurso da comparação com a obra anterior, mas nesse caso é uma comparação opositiva, em que ele afirma que “[...] em *Tarde da noite* as histórias estão acontecendo. Não vale apenas o testemunho do escritor que as captou. Elas convocam o nosso testemunho, insinuam em nossas preocupações o fluxo de outras vidas” (PÓLVORA, 1971, p. 60-61). Ele comenta cinco histórias dessa obra, “que comprovam o talento criador de Vilela”:

Em todas elas ele joga com emoções, mas sem jamais descrevê-las. O ficcionista, aqui, não é onisciente. O conto, aqui, não é uma composição literária em que cabem explicações, dissertações, cronismos. O conto é aqui uma arte de constatação, destinada a despertar no leitor uma emoção definida – não a emoção impressionista que varia segundo o temperamento, o estado de ânimo e a sensibilidade de cada um. Sente-se que o contista buscou lucidamente esta emoção particular sem recorrer a efeitos literários, sem construir no vazio, mas através daquilo que expõe indiretamente, ao levantar conflitos, brandir problemas, captar situações existenciais. (PÓLVORA, 1971, p. 62)

Pensando nas coletâneas mais recentes, *Lindas Pernas* (1979), *A cabeça* (2002) e *Você Verá* (2013), a primeira característica em comum é que o número de contos diminui: 15, 10 e 11, respectivamente. O espaço entre as publicações inéditas, por sua vez, aumentam: antes com intervalo de no máximo três

anos, passam, a partir de *O fim de tudo* – ganhador do Prêmio Jabuti de melhor livro de contos de 1973 – a seis, 23 e 10 anos. É a partir do livro de 1973, ainda, que as publicações de antologias nesses intervalos mais longos também crescem, e a impressão é a de que os 136 contos se multiplicam, pois Vilela consegue a façanha de triplicar o número de publicações: *Contos escolhidos* (1978), *Uma seleção de contos* (1986), *Contos* (1986), *Os melhores contos de Luiz Vilela* (1988), *O violino e outros contos* (1989), *Contos da infância e da adolescência* (1996), *Boa de garfo e outros contos* (2000), *Sete histórias* (2000), *Histórias de família* (2001), *Chuva e outros contos* (2001), *Histórias de bichos* (2002), *Contos Eróticos* (2008), *Sofia e Outros Contos* (2008), *Amor e Outros Contos* (2009), *A feijoada e outros contos* (2014), *Três Histórias Fantásticas* (2016).

Assis Brasil, em 1973, comenta:

Para sua idade, pela ampla perspectiva de seus três primeiros livros, Luiz Vilela ainda dará muito o que falar em nossa literatura e, cremos, passada a dificuldade de encontrar um editor permanente, seus livros aparecerão com maior rapidez. Esperemos que se realize um milagre: o aparecimento de um editor que saiba investir num grande escritor. (BRASIL, 1973, p. 122)

Vilela, então, conseguiu as parcerias necessárias para as publicações das suas obras, e, como Assis Brasil previu, tem dado muito o que falar em nossa literatura. Outra característica da sua trajetória é o apoio, resenhas e comentários por parte de jornalistas e, mais recentemente, em endereços *on line*. Esse é um ponto interessante da sua obra: inegavelmente reconhecida pela academia e pelos críticos literários – aqui sempre com uma atenção especial as suas técnicas e literariedade – sua literatura também é bem recepcionada fora desses meios.

2.3. FORTUNA CRÍTICA

Quando pesquisamos o autor Luiz Vilela no banco de teses e dissertações da CAPES, chegamos a um número de 27 trabalhos. Em relação à abordagem, encontramos trabalhos sobre o processo narrativo, seu desdobramento hipertextual no cinema e na televisão, a presença da oralidade, aspectos zooliterários, bem como análise dos seus menores contos ou o autor em relação ao ensino de literatura. Dentre os temas abordados, os que aparecem são: morte,

afetividades, questões existenciais e a questão do riso. Há também trabalhos que focalizam a sua ficção de forma geral, incluindo seus romances (*O choro no travesseiro*, *Os novos*, *Graça*, *O inferno é aqui mesmo*). Desses trabalhos, há uma dissertação que se aproxima da questão de gênero: *Da submissão à dominação: as mulheres na obra de Luiz Vilela*, defendido em 2011, por Aline de Jesus Sena, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Esses trabalhos acadêmicos são apenas as dissertações e as teses.

Há um grupo de pesquisa sobre Luiz Vilela, formado e coordenado por pesquisadores e estudiosos da obra do escritor mineiro. Eles criaram um blog (gpluizvilela.blogspot.com) “para estabelecer contato com os interessados em debater e divulgar os contos, novelas e romances de Luiz Vilela” e, assim, pretendem reunir o conteúdo para quem estuda as obras do autor, bem como material para pesquisas escolares e acadêmicas. O grupo de pesquisa está ligado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS, e é coordenado por Rauer Ribeiro Rodrigues e Eunice Prudenciano de Souza. Nesse blog, há a fortuna crítica completa do autor, incluindo não só teses e dissertações, como teses e dissertações que tenham algum capítulo sobre Luiz Vilela, TCC's, trabalhos de especialização, periódicos, livros, artigos em livros e em periódicos acadêmicos, comunicações, filmes e publicações diversas.

Analisando os títulos desses trabalhos²², é possível verificar que não há um trabalho de fôlego em relação às masculinidades em Luiz Vilela – como era de se esperar – tampouco há um recorte específico sobre relações entre pais e filhos, foco das análises dessa dissertação. Há trabalhos que analisam a figura da mulher, como a dissertação já mencionada, e outros, como a publicação em periódico acadêmico de 2016, “A representação do feminino na obra de Luiz Vilela”, dos doutores Rauer Ribeiro Rodrigues e Eunice Prudenciano Souza. Dentre os trabalhos, um chama a atenção em um primeiro momento: “Sucede que me canso de ser homem — questões em torno de alguns contos de Luiz Vilela”, de Silvana Pessoa, publicação da *Semana Luiz Vilela*, de 2008. Porém, nesse caso, o homem não está sendo abordado dentro de suas especificidades ou em diálogo com os estudos das masculinidades, e sim em um sentido universal. Até mesmo pensando no tema da infância, não há muitos trabalhos com este recorte específico, com

²² Disponível em: <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html>. Acesso em: 02/09/2017.

exceção do trabalho de conclusão de curso, defendido em 2008, por Maria de Fátima Silveria, da Universidade Federal de Campina Grande: “A infância nos contos de Luiz Vilela”; e a comunicação no Congresso Internacional da Abralic, em 2013, feita por Eunice Prudenciano de Souza, “Em Luiz Vilela, a volta ao passado e à infância como reinvenção dos sonhos perdidos”. Obviamente, os textos que trabalham com uma ou mais obras, ou com um recorte de contos, podem e devem se esbarrar nas temáticas mencionadas, principalmente devido ao fato de o tema da infância e o das relações entre pais e filhos ocupar uma parte significativa da obra do autor. Em relação às masculinidades, se pensarmos que “[...] gênero é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura”, além de ser “[...] uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, à identidade e até à sobrevivência” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 25), e sendo os contos de Luiz Vilela constituídos por diálogos e personagens tão parecidos com a vida, é mais que provável que o tema tenha sido, também, abordado, de alguma forma, nesses trabalhos.

Uma declaração interessante do autor, a respeito da polêmica de *Inferno* – escrito com base na sua experiência no Jornal da Tarde – e rebatendo Leo Gilson Ribeiro acerca da declaração de que o livro não era um romance, e sim “uma vingança pessoal, cheia de chavões”, nos faz refletir sobre a sua obra. Nessa ocasião, em entrevista ao *Folhetim*, ele declarou “Meu livro não é uma vingança contra ninguém nem contra nada. É um romance, sim. Um romance que, como as minhas outras obras de ficção, criei partindo de uma realidade que eu conhecia, no caso o *Jornal da Tarde*”²³ (Grupo de Pesquisa Literatura e Vida, GPLV). E é esse um dos efeitos da sua literatura que tornam possível explorar as masculinidades em sua obra: criada a partir de uma realidade, ela torna-se um retrato daquilo que existe. Dessa forma, não aponta exatamente para incríveis novos caminhos, mas mostra que as masculinidades, em si, estão envoltas de uma grande incoerência, como veremos nas análises do terceiro capítulo. E isso, enfim, possibilita o questionamento do padrão comportamental de masculinidade, por vezes tão frágil e difícil de ser sustentando.

²³ Disponível em: <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/noticias.html>. Data de acesso: 02/09/2017.

2.4. A CONTÍSTICA DE LUIZ VILELA E O TEMA DA RELAÇÃO ENTRE PAI E FILHO

Temístocles Linhares, em *22 diálogos sobre o conto brasileiro*, afirmou acerca de Luiz Vilela: “sempre vi nele, se é que existe esse espécime, a encarnação do contista-nato” (LINHARES, 1973, p. 45), assim como Fábio Lucas, em “O conto no Brasil moderno”, se refere a Vilela como “[s]eguro na arte do essencial [...] um contista nato, extremamente talentoso para o gênero” (LUCAS, 1982, p. 146). O autor publicou sete livros de contos: *Tremor de Terra*, de 1967 (20 contos e ganhador do prêmio nacional de ficção); *No bar*, de 1968 (30 contos); *Tarde da noite*, de 1970 (25 contos); *O fim de tudo*, de 1973 (25 contos e ganhador do prêmio Jabuti); *Lindas Pernas*, de 1979 (15 contos); *A cabeça*, de 2002 (10 contos); e *Você verá*, de 2013 (11 contos e ganhador do Prêmio de Melhor livro de Ficção do Ano pela Academia Brasileira de Letras). Essas são as publicações de contos inéditos, somando 136 ao todo.

Segundo Hélio Pólvora, em *A força da ficção*: “Vilela é bom, fora de série, quando põe gente conversando, amando e sofrendo, interrogando o seu destino ou libertando o instinto, gente que sem o saber se expõe a julgamento pelos seus instantes decisivos, reveladores” (PÓLVORA, 1971, p. 61). Habilidade na técnica do diálogo, Luiz Vilela se dedica aos retratos das relações pessoais com personagens cotidianos, deslocados, ora urbanos, ora provincianos, além de, com frequência, privilegiar narrativas sobre a velhice e a infância, o que torna possível a análise das várias masculinidades existentes – hegemônicas ou não.

Por ser um autor que vem sendo estudado e com uma produção significativa, optamos pelos contos em que a relação entre pais e filhos aparece, chegando ao número de 19 contos. Aqui há um interesse: 1) pela socialização do menino, 2) pelo questionamento do padrão comportamental de masculinidade; 3) pelo diálogo com as questões dos papéis tradicionais de homem e mulher, na perspectiva colocada por Welzer-Lang de “[n]ão mais pesquisar a qualquer preço o que faz entre os sexos, mas descrever e compreender como a diferença é construída socialmente” (WELZER-LANG, 2004, p. 115); 4) bem como por alguns estereótipos da masculinidade padrão, como o chefe de família.

Desses 19 contos, considerando que em alguns o tema aparece de forma tangencial, escolhemos cinco para uma análise mais aprofundada e

minuciosa, que será feita no terceiro capítulo: “Eu estava ali deitado” e “Corisco”, do livro *No Bar* (1968); “As formigas”, de *Tarde da noite* (1970); “Não haverá mais índios”, de *Lindas Pernas* (1979); e “Todos os anjos”, de *Você Verá* (2013). Nesses contos, a relação entre pai e filho acontece na infância. Decidimos, entretanto, fazer um comentário geral dos outros 14 contos que possuem esse tema, ora apenas expondo, ora comentando com mais cuidado – tudo conforme o texto, atravessado pela temática de Masculinidades, pede. É necessário mencionar, também, que, embora, nesse momento, o foco esteja nas relações entre pais e filhos, esses contos podem ter outras representações das masculinidades. Por uma questão de organização, os comentários serão feitos conforme a data de publicação de cada livro.

2.4.1. *Tremor de Terra*

Tremor de Terra (1967) foi publicado a duras penas, como Assis Brasil aponta: “[...] um livro ‘feito’ na província e ‘feito’ graficamente” (BRASIL, 1973, p. 119). Isso não impediu Vilela, entretanto, de ganhar o Prêmio Nacional de Ficção da Prefeitura do Distrito Federal, segundo o mesmo crítico, “antes mesmo de ver reeditado seu livro de estreia” (BRASIL, 1973, p. 119). Dos 20 contos de *Tremor de Terra*, três possuem o tema da relação entre pais e filhos: “Por toda a vida”, “Dois homens”, “Enquanto dura a festa”.

Em “Por toda a vida”, temos a representação de um pai que mal se posiciona em relação ao casamento da filha, enquanto a mãe é contra, com o argumento de que ambos eram pobres: “[...] [c]hegava muito cansado do serviço. Dizia para a mulher que orientasse bem a filha, e para a filha dizia que pensasse no que estava fazendo. E ia jogar baralho na casa dos amigos.” (VILELA, 1972, p. 36). Até quando o casamento da filha torna-se, de fato, problemático, com um marido que bebe, a despreza e a agride, o pai não se posiciona e vê a situação de vulnerabilidade da filha com muita naturalidade:

– Isso passa, minha filha, todo homem tem dessas coisas, todo homem gosta de tomar seu traguinho de vez em quando, seu pai mesmo não é assim? no entanto, modéstia à parte, não sou bom marido e bom pai? São coisas, deixa a situação de vocês melhorar que isso passa, você vai ver. Pode confiar no seu pai, eu sei como são essas coisas... (VILELA, 1972, p. 39)

Além de um pai ausente e omissos, é possível, também, trabalhar com a ideia de solidariedade masculina, visto que em nenhum momento o pai repreende a figura masculina representada pelo marido de sua filha. O genro, por sua vez, quando na posição de pai de um menino e gêmeas, assemelha-se ao sogro. Com dificuldades financeiras, repreende a esposa até em relação ao leite em pó necessário para a alimentação das suas filhas. Quando melhora a situação e as contas ficam equilibradas, embora não haja mais desculpas para a sua omissão, os cuidados com os filhos e casa continuam relegados à figura da mulher. É interessante salientar que a mãe, além de trabalhar dentro de casa, faz costura para fora. Ela possui uma jornada dupla e nenhum reconhecimento por isso. Perto do desfecho do conto, é explicitada uma vaidade dessa figura masculina. Agora, em melhores condições: “[p]assou a vestir-se melhor e a barbear-se todo dia” (VILELA, 1972, p. 39). Enquanto “ele admirava os dentes”, a mulher sentia-se acabada:

[...] ela se contemplou no espelho: magra.
 – Magérrima – corrigiu-se
 Branca. Branquela. Anêmica. E aqueles óculos – parecia uma velha.
 Como seria a outra? Cheia, macia, perfumada... Ele a abraçaria, lhe daria palavras de amor, lhe daria beijos na despedida... (VILELA, 1972, p. 40)

No desfecho, descobrimos a figura de uma amante. Aqui podemos retomar as definições de virilidade discutidas no capítulo anterior, sobretudo a que relaciona o termo com a capacidade que tem o homem de realizar o ato sexual. Há uma naturalização dos papéis tradicionais de homem e mulher, e isso é percebido especialmente pelo fato da mulher, em momento algum, expor o desejo de mudar a situação em que está inserida. Embora sobrecarregada e consciente da infidelidade conjugal, ela permanece, como se todas essas ações fossem naturais e imodificáveis.

No segundo conto, “Dois homens”, através do olhar de um observador, temos a cena de um rapaz de cerca de 30 anos e um senhor, configurando uma relação de pai e filho muito distante:

[...] dão a impressão de dois objetos sem nenhuma relação entre si e com o mundo ao redor, e que se acham ali por mero acaso, e que serão recolhidos com a garrafa, os copos e os pratinhos pelas mãos

ágeis do garçom que não vendo neles qualquer utilidade os lançará ao lixo. (VILELA, 1972, p. 72)

O narrador reflete sobre os possíveis pensamentos dos observados, como se tentasse entender o que ali se passa. Sua focalização é externa e, portanto, narra apenas o que é observável. A voz do narrador cria hipóteses, mas não afirma absolutamente: são apenas especulações. Ainda assim, o observador narra algumas atitudes que configuram um conflito de gerações – questão que aparecerá em diversos contos, principalmente por se tratar da relação pai e filho. A forma como se vestem é um exemplo: “[o] mais novo deve ter uns trinta anos, é gordo, cabelo cortado baixo, camisa esporte. O outro, já velho, de cabeça branca, é magro e está de terno e gravata.” (VILELA, 1972, p. 71). A polidez encontrada no pai escapa ao filho. O narrador parece aderir a esse fato, pois, em outro trecho, enfatiza a educação do “velho”, embora sejam apenas suposições do narrador:

Acabaram de comer há algum tempo. Depois disso devem ter palitado os dentes, o velho ocultando educadamente o palito com a outra mão, ou então, não tendo dentes, ficado a observar o filho palitando sem o recato com que ele o teria feito [...] ele teria apenas observado [...] que os tempos mudaram e os costumes do seu filho não são mais os seus [...] (VILELA, 1972, p. 71)

No terceiro conto, “Enquanto dura a festa”, o narrador em primeira pessoa – e também o filho – parece querer expor a hipocrisia das pessoas quando alguém morre. Ele diz em alto e bom tom que a morte de seu pai não o abala: “[j]á avisei. Eles sabem como eu sou. A morte do velho não muda nada: eu não tinha nada com ele em vida, por que vou ter agora que ele está morto?” (VILELA, 1972, p. 132). Além de fazer questão de deixar claro como o pai foi em vida: “[s]anto homem; nunca. Papai nunca foi isso. Era um homem egoísta, às vezes cruel, um marido desconfiado, um pai sem carinho, um filho distante.” (VILELA, 1972, p. 133). Temos o estereótipo de um pai ausente, e, sobretudo, salta aos olhos a questão da falta de carinho, tão comum na paternidade tradicional em que as demonstrações de afeto são responsabilidade apenas da figura materna. Nesse sentido, o filho não se esforça para fingir nem na morte do pai:

Santo homem: quem que eles pensam que estão enganando? o morto? eles mesmos? os parentes do morto? Quando alguém diz isso, Mamãe chora, minha irmã chora, meu irmão chora, todo mundo chora. É como uma festa [...] em que em vez de rir todo mundo chora e se embriaga com lágrimas, enquanto piedosas mentiras são ditas à

meia-voz por rostos falsamente compungidos [...] (VILELA, 1972, p. 133)

Acerca da ausência, ponto em comum dos três contos expostos, Badinter ilumina a reflexão:

Mais ainda que violência, os filhos queixam-se da *ausência* paterna. Aqui, a palavra “ausência” é para ser tomada menos no sentido literal do que no sentido figurado. [...] A *ausência* de que se queixam os filhos diz respeito a pais presentes em casa, mas como fantasmas. Guy Corneau os designa pela expressão *pères manquants* (“pais falantes”), mais geral que *pères absents* (“pais ausentes”). (BADINTER, 1993, p. 152)

A ausência vai além do sentido físico. Não são pais que se divorciaram ou abandonaram a família, mas, ainda assim, são pais ausentes. Essa ausência está muito ligada à falta de diálogo e dificuldade afetiva. São pais que não se envolvem, mesmo que estejam ali, e, sobretudo, não consideram parte das suas funções a interação com os seus filhos. São, dessa forma, presentes como um fantasma. Isso acontece devido à divisão de trabalho entre homens e mulheres. Se pensarmos numa divisão tradicional de papéis, de forma geral, podemos pensar em mulheres que exercem as tarefas no âmbito privado, restritas às ocupações da casa e em função das demandas criadas pelos filhos, como educação, atenção e valores afetivos, e homens que se empenham no âmbito público, ocupam cargos de liderança na sociedade e lidam com tarefas ao ar livre e que exigem esforço físico.

2.4.2. *No bar*

Quando Cortázar pensa sobre o tema nos contos, ele afirma que “um mesmo tema pode ser profundamente significativo para um escritor, e anódino para outro”, desenvolvendo a ideia de que “[e]m suma, pode-se dizer que não há temas absolutamente significativos ou absolutamente insignificantes. O que há é uma aliança misteriosa e complexa entre certo escritor e certo tema num momento dado [...]” (CORTÁZAR, 1974, p. 155). Encontramos, em Luiz Vilela, temáticas que se referem ao passado, ao suicídio, à morte, à religiosidade, ao sentimento de não pertencimento, à solidão, à velhice. Porém, na “aliança misteriosa e complexa” de Luiz Vilela, sobretudo em *No bar* (1968), a temática da infância se sobressai. Segundo Assis Brasil, o livro em questão “[...] tem uma excelente unidade

conceptiva, não tanto pela localização do mundo dos personagens, mas pelo levantamento psicológico de pequenos seres: a infância, as traquinadas, o tempo poético que cada vez fica mais distante” (BRASIL, 1973, p. 120).

Das sete coletâneas, esse é o que possui mais contos. De 30 narrativas, 17 aparecem com a temática da infância. Afunilando para o tema da relação entre pai e filho, há nove contos: “Eu estava ali deitado”, “Um caixote de lixo”, “Avô”, “Inferno”, “Longe de tudo”, “Circo”, “Filosofia”, “Nosso fabuloso tio” e “Corisco”. Embora a maioria configure a relação entre pai e filho na infância, isso não é absoluto. Dos nove, dois serão analisados no terceiro capítulo: “Eu estava ali deitado” e “Corisco”.

No conto “Um caixote de lixo”, o enredo parece estar voltado ao medo de um menino depois de cometer uma travessura. Sem saber se havia sido realmente delatado, o menino passa o dia todo se escondendo e pensando de forma confusa, sem saber ao certo o que poderia lhe acontecer. Nesses pensamentos, ele cita mais de uma vez o seu pai, lembrando, por exemplo, de uma vez em que ele havia sido descoberto e ficado de castigo. Ele lembra, também, de alguns ensinamentos do seu pai, e misturado a isso, vem a auto justificação: “[a] gente não deve rir dos outros, Papai dizia, mas eu não estava rindo de ninguém [...]” (VILELA, 1984, p. 29) . É à noite, e também no clímax do conto, que, enfim, o embate que o menino tanto temia acontece:

Papai estava lendo no escritório. Quando passei em frente à porta, ele me chamou e eu senti um frio ruim me correndo na espinha. Fiquei ali na porta, sem entrar, mexendo na folhinha. “Onde você estava?” – ele perguntou. “Sua mãe já estava preocupada e eu também. Ela foi ver se você estava na casa do Eduardo. Não saia mais assim sem avisar, a gente fica incomodada”. Ele continuou a ler o jornal e eu vi com uma alegria enorme que não tinha acontecido nada mesmo e como eu tinha sido bobo [...] (VILELA, 1984, p. 29)

Nesse momento, o menino sente, feliz e aliviado, que todas as suas preocupações haviam sido em vão. Há, contudo, uma quebra de expectativa logo em seguida: “[...] então Papai me chamou outra vez e foi como se eu tivesse levado uma pancada na cabeça e ficasse zozzo. Voltei ao escritório sem ver mais nada” (VILELA, 1984, p. 29-30). A partir disso, o menino descobre que, sim, havia sido delatado sobre a sua travessura de carregar o caixote de lixo do mercadinho:

[...] e então ele falou se eu queria tornar-me um ladrão, e eu respondi: “Ladrão? Eu não roubei nada”, e *ele ficou nervoso* e disse: “Você ainda tem coragem de me responder, menino?” Falei que tínhamos carregado o caixote de brincadeira, e *ele gritou*: “Brincadeira? isso é coisa que se brinque?” E então eu apertei os dentes e decidi não falar mais nada porque eu sabia que não adiantava falar mais nada e ia ser castigado. (VILELA, 1984, p. 30, grifo nosso)

De fato, o pai o põe de castigo, “de joelhos no quartinho escuro”. É necessário atentar-se para o narrador do conto, que é o menino. A narração acontece, então, pela sua percepção, e as duas expressões que mais denotam agressividade – “ele ficou nervoso”, “ele gritou” – podem ser relativas. Nesse conto, há a expectativa de um pai agressivo, tanto devido ao medo do menino que permeia toda a narrativa como pelo embate. Embora a agressividade se concretize, de fato, na “bronca” e no castigo, e considerando que ficar “de joelho no quartinho” é uma situação traumática para uma criança, a figura de um pai agressivo ainda não aparece em sua plenitude. É possível pensar em uma figura paterna dividida: por um lado, procura exercer a autoridade associada à necessidade de educar; por outro, preocupa-se em ter uma relação mais aberta e afetuosa com o filho. No último parágrafo, vemos um pai interessado em normalizar a situação com o menino – ou amenizar o castigo – como se ele tivesse feito apenas o seu papel paterno ao repreendê-lo. O pai insiste em ficar bem com o filho que, por sua vez, não cede. O esforço e a intenção do pai não são compreendidos e temos a figura de um filho ressentido:

Passado algum tempo, Papai foi ao quartinho e falou que eu podia sair do castigo. Levante, ele me pôs a mão no ombro e falou: “Não faça mais isso não, viu, meu filho?” Eu não disse nada. [...] Lá da sala, Papai falou: “André, amanhã vou na fazenda, você quer ir comigo?” Falei que tinha uma prova. Ele falou que domingo ia de novo e então eu poderia ir com ele; eu fiquei calado. [...] Papai ainda estava na sala, e quando passei, ele falou: “Então domingo nós vamos na fazenda, não vamos?”, e quando ele falou assim, eu sabia que esperava que eu olhasse pra ele e dissesse alguma coisa; mas não olhei pra ele nem disse nada [...] (VILELA, 1984, p. 30)

No conto “Avô”, o enredo é voltado para a morte do progenitor e a conseqüente apresentação da morte a uma criança. Trata-se do avô materno do menino e, diante dos afazeres e tristezas do funeral, o pai, em algum momento, precisa cuidar do filho, mas não mostra muita habilidade para isso:

- Passa também uma água no rosto. Havia muita poeira. Ou você quer tomar banho antes de jantar? Ou toma à noite, quando sua mãe chegar? Você está com fome?
- Não.
- Então quer tomar agora?
- Depois. A hora que Mamãe chegar. (VILELA, 1984, p. 53)

Já nesse início de diálogo, temos uma ideia de que tomar conta do filho não é uma tarefa diária desse homem que, tampouco, tem intimidade com os afazeres domésticos:

- Passa uma água no rosto então, enquanto eu olho a comida. *Acho que é só esquentar, Maria deixou tudo no jeito.* Esfrega o rosto, os braços, isso refresca. Foi um dia quente. Fez muito calor hoje. (VILELA, 1984, p. 53, grifo nosso)

Segundo Connell e Pearse:

Ser um bom pai raramente é associado a cortar sanduíches da merenda ou limpar a bunda dos nenês – embora haja algumas iniciativas interessantes, hoje, que buscam promover o que se chamou, no México, de “paternidade afetiva”, ou seja, a paternidade com vínculos emocionais. Em geral, espera-se que os pais sejam responsáveis por tomar decisões e ganhar o pão, consumindo os serviços prestados pelas mulheres e representando a família fora de casa. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 33)

O pai, entretanto, parece se esforçar, embora fique claro, também, que, além da falta de intimidade com os afazeres domésticos e cuidados com o filho, ele sente dificuldade em lidar com o acontecimento em questão: a morte do sogro e avô do menino. Há, dessa forma, uma distância em relação às emoções. Um exemplo disso é quando atribui ao calor a falta de vontade de comer do filho, desconsiderando todos os outros possíveis sentimentos:

- Põe tomate também. Está sem fome?
Sacudiu a cabeça.
- Come um pouco. *Deve ser o calor.* Ainda está muito quente. Se continuar assim, é capaz de ter chuva essa noite. Põe mais um pouco de batatinha, você gosta muito. (VILELA, 1984, p. 53-54, grifo nosso)

O garoto, então, insiste na presença da mãe, e o pai segue se mostrando prestativo:

- Que horas que Mamãe vai voltar?
 - Sua mãe? Não sei. Ela não deve demorar. É alguma coisa que você está querendo?
 - Que hora mais ou menos será que ela vem?
 - Lá pelas dez, talvez. Ela está lá com seus tios.
 - Às vezes ela vai dormir lá também.
 - Dormir? Não. Ela vai dormir aqui, em casa. Por quê? É alguma coisa que você queira com ela?
 - Não.
 - Pode falar. Às vezes é alguma coisa que você quer com ela. Às vezes eu mesmo...
- Ele ficou olhando para o prato. (VILELA, 1984, p. 54)

Por mais alguns instantes, o pai se esforça no seu ofício de cuidador, insiste para que o filho coma mais um pouco, oferece doce de figo que o filho “decerto enjeita”, e se surpreende que até o figo tenha sido negado. O menino se justifica dizendo que tomaria um copo de leite quando fosse deitar, e o desfecho desse diálogo é interessante para pensarmos nessa relação: “– Bem, então você fala com sua mãe à hora que ela chegar. Fala com ela que você não jantou; que você quase não comeu” (VILELA, 1984, p. 54). Ou seja, por mais que se esforce, lidar com os sentimentos e cuidar do filho não são atividades em que a figura do homem se sente confortável e, no fim, essas responsabilidades ficam para a mãe. É possível pensar, mais uma vez, nos papéis tradicionais de homem e mulher na constituição de uma família e em uma paternidade distante. Ainda assim, mesmo sem jeito, o pai notadamente se esforça.

Há, nesses dois contos, uma falta de traquejo com os filhos e a tentativa de uma paternidade ao mesmo tempo ativa e amorosa. Parecem pais que ainda não sabem como acertar essa questão e, portanto, ficam em lugar transitório. Aqui temos o reflexo da socialização desses homens. Sendo o modelo ideal a virilidade, os homens enquanto pais parecem buscar um equilíbrio, talvez por sentirem que algo dessa socialização não funcionou. É interessante, por outro lado, ver como essa falta de habilidade e essa distância em relação aos sentimentos afetam os seus filhos. Resultados de tal socialização, eles, agora, de forma inconsciente, passam essa masculinidade tóxica para suas proles. As últimas frases dos dois contos nos mostram isso:

Estava deitado de olhos abertos, escutando o barulho de pratos que Mamãe levava na cozinha. Fiquei assim não sei quanto tempo, e foi

de repente que eu percebi que estava chorando. (VILELA, 1984, p. 30)

Sentia a garganta se emborcando para dentro e emendando o estômago. Segurando-se ao muro, ele vomitou. (VILELA, 1984, p. 54)

É importante salientar que as figuras paternas dos dois contos em questão se encontram em transição, isto é, há indícios de mudanças para uma paternidade mais afetuosa e aberta. Os filhos, entretanto, sentem ainda o peso das inúmeras faltas. Um chora escondido, provavelmente com uma dificuldade imensa de entender toda a situação e o castigo. O outro, tendo passado por tantas emoções em apenas um dia, vomita tudo o que sentiu e não colocou para fora. Aqui temos duas ações físicas externalizando sentimentos e sensações não comentados ou discutidos.

No conto “Inferno”, há a relação de um pai com o filho doente. Através de três vozes-narradores – a do pai, a da mãe e a do próprio filho – delinea-se uma história através de percepções diferentes. A voz do pai – marcada por um texto com pontuação e parágrafo coeso – conta, aparentemente para um amigo, dos tempos felizes e do posterior “inferno”:

Ela acha que eu odeio o menino, você acredita? Ela até já achou que eu queria matar ele [...] Quando chego em casa, a primeira coisa que ela faz é procurar ele e trazer pra perto dela, pra eu não encostar a mão nele. Ele fica me olhando com os olhos arregalados de medo, como se eu fosse o mais horrível dos monstros, eu, seu pai. [...] Pra ela eu estou sempre bêbado. Bêbado de manhã, bêbado de tarde, bêbado de noite, bêbado o dia inteiro, bêbado vinte e quatro horas por dia. Eu não discuto, não tenho mais ânimo pra isso. A última vez que discuti, enfezei e joguei uma lata nela; errei, a lata pegou no menino e fez um corte no rosto: ele ficou chorando o resto do dia, e até hoje esse choro não me saiu dos ouvidos. (VILELA, 1984, p. 58-59)

Ele diz, então, que começou a beber porque um dia sua mulher o repeliu por causa da doença do filho: “[f]oi nesse dia que tudo acabou: amor, felicidade, esperança, futuro, tudo [...] Agora me diga: quê que você acha que um sujeito, [...] podia fazer numa situação dessas, senão começar a beber?” (VILELA, 1984, p. 59). Dessa forma, parece querer justificar os seus atos, se isentando de qualquer culpa. Ainda assim, o homem se mostra consciente do ódio que tanto a

mulher como o filho sentem e, em determinado momento, mostra sua preocupação com o que o filho poderia pensar dele:

Ele não esquecerá. Ele me odeia. Meu filho me odeia. [...] Ele não compreende, ele não pode compreender que eu tenho de fazer isso, não entra pela sua pobre cabeça. [...] Não pediria a ele que me amasse, ou que me tomasse a bênção, nada; não pediria a ele nem que me chamasse de pai. Só que ele me compreendesse, compreendesse que sou obrigado a fazer isso, que não há outro jeito, mas que ter de fazer isso me despedaça o coração como se eu morresse uma porção de vezes [...] (VILELA, 1984, p. 60,61)

A voz da mãe – em itálico e sem pontuação – parece ser um fluxo de pensamentos. Sua preocupação é dupla: além de se inquietar com a doença do filho, ela se aflige pela presença e atitudes do marido. Ela relembra alguns acontecimentos, lamenta por ter parido um filho doido, faz inúmeros apelos religiosos e relata a agressividade do homem com quem casou e teve um filho:

[...] ele vem bêbado rosto vermelho olhos inchados querendo matar o pobrezinho filhinho do meu coração [...] meu Deus ele está bêbado ele está louco ele vai matar corram acudam socorro meu Deus inferno inferno quem te mandou parir um doido perdoai Virgem Santíssima nossos pecados [...] vem cá doidinho vem cá que eu te ensino a fazer arte seu cachorro não paizinho eu gosto docê não bate não eu gosto docê [...] (VILELA, 1984, p. 61)

Por último, a voz do menino – em negrito – parece se dirigir diretamente à mulher. Entre declarações, suplícios e grunhidos, ele diz que gosta da mãe e que o pai o agride, além de suplicar para não ser levado ao que parece ser um manicômio:

mas eu gosto docê mãezinha, eu tou falando que gosto, eu não gosto é do pai, ele quer me levar pra lá, ele me bate, grita comigo, ele é ruim, um dia vou enfiar o facão na barriga dele e o sangue vai esguichar bonito, e eu faço xixi na boca dele [...] eu só gosto docê, ocê faz sopinha pra mim, ocê faz cosquinha no meu pé [...] ocê vai chorar? não chora não mãezinha, eu te dou um beijão [...] ocê não gosta de mim mais não? não sou seu filhinho mais não? auuuuu, auuuuu, vou latir até de noite [...] (VILELA, 1984, p. 63)

Embora os relatos se encaixem, a voz da mãe e do filho parecem convergir no sentido da figura de um pai agressivo. Trata-se de uma construção

textual perturbadora, assim como as relações que apresentam. Temos, então, um pai que, sem saber lidar com o filho deficiente, refugia-se na bebida e não ampara àqueles que precisam: sua mulher e seu filho.

Em “Longe de tudo”, um menino de 16 anos que estuda na capital volta para o interior para passar as férias. Ele sente-se aflito na cidade pequena e seu tédio desaparece apenas com a chegada de Gilberto. A relação com o pai aparece através de um diálogo em que ele questiona essa amizade do filho, sobretudo por achar que o amigo em questão “tem umas ideias perniciosas”:

- O senhor tem medo dele me convencer?
- Ele é muito inteligente. Você também é, eu sei, mas os comunistas são muito hábeis em convencer os outros. Eles estudam para isso. (VILELA, 1984, p. 77)

A partir disso, a mãe brinca com o pai e ele a repreende: não há voz para a mulher. O filho, educadamente, rebate as ideias que o pai tenta lhe impor, mas, mesmo assim, a conversa se mostra insustentável para o pai:

- Você sabe que os comunistas estão errados.
- Não sei, sinceramente.
- Não sabe? Como que você diz isso, meu filho?
- Não sei, Papai.
- Eles estão errados!
- Por que eles estão errados?
- O pai sacudiu a cabeça, o rosto vermelho.
- É, vai mal, vai mal.
- Por que eles estão errados e não nós, Papai?
- A mãe fez-lhe um sinal para que parasse.
- Por que a verdade está conosco e não com eles?
- A mãe fez-lhe sinal.
- Está muito pior do que eu pensava – disse o pai.
- O senhor precisa ser mais compreensivo, Papai.
- Vamos parar – disse a mãe.
- Eles pararam.
- O pai levantou e disse que ia levar a comida para o cachorro; não queria sobremesa. (VILELA, 1984, p. 79)

O pai, em momento algum, argumenta, e no lugar da argumentação, há apenas frases afirmativas em um tom de lamento. A mãe, a sós com o filho, pede para que o rapaz evite aquele tipo de conversa, pois o pai:

[...] não entende certas coisas. Ele acha que a gente cria os filhos é para a gente. Não é. A gente cria os filhos é para Deus e para a

sociedade. A gente cria, dá a educação que achar melhor, depois é com eles [...] (VILELA, 1984, p. 80).

A decepção do pai pelas ideias do filho é evidente. No desfecho “[s]eus olhos estavam vermelhos: ele havia chorado” (VILELA, 1984, p. 80). O confronto com o filho parece não ser algo esperado pelo pai, como se este não estivesse acostumado com a sua autoridade sendo, de alguma forma, posta em xeque ou questionada. Mais uma vez, é possível abordar o conflito entre gerações e a dificuldade em lidar com o filho e ter um relacionamento mais aberto.

No conto “Circo”, o narrador é um menino. O enredo gira em torno da promessa do pai em levar o filho ao circo e a narrativa é construída através da empolgação do narrador em relação a isso. Haverá, dessa forma, uma ansiedade no menino e, sobretudo, uma expectativa a partir do instante em que o pai, brincando, diz:

Quem vai sábado no circo? – Papai falou e eu gritei: eu!
Regina, você acha que eu devo levar esse menino feio no circo? – ele falou, e Mamãe rindo daquele jeito bonito, com os olhos meio fechados, falou: cuidado com o arroz, está muito quente, vocês vão queimar a boca.
Não sei se eu levo esse menino feioso no circo – Papai falou. Leva sim! – eu gritei. Leva sim! (VILELA, 1984, p. 82)

A figura materna é representada através de características que remetem ao cuidado e aos afazeres domésticos. A vontade de ir ao circo é tão grande que o menino perde a fome e chega a sonhar com o momento em que a sua obsessão se tornaria realidade. Em contrapartida, suas expectativas começam a não ser supridas quando ele observa o seu pai, que parece estar com problemas na empresa. Segundo Bauberót: “[l]embremos, primeiramente, que a virilidade é antes de tudo um atributo do homem maduro, esposo, pai e chefe de família” (BAUBÉROT, 2013, p. 191). É a partir desse estereótipo que compreendemos a representação da figura paterna. Há dois universos completamente diferentes. No universo lúdico do filho existe apenas um desejo: ir ao circo, não há mais nada com o que se preocupar. No universo do pai, perder a fome por alegria não parece ser uma opção. O discurso do menino vai se transformando conforme as tentativas de falar com o pai sobre a promessa feita e suas reações. Mesmo presenciando os atritos do pai com a mãe, o narrador permanece na expectativa de ir ao circo:

[...] já não aguentava mais esperar, e quando as músicas do circo começaram a tocar aí é que não aguentava mesmo. Mas Papai ainda não tinha falado nada e eu pensei: será que ele esqueceu? Mas pensei: ele vai ouvir as músicas e lembrar. E quando escutei ele saindo do quarto pensei: ele lembrou e vem me chamar – e fiquei doido de alegria, meu coração batia disparado. (VILELA, 1984, p. 83)

As expectativas, porém, são rompidas. O pai não o chama e, como se não houvesse mais jeito, o menino toma coragem:

Fui no escritório. Papai estava escrevendo no caderneta. Papai – falei. Quê que é – ele falou, mas não parou de escrever. O senhor está esquecendo de uma coisa – *falei meio rindo*. Ele continuou escrevendo e não falou nada, e *passado um pouco* eu falei de novo: o senhor está esquecendo de uma coisa – mas ele parece que nem estava me escutando e eu fiquei ali quieto. (VILELA, 1984, p. 86, grifo nosso)

A abordagem do menino é inocente e tímida. Ele fala “meio rindo” e dá tempo para o pai lhe responder mesmo que já estivessem em cima da hora. O pai, por sua vez, não o responde. É apenas na sua terceira tentativa que o pai reage:

E então falei de novo: Papai – e ele virou tão de repente pra mim que eu assustei e tive medo, e falou: quê é que é, menino, quê que você quer que está aí me amolando o tempo todo? não vê que eu estou ocupado? Ele ficou olhando pra mim com uma cara que me fez ficar frio. Quê que você quer? – ele falou. O senhor tinha falado – eu falei, minha voz quase não saía. Tinha o quê? – ele falou. Vamos, desembucha, não estou com tempo não. Mas não tinha mais jeito de eu falar, minha voz sumira. Fiquei olhando pro chão porque a cara dele me deixava quase morto de medo. (VILELA, 1984, p. 86)

A reação surpreende o menino. Toda a sua coragem e graça começam a sumir:

Ele me agarrou pelos ombros e eu pensei que ele ia me dar um tapa: quando eu estiver falando com você, olhe pra mim, viu? – ele falou. Ele me sacudiu: viu, menino? Eu olhei pra ele. Então, quê que é? – ele falou. Nada – eu falei. Nada? – ele falou, e ficou me olhando e então falou: ara – e me largou e puxou a cadeira pra frente e continuou a escrever e eu voltei pro meu quarto. (VILELA, 1984, p. 86)

Atentando-se, mais uma vez, ao foco narrativo, de forma semelhante a “Um caixote de lixo”, temos um narrador não confiável. Entretanto, o que ele conta

é atravessado pela forma como se sentiu. Se há exageros em seu discurso, se o embate pode ter sido mais brando do que ele expõe, o fato é que o filho narra o que lhe pareceu. Diferente do enredo de “Um caixote de lixo”, em que o pai insiste em ficar bem com o filho e este não cede, aqui o desfecho é a decepção do menino. Ele, na verdade, não compreende a complexidade de “ser homem maduro, esposo, pai e chefe de família”. Ainda longe da adolescência, o menino acredita na promessa feita e não considera que possa haver qualquer outro desdobramento. Da empolgação à frustração, ele não se conforma com o fato de que, na hierarquia masculina, ele encontra-se em desvantagem.

De forma parecida à “Longe de tudo”, em “Filosofia” também há as expectativas de um pai depositadas em um filho adolescente que estuda na capital. Nesse caso, porém, a figura do pai em relação a todos os outros familiares é a de uma cabeça aberta, pois:

Meu pai queria ser filósofo: era a maior ambição de sua vida. Mas nem sempre a gente consegue o que quer, e em vez de filósofo, ele acabou sendo criador de porcos, com uma renda anual que lhe permitiu comprar em pouco tempo uma casa, um carro e duas fazendas – e me manda estudar na capital o que ele não pudera estudar: foi o meio que encontrou para compensar sua frustração. (VILELA, 1984, p. 85)

Nesse conto, a vontade própria do menino não existe em detrimento do sonho da vida do pai. A vocação ou desejo do filho não possuem importância, apenas a realização dos sonhos frustrados do pai é evidenciada:

Foi assim que eu vim parar na Faculdade. Não sei se era mesmo Filosofia o que eu queria estudar, mas Papai falava tanto que era Filosofia o que eu ia estudar, que o dia que ele me falou: “Então, meu filho, chegou a hora de você escolher uma carreira: qual que você escolhe?”, eu logo falei: “Filosofia”. Foi uma cena comovente dessas que aparecem no cinema. Papai chorou, disse que eu era a esperança mais cara da vida dele, que eu seria redenção da sua vida. Acho que ele exagerou um pouco, mas a comoção faz isso com a gente. (VILELA, 1984, p. 86)

Isso caracteriza a falta de diálogo e, de certa forma, um relacionamento distante. O último conto desse livro a ser comentado se intitula “Nosso fabuloso tio”. Nessa narrativa, o sobrinho irá contar sobre o seu tio e, através das descrições e histórias, há a figura de um homem “durão”: agressivo com os filhos e com a esposa, adepto de farra, cigarros, bebidas e mulheres. Trata-se de um

perfil semelhante ao do homem de “Por toda a vida”²⁴, do livro anterior, que, após subir de cargo, desenvolve a vaidade, agride, desmerece e trai a esposa, sempre relegando os cuidados com os filhos à mãe:

Os filhos, como você sabe, saíram o contrário do pai: fracos e doentes. E fraqueza e doença eram duas coisas que ele não podia tolerar. Aplicava aos filhos o mesmo sistema que dizia ter recebido e que considerava o único apropriado para um homem: o relho. Deixar trancado no quarto o dia inteiro, sem comida. Nessa base. Um deles, o Tião, fugiu de casa quando era rapazinho e nunca mais voltou. Contam que Titio uma vez encontrou-o por acaso num barzinho de estrada – isso já depois de homem, e quanto Titio já beirava os setenta. [...] Titio mandou ele voltar para casa – assim como se o caso tivesse acontecido no dia anterior [...] Tião respondeu uma coisa pesada: que não era mais filho dele. Quê que você acha que o velho fez? Não pense que ele chorou, ou coisa parecida. Ele rancou o corrião e meteu-o na cara de Tião, que saiu correndo apavorado, e ele atrás, estalando o corrião e xingando. Depois disso proibiu de falar o nome de Tião na família. Para ele, o filho estava morto. Assim mesmo, contam que ele andava com um retrato de Tião na carteira. Não sei se isso é verdade. (VILELA, 1984, p. 117)

A visão sobre a figura paterna aparece pela perspectiva do sobrinho que, sendo de outra geração, possui outra perspectiva sobre paternidade e masculinidade. Ou seja, ele aponta criticamente diversas situações que, como ele mesmo expõe, para o tio eram muito naturais. No trecho exposto há, mais uma vez, a questão da expectativa do pai em relação ao filho e, nesse caso, essa expectativa paterna está muito ligada a um modelo padrão de virilidade que, como a própria narrativa mostra, é um sistema que passou/passa de uma geração a outra: “o único apropriado para um homem: o relho”. A psicóloga Mara Barasch, em seu texto “Sexo e afeto no cotidiano do homem”, traz um pouco do cenário de expectativas e diferenças na socialização de meninos e meninas que ajudam a pensar nessa questão:

Desde que nascem, meninos e meninas se deparam com uma enorme variedade de comportamentos que deverão copiar e seguir e de que deverão se apropriar como se fossem seus, de acordo com a cultura da sociedade a que pertencem. Normalmente, em nossa cultura, espera-se do menino a iniciativa, a agressividade para lidar e encarar os fatos corriqueiros, o constante acerto nas investidas ao sexo oposto e a escolha de um determinado caminho que seja característico de pessoas fortes e vencedoras – os provedores. É

²⁴ O livro *No Bar* (1968) já estava pronto quando *Tremor de Terra* (1967) foi publicado. Dessa forma, os contos foram escritos na mesma época.

toda uma série de valores que são passados consciente e inconscientemente para que ele assuma seu papel sexual masculino, que determina que não será um fraco ou efeminado; em suma, tira-se toda a delicadeza de seu mundo e coloca-se o seu referencial no mundo externo. (BARASCH, 1997, p. 98)

Dessa forma, o pai “não podia tolerar” fraqueza e doença nos filhos homens. Não só não podia, como agia com agressividade em relação a isso. Até diante do reencontro com o filho, ele mantém sua violência. Um ponto interessante é que o pai, em momento nenhum, se questiona sobre as suas atitudes. Ele só sabe essa maneira de ser homem: “[e]m matéria de compreender os outros ou de ser justo com as pessoas, não havia ninguém como ele: sua cegueira era exemplar”. (VILELA, 1984, p. 119). Apesar disso, guardar o retrato do filho na carteira pode mostrar, enfim, uma pequena incoerência desse padrão viril.

2.4.3. *O fim de tudo*

Dos 25 contos do livro de 1970, *Tarde da noite*, apenas um aparece com o tema da relação entre pai e filho, “As formigas”, e será analisado no terceiro capítulo. Dessa maneira, chegamos ao livro de 1973, *O fim de tudo*. A mudança em relação ao livro *No bar* é notável. Na obra de 1968, o cenário predominante é o interior e o meio rural. Através de uma vida pacata e simples, as histórias se delineiam e meninos cheios de dúvidas passam por crises quando entram em contato com uma realidade mais ampla, enquanto os pais e educadores, boa parte influenciados por dogmas religiosos, projetam nos meninos determinado padrão. Em *O fim de tudo*, as tradições e costumes do interior desaparecem, com exceção do último conto que dá título ao livro e, de forma interessante, essa narrativa personifica a mudança temática: aborda as mudanças, tanto de hábitos quanto do lugar geográfico – nesse caso devido à industrialização –, num misto de nostalgia e crítica. Além disso, nesse livro aparece a figura do sujeito que sai do interior para tentar a vida na capital e, no meio desses desacertos, dos 25 contos, três aparecem com o tema da relação entre pai e filho: “Carta”, “A volta do campeão” e “Pai e Filho”.

Em “A Volta do campeão”, a relação aparece de forma tangencial. No desfecho do conto, há uma inversão de papéis em que a filha repreende o pai

que, já aposentado e depois de passar por um derrame, volta a jogar bolinhas de gude com as crianças:

Em casa encontrou a filha:

– Estava com os meninos? – ela perguntou.

– Que meninos? – ele respondeu com agressividade, sentindo-se descoberto, violado seu segredo.

– O senhor acha que todo mundo já não está sabendo, Papai?

– Bom – ele acabou de sentar: – e quê que tem isso?

A filha riu, carinhosa e repreensiva, um cigarro de filtro entre os dedos espichados.

– Tem cabimento uma coisa dessas, Papai? ... (VILELA, 1973, p. 88)

Embora a filha seja carinhosa e queira, aparentemente, zelar pelo seu pai, a repreensão não é bem aceita. O pai mostra-se indignado com o tratamento da filha e da esposa, visto que os encontros com as crianças, além de distraí-lo do seu tédio, despertavam boas lembranças:

– Zelando... – riu sarcástico; – vocês querem é que eu vá morrendo aos poucos. Morrendo cada dia um pouco mais; morrendo lentamente...

– O senhor acha que é isso que a gente quer, Papai?

– É isso que vocês estão fazendo comigo. Mas podem ficar tranquilas: eu não vou mais lá nos meninos [...] vou ficar o dia inteiro aqui dentro dessa casa.

– Papai, escuta: vamos conversar direitinho.

– Não quero mais conversar – ele disse, e saiu da copa. (VILELA, 1973, p. 90)

Aqui é como se as aparências importassem mais do que os sentimentos verdadeiros. O pai, por fim, aceita as repreensões, mas não sem expor seu descontentamento. Nesse conto, é possível retomar a definição de virilidade e refletir sobre um decréscimo de virilidade. O pai do conto está longe do seu auge e a figura do idoso representa um caso à parte.

Nos outros dois contos, a relação entre pai e filho aparece em primeiro plano. O primeiro conto, como o título sugere, é uma carta de um filho destinada ao pai, que é caracterizado como “bom, honesto, trabalhador” (VILELA, 1973, p. 62). O relato perturbador sugere um cuidado excessivo do pai pelo filho: “[é] como se você tivesse me posto numa redoma, e nela eu vivia” (VILELA, 1973, p. 61), enquanto os sentimentos do filho em relação ao pai são confusos e, em parte, influenciados pela insegurança da figura paterna: “[...] eu nem sei direito se te

amava; talvez o que eu sentisse por você fosse mais pena do que amor. Pena dessa sua falta de jeito para tudo” (VILELA, 1973, p. 61).

O pai, embora cumpra com as funções básicas de um cuidador: “[v]ocê nunca me deixou faltar comida nem roupa, e me deu os melhores colégios para estudar. Não posso me queixar quanto a isso” (VILELA, 1973, p. 62), parece ter sido decisivo para a constituição do caráter do filho:

[...] a sua pureza, Papai, o seu medo de que eu viesse a ser um desses “jovens perdidos de hoje” me estragou, me deformou, fez de mim um incapacitado para viver, medroso, ressentido, solitário, separado da vida como um bicho selvagem no fundo de uma caverna escura e fria, com medo da luz e dos ruídos. (VILELA, 1973, p. 62)

Há a figura de um filho ressentido e oprimido, não por um excesso de autoridade e severidade do pai, mas pelo excesso de cuidado. Os ares são de culpabilização, por mais que o discurso do filho diga o contrário:

Não, eu não estou te culpando de nada. [...] Que pensaria você da palavra culpa quando procurasse relacioná-la com a sua vida e visse só esse amor que hora nenhuma você me deixou faltar? Como você poderia compreender que foi exatamente ele que estragou minha vida? (VILELA, 1973, p. 63)

Nesse ponto, o filho enfatiza e culpa o amor do pai. Um ponto interessante dessa relação entre pai e filho é perceber que, mesmo com todo o amor e “necessidades supridas”, havia uma distância entre eles: “[...] conversamos sempre tão pouco e as cartas sempre foram tão breves. Mas também do quê poderíamos falar? Dentro de mim eu só tinha aquele inferno, e você a sua solidão” (VILELA, 1973, p. 63). Aqui é possível compreender que uma relação saudável requer conexão e afinidade, e não apenas cumprir as regras de determinada cartilha. Mais do que o inferno interior relatado pelo jovem, a não discussão e o não acesso a esses sentimentos parecem ter levado o filho a cometer um ato extremo: “Todos esses anos eu vivi num inferno interior, mas você não sabia porque eu te ocultava isso. Por fim a coisa se tornou instintiva em mim: eu era um por fora e outro por dentro” (VILELA, 1973, p. 63). O fim do relato é a confissão de um estupro. Marisa, a vítima, segundo o narrador personagem, tinha toda a liberdade que ele não pôde ter, além de representar:

[...] a mãe que eu perdi criança, a irmã que eu não tive, a namorada que eu não tive, todas as mulheres que eu encontrava na rua e nos meus sonhos; Mãe, Irmã, Namorada, Prostituta, Nossa Senhora, tudo. Não é quase louco que eu tenha visto tudo isso numa menina de apenas treze anos? (VILELA, 1973, p. 64)

Fica claro que o autor da carta tinha problemas em relacionar-se com outras pessoas e, especialmente, com mulheres. Aqui não sabemos se o caráter deformado do filho foi influenciado por um pai com sentimentos também deformados pela falta da esposa; se essa figura paterna, devido à solidão, sufocou o filho com tanto cuidado e amor; se, por viver numa redoma fictícia, o filho, separado da sociedade, talvez não por escolha própria, tornou-se um “selvagem” que não sabia, enfim, lidar com regras sociais. Temos um narrador não confiável, que relata suas percepções e demonstra suas faltas, além de evidenciar tranquilidade em relação ao crime que comete. Esse conto nos permite refletir e questionar alguns senso comuns, como o modelo de pai estabelecido pelo sistema patriarcal e a questão dos pais serem os responsáveis pela educação dos filhos e todas as consequências que isso envolve.

No conto “Carta”, a voz e a perspectiva da narrativa concentram-se na figura do filho. Já em “Pai e filho”, através do diálogo entre dois amigos, temos a posição de um pai que perdeu o filho e, inesperadamente, descobriu que o filho era “terrorista”. Rubens é o narrador com quem Geraldo conversa sobre a situação. Nessa primeira fala, ainda não sabemos dos acontecimentos que serão revelados ao longo do conto, e isso nos remete, de alguma forma, ao conto anterior, como se o pai ao ler a carta pudesse pensar a mesma coisa que Geraldo:

- O pior, sabe, é que eu não consigo entender; não consigo entender como isso veio a acontecer. Ele era um menino tão bom, Rubens, tão direitinho... Como que ele foi se meter nisso?
- Uma pessoa nessa idade de dezoito anos tem muitos problemas, Geraldo – eu disse, tentando consolá-lo; – você sabe disso mais do que eu. Às vezes há coisas que a gente ignora, quero dizer: coisas que não têm relação direta com a gente, com os pais.
- Mas que coisas, Rubens? Que faltava pra ele? Tudo o que nós pudemos dar a ele nós demos. É verdade que às vezes uma coisa ou outra a gente não pôde dar, porque também não somos ricos. Mas isso eu posso dizer: o que estava ao nosso alcance nós demos. E não falo só de coisas, mas de afeição; sempre fomos carinhosos com ele, compreensivos. Alguma falha a gente pode ter tido, mas que pai que não teve? Que pai pode dizer que deu uma educação perfeita a um filho? (VILELA, 1973, p. 127)

O pai não consegue se conformar com o ocorrido, e Rubens, na função de amigo, tenta tirar o peso que Geraldo possui sobre os ombros. Esse peso, entretanto, não é exclusividade de Geraldo. A ideia de que os pais são responsáveis pela educação e formação dos filhos é muito presente na sociedade. De forma parecida com o conto anterior, Geraldo acredita que havia dado tudo o que o filho precisava: “coisas” e “afeição”. Um ponto de destaque desse conto é em relação à reflexão sobre o papel e a função de ser pai. Na sua inconformidade, Geraldo reflete, repensa, pondera acertos e assume culpas e falhas – inclusive algumas que nem precisaria assumir.

A relação entre pai e filho, porém, se distancia do conto “Carta” quando a questão é proximidade e conexão. Embora a falta de diálogo também apareça nesse conto – depois de Geraldo desenvolver a ideia de que o filho nunca tinha dado problema e era, inclusive, muito carinhoso até começar “a se modificar” – aqui o distanciamento acontece em um momento específico:

- Ele não conversava mais com você?
- Conversava, mas não sobre essas coisas; conversava sobre coisas à toa, sem maior importância. Mas mesmo essas coisas a gente conversava cada vez menos; era esquisito, é como se a gente fosse se tornando estranho um para o outro, como se a gente não fosse pai e filho. Às vezes fico pensando; fico pensando se eu não devia ter sido mais enérgico e pedido a ele que se abrisse comigo; talvez eu não tenha tido suficiente autoridade; não é o que todo mundo diz hoje dos pais? ? (VILELA, 1973, p. 128)

A figura paterna repensa todas as suas atitudes e reflete sobre as possibilidades para que o filho tenha escolhido aquele caminho. Ele se cobra pela falta de autoridade, e cobra também da mulher, que sempre “foi muito seca com os meninos”: “[...] a gente pensa em tudo nessas ocasiões. Falta de carinho da mãe, falta de autoridade do pai...” (VILELA, 1973, p. 130). Aqui temos a marcação das exigências à figura paterna e materna e, mais uma vez, a falta de autoridade do pai entra em conflito com o modelo estabelecido pelo sistema patriarcal. Em algum momento, Geraldo cita “um artigo de um psiquiatra sobre os pais e a juventude de hoje” (VILELA, 1973, p. 128):

- [...] O artigo era meio complicado, mas alguma coisa deu pra eu entender; minha conclusão sabe qual foi? que eu era um monstro;
- [...] eu, um pobre-diabo que passou a vida dando duro para educar quatro filhos e dar a eles um pouco de felicidade, descobria de

repente que eu era um monstro, que eu tinha feito sem saber uma porção de coisas erradas, tinha às vezes, “de um modo irremediável”, como dizia o artigo, desgraçado a vida dos meus filhos; e tudo sem eu saber, isso é que era o mais chato... (VILELA, 1973, p. 129)

Geraldo encontra-se claramente em conflito com a sua função de pai. Fragilizado pela morte do filho, em momento nenhum pondera, racionalmente, que os fatos podem não ter relação com a criação e a educação que deu ao filho. A informação de que o pai havia descoberto que o filho era terrorista através de um foto no jornal aparece ao final:

No ponto final da lotação tem uma banca onde eu compro jornal. [...] E então, lá na última página, estava a fotografia: “Terrorista morto pela polícia” [...] – Ele estava furado de balas, Rubens; tinha buraco de bala por todo o corpo; no peito, na barriga, nas pernas, no rosto; deram tiro nele em toda parte. (VILELA, 1973, p. 134)

O jovem é colocado como terrorista, mas é necessário atentar-se ao contexto histórico em que o conto foi produzido: a ditadura militar brasileira. Qualquer jovem subversivo era facilmente rotulado de terrorista para que, dessa forma, os assassinatos e torturas fossem justificados. Todas as informações acerca do jovem nos remetem a outra direção: “menino bom”, “direitinho”, “o filho mais carinhoso”, e mesmo que aqui seja a visão do pai, quando o jovem já se encontra em uma fase problemática, ele se lembra do aniversário do pai e o abraça antes de partir.

Nos dois contos, é possível entender que o modelo autoritário preestabelecido pelo sistema patriarcal começa a sair de cena. Nessa mudança, surgem pais em crise e que ainda não conseguem encontrar o equilíbrio necessário. Eles continuam perdidos na função de educar, mas passam a refletir sobre as suas atitudes e funções.

2.4.4. *A cabeça*

No livro de 1979, *Lindas Pernas*, há 15 contos. Nessa coletânea, de forma recorrente aparece a figura de homens agressivos cumprindo um papel

estereotipado. O único conto em que o tema relação entre pai e filho aparece é “Não haverá mais índios”, e será analisado no terceiro capítulo.

A coletânea *A cabeça*, de 2002, foi publicada depois de 23 anos, e configura o maior espaço de tempo entre um lançamento e outro na carreira do autor. Dos dez contos, apenas um aparece com o tema da relação entre pais e filhos: “Rua da amargura”. Nesse conto, dois irmãos querem vender o dente de ouro do pai doente antes mesmo da sua morte. A irmã, a única que cuida do pai, se mostra indignada. Os irmãos possuem características que se aproximam de algumas definições do conceito de virilidade: são grosseiros na sua relação com as mulheres: “[m]ulher é bicho burro; mulher não raciocina.” (VILELA, 2002, p. 121); e, quando na função de pai, são igualmente insensíveis: “Por que em vez de fazer uma sopa pro neném você não faz uma sopa com o neném?” (VILELA, 2002, p. 122). O ponto de destaque é a diferença em como a filha trata o pai doente e os filhos que, endividados, querem se aproveitar do pai moribundo. Esse é o terceiro conto em que relação de paternidade acontece com personagens femininas. Curiosamente, dos três contos, apenas em “Por toda a vida”, em que a filha é também esposa e mãe, a temática da dissertação aparece de forma mais central, visto que todas essas funções fazem diferença na composição da narrativa. Assim como em “A volta do campeão”, em “A rua da amargura” a relação aparece de forma tangencial, e as figuras dessas mulheres e filhas são caracterizadas como cuidadosas e preocupadas com os pais, bem diferente de alguns personagens masculinos. Essa informação não é, de forma alguma, irrelevante. Em “Rua da amargura”, especificamente, a filha é a “enfermeira” do pai, o que deixa evidente que o cuidado ainda é reservado somente às mulheres.

É nesse livro, também, que o conto “Catástrofe”, embora não configure exatamente uma relação entre pai e filho, traz uma figura masculina interessante para dialogar com o tema da dissertação. Um casal heterossexual discute por que o homem não gosta de crianças e não está feliz com a ideia de ter que conviver com os sete filhos de uma amiga da mulher por um tempo. Sobre o homem que abandonou a amiga da esposa e os filhos, ele diz: “Eu imagino o cara: um dia ele olhou ao redor, viu aquele bando de meninos e aí pensou: ‘Meu Deus, quê que eu fiz?...’ Pegou então a maleta, saiu de fininho e caiu no mato.” (VILELA, 2002, p. 90). No desfecho, a figura masculina, depois das tentativas de convencimento e logo após a mulher dizer: “Eu até já vou comprar uma lata de

biscoitos.”, responde: “E eu uma caixa de balas.”. Surpresa, a mulher questiona: “Balas? Você?”, e ele termina: “ – Balas de revólver, my dear” (VILELA, 2002, p. 92). Nesse conto, há configurações novas, tanto de modelo de relacionamento, como de família. Temos um casal sem filhos e uma relação em que a mulher está, aparentemente, em uma condição de igualdade com o homem – visto que, mesmo com a discussão, ela decide pela vinda da amiga; e uma mãe solo com sete filhos. Portanto, a família nuclear – mãe, pai e filhos – já não é absoluta.

No último livro de contos, *Você Verá*, de 2013, mais uma vez, de 11 contos, um aparece com o tema: “Todos os anjos”, e também será analisado no terceiro capítulo.

2.5.5. Sistematização das características

Nos contos de *Tremor de Terra* (1967), a característica em comum que se sobressai é o relacionamento distante dos pais com os filhos. Em cada narrativa com as suas nuances, temos o retrato de pais ausentes e omissos, como em “Por toda a vida”, em que a solidariedade masculina é escancarada, além de a reprodução da ausência afetiva em duas famílias e a naturalização das situações baseadas em relação de poder; o conflito entre gerações que distanciam pai e filho, em “Dois homens”; e um filho ressentido pela falta de proximidade e afeto do pai, em “Enquanto dura a festa”.

Já nos contos de *No bar* (1968), o relacionamento distante parece dar lugar à falta de habilidade em relacionar-se com os filhos. Os pais não são ausentes, mas possuem imensas dificuldades em equilibrar autoridade, expectativa, afeto e liberdade. Há pais que tentam administrar essa falta de habilidade, marcando, assim, a representação de pais em transição. É o caso de “Um caixote de lixo”, em que o pai procura ficar bem com o filho depois de castigá-lo; e o pai de “Avô”, que se esforça para suprir as necessidades físicas e emocionais do filho, mesmo que sem muito sucesso. Já o pai de “Longe de tudo” parece nunca ter imaginado a possibilidade de o filho ter posicionamentos ideológicos diferentes dos dele, assim como o pai de “Filosofia”, que deposita todos os seus desejos frustrados no filho sem se importar com suas reais vocações. O pai de “Inferno” também mostra a dificuldade em relacionar-se com o filho, que possui necessidades

especiais, e, com tons de agressividade, o seu refúgio é a bebida. O pai de “Nosso fabuloso tio”, além da dificuldade em relacionar-se com o filho e a agressividade, assemelha-se aos pais ausentes, embora configure uma incoerência nesse perfil viril ao guardar a foto do filho na carteira.

Em *O Fim de tudo* (1973), o modelo de pai autoritário começa a sair de cena e, dessa forma, surge o questionamento do modelo de pai baseado no sistema patriarcal. Em “A Volta do campeão”, há a representação de uma inversão de papéis, em que o pai encontra-se na condição de repreendido – a filha não vê com bons olhos o fato do pai, já aposentado, encontrar-se com meninos para jogar bolinha de gude na rua. Nesse caso, há um decréscimo de virilidade na figura do pai, destacando a representação do homem idoso. Em “Carta”, a figura paterna exposta pelo filho é a de um homem inseguro e isolado da sociedade. Ele peca pelo excesso de cuidado, sufocando e oprimindo o filho na ausência de autoridade. Em “Pai e Filho”, temos um pai em conflito que reflete sobre a sua função de ser pai: ele não consegue se conformar com a morte trágica do filho e tenta compreender seus erros e acertos.

No último conto comentado, de *A cabeça* (2002), “Rua da amargura”, a relação entre pai e filho acontece de forma tangencial e o ponto de destaque é a diferença em como a filha e os filhos lidam com o pai moribundo. De um lado, o cuidado, e do outro, a insensibilidade diante da fragilidade.

Tabela 1 – sistematização das características

Título dos contos	Características na relação pai e filho
<i>Tremor de Terra</i> (1967)	
“Por toda a vida”	Relacionamento distante; pais ausentes; solidariedade masculina; homem infiel.
“Dois homens”	Relacionamento distante; conflito de gerações.
“Enquanto dura a festa”	Relacionamento distante; pai ausente; filho ressentido.
<i>No Bar</i> (1968)	
“Um caixote de lixo”	Dificuldade em lidar com o filho; conflitos entre educar e uma relação afetuosa; pai autoritário; filho ressentido;

	pai em transição.
“Avô”	Dificuldade em lidar com o filho; pai em transição.
“Inferno”	Dificuldade em lidar e aceitar o filho; pai agressivo.
“Longe de tudo”	Dificuldade em lidar com o filho; conflito de gerações; expectativas do pai depositadas no filho.
“Circo”	Dificuldade em lidar com o filho; conflitos entre educar e uma relação afetiva; pai agressivo; filho ressentido.
“Filosofia”	Falta de diálogo; expectativas do pai depositadas no filho.
“Nosso fabuloso tio”	Dificuldade em lidar com os filhos; expectativas do pai depositadas nos filhos; pai autoritário; pai distante; pai agressivo; homem infiel.
<i>O fim de tudo (1970)</i>	
“Carta”	Excesso de cuidado; filho ressentido; falta de diálogo; ausência de autoridade.
“A Volta do campeão”	Pai idoso; Decréscimo de virilidade.
“Pai e filho”	Pai em conflito; reflexão sobre a função de pai; ausência de autoridade.
<i>A cabeça (2002)</i>	
“Rua da amargura”	Pai idoso; Ausência de afetividade dos filhos.

3. ANÁLISES DOS CONTOS

Embora a ideia de “família” pareça muito estável, o que hoje é considerado como forma familiar por excelência é, segundo Morgan, “resultado de uma evolução através de sucessivos estágios de desenvolvimento, dos quais a família monogâmica constitui a última forma”. (apud CANEVACCI, 1976, p. 56)²⁵. No texto “Família antiga”, publicado em 1970, L. H. Morgan discorre sobre formas diferentes de família: a consaguínea, punaluana, sindiásmica e patriarcal²⁶. Nesse sentido, é interessante perceber que muitas formas de família que existiram por muitos anos, antes respeitadas e tomadas como ideais, são, hoje, vistas com reticências. A questão consaguínea e poligâmica, por exemplo, exemplificam esse ponto. De forma geral, o senso comum atual considera equivocado o casamento que envolva parentes e a monogamia é tido como um ideal a ser alcançado. A forma da família monogâmica, segundo F. Engels, em 1973:

[...] se baseia no poder do homem, com a finalidade precípua de procriar filhos de paternidade incontestada; e essa paternidade é exigida porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, devem um dia se apossar da fortuna paterna. [...] De resto, via de regra, somente o homem tem a possibilidade de romper esse vínculo e de repudiar sua mulher. O direito de infidelidade conjugal ainda lhe é reconhecido, quando menos pelos costumes. [...] E é exercido em proporção cada vez maior, à medida que progride o desenvolvimento social; se a mulher se recorda da antiga prática sexual e pretende renová-la, é punida com uma severidade maior que no passado. (apud CANEVACCI, 1976, p. 74)

Assim, compreende-se que até mesmo o que é visto como promiscuidade hoje, em outro momento, isto é, antes da forma familiar monogâmica, era o normal. Isso mostra, então, “[...] a evolução da estrutura familiar como inserida e indissociável do tecido social e histórico, refutando a concepção de família como realidade natural, universal e imutável” (RAMIRES, 1997, p. 15). A forma familiar

²⁵ As citações foram retiradas do livro *Dialética da família*, organizado por Massimo Canevacci, em que ele reúne textos de diversos autores, inclusive “A família Antiga”, de L.H. Morgan, publicado em 1970; e “A Família Monogâmica”, de F. Engels, publicado em 1973.

²⁶ Consaguínea: intercasamento de irmãos e irmãs, carnais e colaterais, dentro de um mesmo grupo. Punaluana: casamento de várias irmãs, carnais e colaterais, com os maridos de cada uma das outras, e também casamento de vários irmãos, carnais e colaterais, com as esposas de cada um dos outros. Tudo acontecia no interior do mesmo grupo, e os maridos e esposas não eram necessariamente parentes uns dos outros. Sindiásmica: casamento entre casais individuais, sem obrigação de coabitação exclusiva, mantido pelo desejo de ambas as partes. Patriarcal: casamento de um só homem com muitas mulheres.

monogâmica surge com a nascente da civilização e é encontrada entre os gregos, como Engles expõe no texto “A família monogâmica”:

A monogamia não foi de modo algum um fruto do amor sexual individual, com o qual não tinha absolutamente nada em comum, já que o casamento continuou a ser o que fora no passado, algo baseado simplesmente em uma convenção. Foi a primeira forma familiar fundada não mais sob condições naturais mas sociais, particularmente sobre o triunfo da propriedade individual sobre o comunismo espontâneo primitivo. Preponderância do homem na família e procriação de filhos que têm de ser seus e que são destinados a se tornarem os herdeiros de sua fortuna, essas foram as únicas finalidades da monogamia [...] a monogamia não surge absolutamente na história como um espécie de reconciliação entre o homem e a mulher, e menos ainda como a forma mais elevada de família. Comparece em cena sob a forma da sujeição de um sexo ao outro, da proclamação de um conflito entre os sexos até aquele momento desconhecido na história. (apud CANEVACCI, 1976, p. 77-78)

Essa é uma das formas familiares que parece influenciar, ainda hoje, o conceito de família, obviamente com nuances, mudanças e, talvez, menos rígida e fechada. Outro modelo de família que também influencia os dias atuais é o modelo de família burguesa, proposto por Poster (apud RAMIRES, 1997, p. 21), juntamente com outros três: a aristocrática, a camponesa e a proletária. Algumas características do modelo de família burguesa são: a nítida separação entre o público e o privado; papéis sexuais rigorosamente definidos – o homem como provedor e mulher responsável pela casa e filhos; dissociação entre sexualidade e afetividade, repressão à sexualidade infantil; e diferença na educação de meninos e meninas – obviamente, para reproduzir novamente todas essas características. Esse modelo familiar é considerado falido e ultrapassado por uma parte considerável da sociedade, e o motivo é claro: nem todo mundo se encaixa ou gostaria de se encaixar nessas características que, em sua maioria, são sexistas e opressoras.

De forma interessante, é possível encontrar, nos textos de Luiz Vilela, sobretudo nas primeiras coletâneas, a reprodução dessas influências. Na maior parte de sua ficção, há o retrato do homem branco, heterossexual e de classe média. Em relação à figura paterna e materna, também haverá representações em que os papéis tradicionais são mantidos e a divisão entre público e privado são claras. Por outro lado, se pensarmos que, historicamente, a reconfiguração familiar acompanha a reconfiguração paterna, na produção de Luiz Vilela, é possível traçar

um percurso de mudanças na figura do homem e do pai. O recorte dessa pesquisa é a relação entre pais e filhos. No nosso levantamento, verificamos que essa temática aparece de diversas formas. Devido aos nossos interesses já expostos, escolhemos os contos com a temática da relação pai e filho na infância. Para uma análise mais aprofundada, escolhemos cinco contos de diferentes livros: “Eu estava ali deitado” e “Corisco”, do livro *No Bar* (1968); “As formigas”, de *Tarde da noite* (1970); “Não haverá mais índios”, de *Lindas Pernas* (1979); e “Todos os anjos”, de *Você Verá* (2013).

3.1. “Eu estava ali deitado”

Em “Eu estava ali deitado”, através de um texto sem pontuação, temos o fluxo de pensamentos de um garoto que está passando por uma decepção amorosa. No monólogo interior de Carlos, sua idade não é marcada, mas a preocupação dos seus pais e seu discurso nos remetem a um jovem rapaz. As relações da mãe e do pai com Carlos divergem e nos mostram as diferenças dos papéis tradicionais de homem e mulher. A mãe é lembrada como a pessoa que “não gostava que eu deitasse de sapatos” (VILELA, 1984, p. 13) e, ao interagir com o filho naquela situação, ela se preocupa com a sua alimentação e em agradá-lo:

[...] ela sentou-se na beirada da cama e passou a mão em . meu joelho e falou você não quer mesmo almoçar?
 eu falei que não não quer comer nada? eu falei que não
 nem uma carinha assada daquelas que você gosta? com uma
 cebolinha de folha lá da horta um limãozinho uma pimentinha ela
 sorriu e deu uma palmadinha no meu joelho e eu também sorri
 mas falei que não não estava com a menor fome nem uma
 coisinha meu filho? uma coisinha só eu falei que não e então
 ela ficou me olhando e então ela saiu do quarto eu estava de
 sapatos e ela não falou nada ela não falaria nada meus
 sapatos engraxados bonitos brilhantes (VILELA, 1984, p. 13-14)

Mesmo que a abordagem da figura materna não tenha surtido o efeito possivelmente esperado, é notável a diferença em relação ao pai, que parece ter mais dificuldade em lidar com os sentimentos do filho. A mãe tem um jeito carinhoso ao falar: “nem uma coisinha meu filho? uma coisinha só”, o toca fisicamente: “deu uma palmadinha no meu joelho”, e sabe que não é hora de repreendê-lo: “eu estava de sapatos e ela não falou nada”. Embora o pai demonstre preocupação – “ele não quer comer nada? escutei Papai perguntando e Mamãe

decerto só balançou a cabeça porque não escutei ela responder” (VILELA, 1984, p. 14) – sua interação se mostra torta, desajeitada, desconfortável:

Papai estava parado à porta pensei que você estava dormindo ele falou eu sorri que vento hem! [...] esfregava as mãos eu vou lá no Jorge você não quer ir também? ele ficou olhando para mim esperando não Papai dar uma volta não obrigado você vai virar sorvete aí dentro ele brincou e eu ri e ele riu e então ficou sério de novo esfregava as mãos fiquei com pena dele eu sabia que ele queria me dizer alguma coisa sabia quase o que ele queria me dizer Mamãe deve ter dito a ele Artur chama o Carlos para dar uma volta e ele dissera isso mas agora era diferente era ele mesmo que queria me dizer alguma coisa e estava atrapalhado ficava atrapalhado quando queria conversar certas coisas com o filho e então esfregava as mãos não era por causa do frio Carlos eu sei o que você está sentindo ele falou eu sei como é é muito aborrecido mesmo mas há coisas piores sabe? (VILELA, 1984, p. 14-15)

Os comentários sobre o tempo: “que vento hem/ esse mês de junho é terrível”, os sinais corporais de desconforto: “esfregava as mãos”, juntamente com as perguntas e os meios para tentar distrair o filho – primeiramente a pedido da mãe e, depois porque “ele mesmo que queria [...] dizer alguma coisa” – confirmam o que o próprio menino narra: “ficava atrapalhado quando queria conversar certas coisas com o filho”. Todos esses fatores aparecem pela perspectiva do menino. É ele quem narra os movimentos do pai, mostrando consciência do seu esforço para que aquela interação acontecesse. Aqui temos dois pontos importantes: o pai que, mesmo desajeitado e impulsionado primeiramente pela mãe, se esforça; e o menino que possui uma percepção aguçada em relação ao que acontece, exprimindo, talvez, um avanço de geração. Isto é, considerando os bons anos que os separam, o filho parece saber das insuficiências e dificuldades do pai. Mais que isso, ele sente pena – e isso aparece mais de uma vez no texto – além de expor que “sabia que ele queria me dizer alguma coisa sabia quase o que ele queria me dizer” (VILELA, 1984, p. 14).

O pai, por sua vez, provavelmente influenciado pela geração anterior, parece encontrar-se numa fase de transição. Isso porque há um desejo de desvincular-se do estado de omissão – que seria o mais previsível para um pai tradicional. Ao mesmo tempo em que deseja ajudar o filho – e, para isso, seria necessário desenvolver momentos afetivos – sua capacidade emocional carece de

desenvolvimento. Segundo Mara Barasch, “[p]ara integrar-se no processo de modernidade [...] o homem vem pagando um preço muito alto, nem sempre condizente com sua vontade ou com suas condições emocionais e afetivas” (BARASCH, 1997, p. 95):

Como integrante dessa nova situação, ele encontra condições de viver bem ou ainda de ‘sobreviver’ no mundo das frenéticas e constantes mudanças. Mas *seu estado emocional não tem a mesma velocidade e não consegue acompanhar ou absorver todas elas, sintonizando-se no mesmo ritmo*. Em meio a esse estado de coisas de que o homem não dá conta de acompanhar, destacam-se o sentimento, a troca de afeto, o amor e o sexo. (BARASCH, 1997, p. 96, grifo nosso)

O estado emocional do pai, então, é dividido entre a apreensão pela situação em que o filho está e a falta de habilidade em lidar com isso. O pai “não dá conta” de ajudar o filho no seu sofrimento, pois acessar e falar sobre sentimentos não fez exatamente parte da sua socialização. Dentre as expectativas em relação à condição masculina, existe aquela em que o homem deve se afastar de qualquer sentimento ou atitude que pertença ao “universo feminino”. Isso acontece porque a noção de virilidade combate qualquer característica que possa emascular um homem. Na introdução do livro *A desconstrução do masculino*, contribuição brasileira para os estudos das masculinidades, organizado por Sócrates Nolasco, Rodolfo Hamawi, no texto intitulado “Que querem os homens?”, fala sobre os incômodos em relação ao modelo masculino sob o qual foram educados:

A experiência pessoal nas reuniões entre homens evidencia em primeiro lugar que compartilhamos os mesmos problemas; e nos sentimos menos “loucos” com a descoberta de que muitas dúvidas, que supúnhamos só nossas, afetam a muitos outros. As coincidências iniciais giram em torno de temas que nos incomodam no modelo vigente: a necessidade de nos mostrarmos sempre fortes e capazes; de limitarmos a expressão de nossos sentimentos; de vivermos quase que exclusivamente em campos competitivos; de funcionarmos como servidores da mulher; de sermos permanentemente provedores; de nos ocuparmos apenas de “coisas sérias”, como trabalho, política, etc.; e de perdemos o contato sensível com o que nos rodeia, filhos, amigos, natureza, estando proibidas entre homens expressões tais como “fracassei”, “não sei”, “me equivoquei”, “não posso”. (HAMAWI, 1995, p. 9)

Mesmo que não conscientes, os incômodos aparecem através das atitudes de Carlos e Artur. O pai claramente limita a expressão de seus sentimentos

e seu contato sensível com o que lhe rodeia, no caso seu filho, também é comprometido. Quando tenta falar com o filho, comenta primeiro sobre o tempo, o chama para ir “lá no Jorge/ dar uma volta”, tenta fazer uma piada ou um comentário banal: “você vai virar sorvete aí dentro”. Ao verificar que esse rodeio não seria tão útil naquela situação, os sinais de nervosismo se intensificam, sobretudo quando a percepção aguçada do narrador expõe que “ficou sério de novo esfregava as mãos [...] não era por causa do frio” (VILELA, 1984, p. 14-15). Aqui é como se o instante que o pai evitava estivesse, enfim, chegando. Quando chega, as frases talvez não saiam como o esperado. É interessante notar que o momento em que o pai se esforça ao máximo para falar sobre os sentimentos do filho – em torno de cinco linhas no conto – “eu sei que você gostava muito dela eu sei eu sei que isso é muito aborrecido mas”, ele é interrompido compassivamente pelo próprio filho: “não se preocupe Papai” (VILELA, 1984, p. 15). O filho parece compreender tanto o esforço como a limitação do pai e a conjunção adversativa “mas” na fala de Artur deixa o efeito de uma ideia que não se desenvolveu.

De forma parecida, é possível analisar certa contenção dos sentimentos de Carlos através da qual o monólogo em si é construído. Assim como o pai, Carlos limita a expressão de seus sentimentos. Na figura do filho, entretanto, talvez o motivo seja mais simples: apenas não querer falar:

eu olhei para ele e então ele abaixou a cabeça e de novo estava atrapalhado e de novo eu fiquei com pena dele eu sei que você gostava muito dela eu sei eu sei que isso é muito aborrecido mas ele olhou para mim não se preocupe Papai eu falei não precisa se preocupar não é nada eu sei mas você não almoçou eu estava sem fome pois é e então nós dois ficamos calados (VILELA, 1984, p. 15)

O filho, desconfortável com o desconforto do pai, diz que “não é nada”. Suas atitudes físicas, como a falta de fome, entretanto, mostram o contrário. Depois de ficarem calados, há outro momento interessante: “ele tirou o relógio do bolso e olhou as horas você não quer ir mesmo no Jorge? ele perguntou e eu falei que não então ele saiu do quarto escutei ele abrindo o portão e depois os passos na calçada” (VILELA, 1984, p. 15). Esse acontecimento, em um primeiro momento, parece dialogar com o que Hamawi chama de ocupar-se “apenas de ‘coisas sérias’”. O pai demonstra preocupação, tenta interagir, mas, logo em seguida, retoma seus compromissos. No texto literário, contudo, isso tem outro

significado. Há um enorme esforço por parte do pai em verbalizar a preocupação com o filho e a retomada dos seus compromissos tem, portanto, um valor ínfimo em relação a sua apreensão.

Ainda assim, a impressão é que o diálogo não chega realmente a acontecer. Não se fala do real problema, há frases soltas na boca do pai, mas nenhuma frase é completa o bastante para que uma discussão, um desabafo ou um acolhimento aconteça. Além disso, Carlos também não conversa com a sua mãe, e até mesmo nas lembranças com Miriam, é possível falar da não verbalização de sentimentos:

– você precisa compreender isso, Carlos
 – não posso, Miriam
 – não daria certo
 – não daria certo?
 – nossos temperamentos não combinam
 – não é verdade
 – assim será melhor para nós dois
 não Miriam não é verdade Miriam não é certo Miriam não pode
 Miriam não pode não pode não pode. (VILELA, 1984, p. 14)

As expressões são quase infantis: “não é verdade, não é certo, não pode”. A discordância não se desenvolve e não chega nem a ser um argumento. Não existe a verbalização das suas emoções e sensações, embora exista claramente o sentimento, caracterizado, sobretudo, pelas lembranças de Carlos e a tentativa de esquecê-las e sufocá-las:

fechei os olhos e contei até quinhentos e recordei os nomes de todas as capitais do Brasil e da Europa e recordei os nomes de dezenas de rios e dezenas de montanhas e deitei de bruço e deitei do lado direito e deitei do lado esquerdo e deitei de bruço outra vez e pus o travesseiro em cima da cabeça e pus o travesseiro debaixo da cabeça e apertei mais ainda a cabeça contra a parede e apertei tanto a cabeça contra a parede que ela doeu e então virei de costas outra vez e enfiei as mãos nos bolsos coleí os braços ao corpo juntei as pernas abri os olhos e estava de novo olhando através da vidraça as roseiras frágeis e assustadas fustigadas pelo vento que zunia lá fora e nas venezianas do meu quarto (VILELA, 1984, p. 15)

Esse é o trecho final do conto. Há uma inquietação no jovem que procura meios de não sentir. Chega, inclusive, a causar desconforto físico a si, como se a dor física fosse preferível à dor sentimental. Mas não há uma troca, não é possível que a dor na cabeça causada propositalmente substitua as dores que

parecem doer ainda mais por estarem contidas. A posição em que Carlos está no desfecho é a mesma em que está no início: “as mãos enfiadas nos bolsos os braços colados no corpo as pernas juntas” (VILELA, 1984, p. 13). Essa posição não parece, de forma alguma, aconchegante. Ainda com os sapatos nos pés, Carlos encontra-se tenso, desconfortável e, sobretudo, em contenção – quase um soldado em posição de sentido. Ele não se solta, não se excede, ele apenas segura. Os sapatos possuem uma conotação especial, pois “ela gostava deles assim engraxados bonitos brilhantes” (VILELA, 1984, p. 13). Além disso, a última frase aparece, também, no meio: “eu olhei para a vidraça e lá estavam as roseiras frágeis e assustadas fustigadas pelo vento” (VILELA, 1984, p. 14) e no primeiro trecho do conto:

Eu estava ali deitando olhando através da vidraça as roseiras no jardim fustigadas pelo vento que zunia lá fora e nas venezianas de meu quarto e de repente cessava e tudo ficava tão quieto tão triste e de repente recomeçava e as roseiras frágeis e assustadas irrompiam na vidraça (VILELA, 1984, p. 13)

No tempo da narrativa, é extremamente significativo que a mesma frase apareça no início, meio e fim. Carlos olha o mundo pelo seu estado de humor: “tudo ficava tão quieto tão triste” e, em meio a tudo o que sente e não expressa, “as roseiras frágeis e assustadas fustigadas pelo vento” parecem ser, na verdade, o seu espelhamento. Assis Brasil, em *A nova Literatura Brasileira*, ao dedicar quatro páginas a Luiz Vilela, diz que:

Dominando como poucos a linguagem coloquial – já com uma característica de estilo bastante pessoal – Vilela vai da tragédia cotidiana ao humor, mas nos parece que seu ângulo maior de atividade se abre para o conto de substrato poético. (BRASIL, 1973, p. 120).

É através desse substrato poético, da observação lírica das rosas que o narrador-personagem consegue se expressar. Ele não fala sobre os seus sentimentos e, ainda, mal sabe lidar com tudo o que sente. As rosas estavam frágeis, assustadas e fustigadas no início do seu monólogo e continuam na mesma condição depois das tentativas de interação dos seus pais. As rosas são, então, tudo aquilo que ele não se permite ser. Tudo aquilo que o seu pai não pode aparentar. Tudo o que ele, sofrendo por uma crise amorosa, está: frágil, assustado e fustigado. Seu discurso diz o contrário: “não é nada”, seu pai reitera a ideia: “há coisas piores”.

Mas, mesmo depois das suas tentativas pueris de sufocar ainda mais o que já está contido – contar até quinhentos, recordar nomes de capitais, deitar de diversas maneiras e apertar a cabeça contra a parede – ele está, mais uma vez, “olhando através da vidraça”. E nada mudou, nem mesmo “as roseiras frágeis e assustadas fustigadas pelo vento que zunia lá fora”.

Há a representação de um pai que, embora interessado e preocupado, possui dificuldades em lidar com o filho. Essa dificuldade está diretamente ligada à dificuldade em lidar com os sentimentos. Sendo assim, há indícios de um pai em transição: ele não se encaixa completamente na figura de homem viril, mas sente as heranças negativas dessa socialização. O conflito de gerações fica evidente, mas as tentativas do pai são compreendidas pelo filho. Esse é um ponto interessante: nesse conto não há a representação do filho ressentido. Por mais que o diálogo aconteça de forma truncada, as demonstrações contidas de afeto e preocupação são extremamente significativas. O jovem, por sua vez, embora sensível, parece já estar inserido em uma socialização de masculinidade hegemônica, em que há uma “tensão e contensão permanentes” (BOURDIEU, 2017, p. 75).

3.2. “Corisco”

No conto “Corisco”, os estereótipos de homem e mulher são bem definidos – mais do que no conto anterior – e dialogam com a divisão tradicional. Dono da fazenda, o pai trabalha na roça enquanto a mãe cuida da casa. Dentro desse estereótipo e dessa relação de poder, a autoridade masculina aparece através dos discursos do pai – que geram medo no filho:

[...] e enquanto ele fosse *dono da fazenda*, ali nunca haveria de entrar cachorro, e se entrasse um, ele pegava a espingarda e sapecava fogo sem um tiquinho de dó. Por isso, quando ele veio descendo o pasto de tardinha, *eu fiquei com medo*, Mamãe escondeu Corisco, que era pequeno, no cesto de roupa suja, e disse pra mim você não fala nada, deixa que eu falo, e eu fui esconder detrás da porta da despensa. (VILELA, 1984, p. 120, grifo nosso)

Mais uma vez, o narrador é o menino. Em relação ao trecho, vemos como é importante ser dono da fazenda e como, a partir disso, o pai possui o direito de tomar decisões. O menino diz que “Papai não gostava de cachorro de espécie

alguma, porque, dizia ele, cachorro é bicho velhaco, só serve pra dar amolação e pra comer comida da gente” (VILELA, 1984, p. 120), ou seja, sendo o provedor da casa, ele estaria no direito de desaprovar o desejo do filho de ter um cachorro. A proibição não só é feita como inflamada através de uma ameaça de violência, e há, ainda, uma demonstração de ausência de sensibilidade, visto que ele sapecaria fogo “sem um tiquinho de dó”. Nesse mesmo trecho, quando a mãe diz “não fala nada, deixa que eu falo”, podemos perceber que o relacionamento do pai com o filho não é alicerçado no diálogo – mais uma característica em comum com outros contos. Temos, então, as características do estereótipo masculino: um pai aparentemente ausente que delega à mãe os cuidados com o filho. Ela cuida, ela fala, ela dá um jeito, como se o menino fosse protegido apenas por ela: “[s]e não fosse Mamãe, eu nunca teria Corisco” (VILELA, 1984, p. 120); ou, então, como se falar diretamente com o pai fosse um perigo ou um desrespeito. Ainda pensando nos estereótipos, a rotina do casal marca bem esses papéis definidos:

Papai entrou batendo os pés como sempre fazia, pra sacudir a poeira das botas, pendurou o chapéu na parede, depois deu um tapinha nas costas da Mamãe falando com voz grossa é filha o serviço hoje esteve puxado, e batia a mão na barriga, espiando as panelas de comida enquanto contava casos de bois acontecidos lá no retiro, e então parece que ele reparou no silêncio de Mamãe e falou um pouco mais alto, *mas daquele jeito que não era bravo*, quê que houve filha, você não fala nada, engoliu a língua? Aí Mamãe soprou o fogão, pingou caldinho de sopa na mão, provando o tempero, e sem olhar pra trás, pra Papai, disse que meu aniversário estava perto e pensava em me dar um presente, quê que ele achava da idéia, e Papai sacudindo a cabeça disse que também pensara nisso, mas não tinha idéia do presente, isso era melhor ela escolher, *mulher é que entende dessas coisas*, então Mamãe disse que já tinha escolhido, era uma coisa que eu sempre desejara e ia ficar contentíssimo de ganhar, vamos ver se você adivinha quê que é, mas quando ela falou assim Corisco deu uma choradinha no cesto, ela baixou a cabeça, Papai fechou a cara e sem dizer nada saiu pro terreiro. (VILELA, 1984, p. 121, grifo nosso)

Aqui ficam claros os afazeres do pai e da mãe. Mais uma vez, o cuidado com o filho e o jeito de lidar com o pai, no caso o marido, são explicitados na figura da mulher. Ela faz todo um planejamento de como falar, manipula a conversa com o intuito de chegar aonde deseja, enquanto o homem fala tudo grosseiramente e sem muitas elaborações. Quando o pai entende o rumo da conversa, ao invés de demonstrar o que sentiu em relação àquilo, apenas “fechou a

cara e sem dizer nada saiu pro terreiro”. O pai não se comunica – e isso ficará mais claro ainda em outros trechos. Há, dessa forma, a figura do pai inabordável que “raramente exprime seu amor verbalmente, porque é herdeiro de um modelo masculino que recusa a expressão de sentimento de ternura” (BADINTER, 1993, p. 153). Ele não demonstra o que sente, apenas age. Porém, através das suas atitudes, é possível depreender seus sentimentos.

Já nesse trecho, é possível pensar como a ideia de um padrão comportamental de masculinidade pode ser questionada. Como exposto no primeiro capítulo, não é difícil perceber que os homens estão longe de ser um grupo homogêneo. Mais que isso, o padrão ou o hegemônico parece, muitas vezes, mostrar-se frágil, bem como algo difícil de ser sustentando. Boa parte pela questão de ser um padrão inatingível, pois “ser homem” é algo a ser constantemente conquistado e provado, mas também por não ser possível sustentar esse padrão o tempo todo.

Há algumas situações que revelam essa insustentabilidade do padrão viril na figura paterna, e elas são tão nítidas e legíveis que o filho, uma criança, consegue decodificar. Quando ele estranha o silêncio da mulher e fala mais alto, “mas daquele jeito que não era bravo”, ou quando ele diz que, assim como a mãe, já tinha pensado em dar um presente de aniversário para o filho, mesmo que não tivesse ideia do que, pois “mulher é que entende dessas coisas”, temos, então, um pai preocupado e amoroso. Há, porém, diferenças em como essas duas características aparecem na figura do pai e da mãe. Na figura do pai, é através de gestos e nunca de palavras. E esses gestos, por vezes, pedem certo esforço para significá-los. Esse é um ponto importante da análise: o homem não lida com seus sentimentos, tampouco parece expressá-los. Pela perspectiva do menino, temos um pai que lhe causa medo – semelhante ao pai de “Um caixote de lixo” e “Circo” – e raramente verbaliza o seu afeto. O único momento que esse sentimento aparece de forma mais explícita é nesse trecho:

No outro dia ela me disse que tinha dado um jeito e que Corisco não ia embora, mas eu não falasse nada com Papai, e eu não falei, e três dias depois, no meu aniversário, ele me deu um abraço apertado e um canivete de cabo de osso dizendo toma um presentinho de seu pai, e não falou nada sobre Corisco. (VILELA, 1984, p. 121)

Tirando esse momento, será por atitudes, até mesmo não narradas, que o afeto do pai aparecerá. Quando a mãe dá um jeito de o cachorro ficar, por exemplo, ela é o sujeito ativo que fez algo pelo desejo do filho, como se fossem cúmplices. Aqui não sabemos o que mãe falou ou deixou de falar e quais suas artimanhas, mas sabemos que o pai abriu mão de uma ideia que, num discurso de autoridade, parecia inabalável – muito provavelmente para agradar o filho. A advertência que a mãe faz ao menino sobre não falar nada com seu pai mostra a questão de ser bem aceito pela sociedade e o distanciamento no que diz respeito aos cuidados e até mesmo contato físico com os filhos. O pai, embora tenha aceitado o cachorro, não toca no assunto e, além disso, através da atitude de presentear o filho com um canivete, demonstra o que seria um presente ideal. Como na crônica “Dezesseis chopes”, de Luis Fernando Verissimo: “um homem precisa de um canivete”. O pai, então, cumpre a função de passar atitudes viris para o filho, direcionando-o para o papel que deve cumprir, pois o canivete, na sua função de símbolo da masculinidade, torna um “homem completo” (VERÍSSIMO, 1976, p. 80)

Quando o cachorro fica doente, o pai aparenta não mostrar interesse, mas manda remédios através de outra pessoa. Ou seja, ele não diz que irá comprar remédios, ele sequer diz uma palavra de preocupação, mas no meio da sua rotina diária, tira um tempo para isso – aliás, é a primeira tarefa que realiza no dia. Essas atitudes marcam a composição de um homem diferente, isto é, o homem que o menino sente medo em seus discursos certamente não agiria dessa forma, nem mesmo o pai tradicional teria tanta preocupação com o cachorro do filho. Em relação à doença do cachorro, mais uma vez, a mãe acolhe o menino:

No jantar não falamos nada sobre o assunto, mas de noite fiquei com dó dele e chamei Mamãe pra ir lá de novo. Papai estava sentado no alpendre fazendo um cigarro e quando viu nós dois não falou nada, mas ficou olhando pra Mamãe, depois continuou a picar o fumo. (VILELA, 1984, p. 122)

É ela quem ajuda e consola o filho:

[...] ficava o tempo todo em frente ao alpendre, espichado com a cabeça entre as patas e as orelhas arrastando no chão, dormindo ou espiando com preguiça os currais, não levantando pra nada, nem mesmo quando Papai voltava de tardinha do serviço e em vez de tocar ele dali passava por cima, nem olhando, como se Corisco não existisse pra ele, nunca falava nele, nem mesmo quando Corisco

pegou aquela mania de acompanhar ele ao retiro. (VILELA, 1984, p. 121-122)

Mesmo que o pai não faça nada contra o cachorro, o medo do filho continua, pois “[...] ficava esperando Corisco com medo de Papai ter feito alguma coisa com ele, e quase pulava de alegria quando via ele aparecendo atrás da poeirinha que o cavalo de Papai fazia.” (VILELA, 1984, p. 122). Assim, podemos pensar em como é a construção da subjetividade masculina. O que faz o homem ser homem? Vemos na figura do pai essa tentativa de manter um papel que lhe foi designado. Quando ele fala, o seu discurso é de autoridade, e quando cede, parece ter como condição não se tocar no assunto, pois isso feriria sua virilidade. Em nenhum momento temos o retrato de um homem agressivo, nem com sua família, nem com o cachorro. Mas na voz do menino, o medo não some, muito provavelmente porque, enquanto criança, ainda não entende ou compreende que os gestos, muitas vezes, possuem mais significado do que as palavras. Ainda assim, a autoridade do pai é construída através do que parece ser uma soma de medo e respeito, não só por parte do menino, mas também da mãe, que apenas se conforma e lida com o fato de o marido ser o que é: “e Mamãe me passando a mão na cabeça disse seu pai é duro, e engoliu fazendo barulho” (VILELA, 1984, p. 121).

Mirian Goldenberg, no texto “O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia”, diz que “[a] maternidade é a maior prova de feminilidade, enquanto a virilidade é provada de diferentes formas” (GOLDENBERG, 2000, p. 18). Isso é bem exemplificado no trecho já citado e também quando a mãe acompanha o filho para ver a situação do cachorro doente:

Ele ainda estava no alpendre fazendo o cigarro, e ao ver Mamãe embolou tudo e jogou fora e perguntou com voz seca o que era e ela falou que era o Corisco, estava doente e precisava de remédio, então ele falou que não tinha nada a ver com isso e eu corri pra ele chorando e pedindo pra ele deixar de ser ruim e ter dó de Corisco e ele falou era só o que faltava, chorar por causa dum bicho, e então eu fui chorar no quarto. (VILELA, 1984, p. 122-123)

A doença do cachorro, porém, parece afetar o homem:

Nós demos mas não adiantou nada, ele continuava triste e tinha começado a vomitar uma baba amarela e de tarde ouvi Mamãe falando com Papai, que voltara do serviço mais cedo porque estava com dor de cabeça, que pelo jeito o cachorro não escapava.

[...]

No jantar ela falou o Corisco morreu, e Papai tomando uma colherada de sopa falou sei e limpou a boca e não falou mais uma palavra, e Mamãe vendo que ele não queria comer mais perguntou o que era e ele falou que era aquela dorzinha de cabeça aborrecida. (VILELA, 1984, p. 123)

Na doença do cachorro, o sentimento de tristeza do menino fica claro, tanto pela preocupação narrada como através do choro reprimido pelo pai. Na sua condição de criança, ainda lhe é permitido chorar – quando os dicionários definem a virilidade como a idade entre a adolescência e a velhice, as crianças ficam de fora. Já na figura do pai, homem adulto que deve sustentar sua autoridade, é através da “dorzinha de cabeça” que podemos notar seu descontentamento. Embora a dor de cabeça possa ter sido gerada por qualquer outra situação, no desfecho, não restam dúvidas sobre a hipótese da doença e morte do cachorro terem afetado o pai:

Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando, e era como se o Corisco nunca tivesse existido pois ninguém falou mais nele, só uma vez, uma noite em que havia desaparecido mais uma galinha e então Mamãe falou que, se Corisco ainda estivesse vivo, aquilo não teria acontecido, e então Papai levantando de repente falou que nada, que cachorro era um bicho velhaco que só servia pra dar amolação e pra comer comida da gente, ela não falasse naquilo, não queria saber mais daquela praga na fazenda, e foi até a janela e ficou olhando o céu estrelado, e então Mamãe me cutucou a perna e eu olhei pra ele e vi ele enxugando uma lágrima. (VILELA, 1984, p. 123)

É através da incoerência entre o discurso de que “cachorro era um bicho velhaco que só servia pra dar amolação e pra comer comida da gente” (VILELA, 1984, p. 123) e o sentimento que ele não consegue segurar e se exterioriza através de uma lágrima que entendemos, enfim, toda a caracterização da personagem desde o início do conto, tornando possível a reflexão sobre a construção da subjetividade masculina e, sobretudo, da virilidade que, dentro dos estudos de masculinidades, é entendida não com um atributo natural dos homens, mas como um fruto de um conjunto de processos educativos e sociais.

O pai do conto “Corisco” assemelha-se ao pai de “Eu estava ali deitado” no que diz respeito ao afeto e preocupação com o filho. São demonstrações contidas, mas que possuem significados. Aqui também há a dificuldade em lidar com

os sentimentos, que afeta o relacionamento com o filho, porém, diferente do conto anterior, o pai age silenciosamente ao invés de tentar dialogar. Por mais que trabalhe na roça, exija da mulher os cuidados com a casa e mantenha um discurso de autoridade, ele se mostra incapaz de agir conforme os moldes viris e, dessa forma, é possível pensar em um pai em transição. Ele não consegue, ainda, expressar seus sentimentos verbalmente, aninhar o seu filho no momento de fragilidade ou entender que homem chora, sim, mas cede às vontades do filho, age sem receber créditos por isso e, enfim, não consegue segurar uma lágrima.

3.3. “As formigas”

O conto “As formigas” está entre os menores de Luiz Vilela. Narrado em terceira pessoa, em menos de duas páginas, temos o retrato do mundo particular e imaginário de um menino que tem como distração conversar com os insetos que perambulam pela parede do seu quarto. Embora se diferencie dos outros dois contos analisados até então no que diz respeito ao foco narrativo, é possível traçar, ainda, uma semelhança nesse sentido. O narrador tem uma focalização interna, ou seja, ele assume as percepções da personagem central e, a todo o momento, saberemos as sensações e sentimentos do menino, como se a personagem ganhasse voz.

O enredo é simples. Artifício de Luiz Vilela, a simplicidade em suas produções revela sentimentos complexos. Temos uma personagem infantil que, vivendo num mundo aparentemente hostil, prefere relacionar-se com formigas a pessoas. A construção textual do conto trabalha a verossimilhança, de forma que a impressão seja a de “representações verídicas e precisas”. Como Linhares expõe

[...] Vilela consegue, através de sua juvenildade persistente e de sua memória fiel, transmitir-nos da infância representações verídicas e precisas, sabendo, além disso, fixar com simplicidade viva um recanto de paisagem, um quintal, uma praça, uma rua, uma cidade, dentro do máximo de condensação que o conto comporta. (LINHARES, 1973, p. 48)

As informações de uma casa com defeitos, um menino entediado com a chuva, a linguagem e expressões adequadas para uma criança irão nos dar a medida dessas representações. O narrador começa a narrativa afirmando que “[f]oi a coisa mais bacana a primeira vez que as formigas conversaram com ele” (VILELA,

1988, p. 128). Aqui temos o exemplo de como o narrador expõe os sentimentos do menino causando uma impressão de proximidade em quem lê. A partir dessa informação, compreendemos que, envolto nessa atmosfera lúdica, o menino personifica as formigas:

Foi a que escapuliu da procissão que conversou: ele estava olhando para ver aonde ela ia, e aí ela falou para ele não contar pro padre que ela tinha escapulado – o padre ele já tinha visto que era o formigão da frente, o maior de todos, andando posudo. (VILELA, 1988, p. 128)

Ele atribui às formigas ações e características da sua realidade: a procissão, a escapulida e o padre enquanto uma autoridade. A brincadeira começou “[...] numa manhã de muita chuva em que ele ficara no quentinho das cobertas, com preguiça de se levantar, virado para o outro canto, observando as formigas descendo em fila na parede” (VILELA, 1988, p. 128). Isso só foi possível porque “[t]inha um rachado ali perto por causa da chuva, era de lá que elas saíam, a casa delas.” (VILELA, 1988, p. 128). Essa informação, aparentemente irrelevante, além de contribuir para a verossimilhança do conto, é importante para a construção da narrativa e seu desfecho. O menino constrói o seu mundo particular:

Toda manhã aquela chuva sem parar [...] enrolado no cobertor, olhando as formigas e conversando com elas, o quarto meio escuro [...] A conversa ficava interessante quando ele lembrava de perguntar uma porção de coisas, e elas também perguntavam pra ele. (Conversavam baixinho, para os outros não escutarem.) Mas às vezes não lembrava nada para conversarem, e ficava chato, ele acabava dormindo – formiga tinha hora que era feito gente mesmo. (VILELA, 1988, p. 129)

Mesmo que atribua características humanas às formigas, o narrador marca bem essa diferenciação entre relacionar-se com pessoas e com os insetos:

O bom é que ninguém precisava gritar, nem também mentir, como as pessoas estavam sempre fazendo. E também poder ficar olhando assim, sem falar nada, só olhando, sem precisar falar. Gente, se tinha outra perto, logo uma tinha que falar, ninguém aguentava ficar calado: vaca amarela, pulou a janela, cagou na tigela, mexeu mexeu, quem falar primeiro, come a bosta dela: logo uma falava ou ficava fazendo hum hum e ria – ninguém aguentava. Ficar só assim olhando, tão bom que nem sabia direito se estava acordado mesmo ou sonhando, as formigas uma atrás da outra, descendo, a fila certinha. (VILELA, 1988, p. 129)

Os adultos, então, são chatos e mentirosos. As reflexões expostas pelo narrador configuram um fluxo de pensamento. As marcas linguísticas, as expressões usadas: “vaca amarela, pulou a janela, cagou na tigela”; e a forma como os assuntos são colocados dão a proximidade com o universo infantil. Há uma mistura de pensamentos e não há uma linha de raciocínio precisa: muda-se de um assunto para outro sem que haja a conclusão de nenhum. É em meio a tudo isso, também, que a sensibilidade do menino é marcada: “[f]icar assim olhando, tão bom que nem sabia direito se estava acordado mesmo ou sonhando” (VILELA, 1988, p. 129).

A quebra de expectativa na narrativa acontece de forma abrupta. Saindo do mundo lúdico, passa-se ao mundo real: o pai, na sua função de chefe de família, repara a parede. Enquanto para o menino a rachadura era a “casa delas”, ou seja, das formigas – que eram as suas amigas –, para o pai era simplesmente um defeito a ser consertado. A rachadura passa pela percepção de dois mundos completamente diferentes e, sendo assim, é significada, também, de forma oposta. Para o menino era algo positivo; para o pai, algo insignificante e até mesmo negativo, visto que caracterizava um problema:

Uma tarde entrou no quarto e viu a mancha de cimento novo na parede, brutal, incompreensível.

– Pra quê que o senhor fez isso? pra quê que senhor fez assim com minhas formigas? (VILELA, 1988, p. 129)

O clímax é instaurado. As escolhas lexicais também demonstram o estado de espírito da personagem central. A brevidade do conto mostra alguns mecanismos interessantes, como a economia de adjetivos que, quando aparecem, são significativamente precisos. Como a mancha de cimento novo na parede que nem sempre é brutal e incompreensível, mas aqui é exatamente o que ela configura e faz o menino sentir. Sem hesitar, o menino questiona o pai e a tensão, devido à construção concisa do conto, não se estende. Pelo contrário, a narrativa parece ganhar ritmo:

O pai não entendia, e o menino chorando, chorando. Então o pai deu no espalho. Mas a mãe pediu para ele ter paciência: nesse tempo de chuva as crianças ficam muito excitadas porque não podem sair à rua e não têm onde brincar. (VILELA, 1988, p. 129)

Quando o narrador repete por duas vezes o verbo “chorando”, temos uma ideia da angústia e incompreensão do menino. O gerúndio indica uma ação contínua e prolongada. Mais uma vez, temos a diferença de características em relação à figura paterna e materna. A mãe interfere tentando explicar, ou pelo menos justificar, como se também estivesse remediando e segurando o estouro do marido. Já o pai, em um primeiro momento, não entende, e a comunicação, que nunca aconteceu, parece impossível. De fato, ele não tem ferramentas para entender o que está acontecendo. Não há palavras ou explicações, além das lágrimas magoadas do filho.

No texto “Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade”, Marcelo Silva Ramos aponta que:

Desde muito cedo, o menino ouve referências às diferenças entre ele e uma menina, com o objetivo de direcioná-lo para o mais adequado desempenho de seu papel social. Antes mesmo de aprender o que pode ser, o menino recebe mensagens sobre o que não deve ser (ou fazer). “Menino não chora!” é o enunciado clássico que a infância de cada um preserva na memória e que se constitui em uma das primeiras “tarefas” a serem cumpridas pelo menino a fim de tornar-se um “verdadeiro homem”. (RAMOS, 2000, p. 45-46)

Quando “o pai deu no espalho” ao não entender “o menino chorando, chorando”, ele manda uma mensagem sobre o que seu filho não deve ser ou fazer. O pai de “Corisco” age de forma semelhante quando, aos prantos, pede que ele ajude o cachorro: “[...] era só o que faltava, chorar por causa dum bicho” (VILELA, 1984, p. 123). Por mais que ambos não verbalizem exatamente a frase, a mensagem é a mesma: “menino não chora”. Mais do que imperativos sobre o que ser, a socialização em torno de uma masculinidade padrão consiste em direcionamentos contrários a passividade. A mensagem é recebida, pois “[d]e manhã, o menino acordava e olhava para a mancha de cimento na parede. Ficava olhando, até que sentia um bolo na garganta, e cobria a cabeça com o cobertor” (VILELA, 1988, p. 129). Sentir um bolo na garganta é o princípio de um choro. Quando sente isso, o menino cobre a cabeça com o cobertor: ele se esconde, ou seja, mantém em segredo suas emoções, como se elas não pudessem ser reveladas – assim como o menino de “Corisco” que chorava pelo seu cachorro e, depois da repreensão do pai, foi chorar no quarto. Nesse sentido, eles começam a compreender o que Haroche expõe ao falar sobre virilidade: “[o]s homens devem ser fortes, mais ainda, devem se mostrar fortes” (2013, p. 29).

Temos, mais uma vez, a figura do pai inabordável, que é um “pai ferido” e, na incapacidade “de manifestar suas emoções, fere por sua vez o filho, que fica sem um modelo de acesso à afetividade” (BADINTER, 1993, p. 153). Acerca disso, a psicóloga Vera Ramires expõe que:

A base para cuidar de criança, tanto nos homens como nas mulheres, é ter tido um bom relacionamento primário. Se essa base relacional é ampliada nas mulheres e inibida nos homens, isso se deve menos a fatores da *natureza* de cada um do que às experiências e relações através das quais se constituem enquanto sujeito psicológicos e sociais. (RAMIRES, 1997, p. 51)

Esse pai ferido, na verdade, é fruto de uma socialização pelas quais os homens têm passado nas últimas décadas. Não é necessário que algo específico tenha acontecido para esse pai tornar-se ferido. Essa socialização em que o objetivo é criar “homens de verdade” os afasta dos seus sentimentos, muito por conta das categorias de homem e mulher que se pretendem fixas. Há um afastamento ou aproximação conforme o que for designado a cada indivíduo ao nascer: algumas características serão ensinadas em detrimento de outras, e como Ramires expõe, nos homens, “a base para cuidar de criança” é inibida. O menino do conto “As formigas” ainda não entende por que demonstrar seus sentimentos não é bem aceito pelo pai, mas já começa a suprimir seus sentimentos – assim como os meninos de “Um caixote de lixo”, “Avô” e “Circo”.

Nos três contos, “Eu estava ali deitado”, “Corisco” e “As formigas”, há a representação de pais com dificuldades em lidar com os filhos. O afeto, quando exposto, é comedido, e o diálogo quase nunca acontece de forma efetiva. Há, entretanto, a representação de pais “em transição”, como em “Eu estava ali deitado”, em que o pai tenta conversar com o filho e demonstra preocupação. Ainda assim, o modelo de pai estabelecido pelo sistema patriarcal e o conflito de gerações não são totalmente rompidos. Ligado a isso, temos a representação de meninos sensíveis. Um sofre por um desamor, um chora pela morte do cachorro e o outro não entende por que suas formigas eram um problema. Alguns compreendem a situação dos seus pais, como o jovem deitado de sapatos na cama, outros nem tanto, como o menino inconformado com a mancha de cimento. Eles observam as situações através de um olhar muito sensível, como o tutor de Corisco que consegue capturar uma lágrima quase proibida do seu pai. São meninos cheios de emoções e sensibilidade, mas que parecem começar a entender que essas características não

são bem vistas conforme o processo de educação pelo qual estão passando. Como num ciclo infeliz, alguns começam a repreender seus sentimentos, uma vez que, ao expô-los, a reação não foi a de acolhimento; outros, apenas através da observação dos seus pais, entendem a figura de homem que devem seguir, mesmo que essa representação já não se mostre assim tão inabalável. Segundo Haroche, “o sujeito masculino vai pouco a pouco procurar na identificação com a figura paterna as certezas – ou ilusões – da potência viril” (2013, p. 29). A virilidade dificilmente é sustentada e, em algumas vezes, é até desmascarada. Nas angústias desses meninos, temos a prova de que a virilidade não é, de forma alguma, natural aos homens.

Tabela 2 – primeira parte do percurso

“Eu estava ali deitado”	Dificuldade em lidar com o filho; dificuldade em lidar com os sentimentos; demonstração contida de afeto e preocupação; pai em transição.
“Corisco”	Dificuldade em lidar com o filho; pai autoritário; dificuldade em lidar com os sentimentos; demonstração contida de afeto e preocupação; falta de diálogo; pai em transição
“As formigas”	Dificuldade em lidar com o filho; pai agressivo; falta de diálogo; filho ressentido.

3.4. “Não haverá mais índios”

Em “O exercício da paternidade hoje” (1997), Vera Ramires se dedica a duas perguntas: “[c]omo é exercida a paternidade na família do final do século XX? Como se configurará a participação do gênero masculino na família do próximo milênio?” (RAMIRES, 1997, p.13). Ela explica, na introdução, que enfocará as características da paternidade na família nuclear burguesa, não por considerar essa modalidade de família universal e a-histórica, “mas apenas como forma pela qual se apresenta no momento histórico-social em que vivemos” (RAMIRES, 1997, p.13). A psicóloga expõe que:

A partir da revolução industrial, do movimento feminista, da maior participação política, cultural e profissional das mulheres, parece-me que a ordem vigente da distribuição de papéis na família necessita ser revista e os termos da maternidade e paternidade reconsiderados.

A família passa por importantes transformações na sociedade ocidental e tudo indica que estejam ruindo as bases de uma cultura e organização social na qual a responsabilidade pelo cuidado e criação dos filhos/filhas sempre recaiu, de maneira exclusiva, sobre os ombros das mulheres. (RAMIRES, 1997, p. 13-14)

Corroborando com essa questão, os dois últimos contos escolhidos para análise trazem um pouco dessa transformação. Em “Não haverá mais índios”, de *Lindas Pernas* (1979), e “Todos os anjos”, de *Você Verá* (2013), a mudança na relação entre pai e filho é nítida quando comparado aos outros três contos. De pais ausentes, omissos ou em transição, passamos a pais verdadeiramente presentes. Ainda na configuração de família tradicional, veremos que esses pais, agora, conversam com os seus filhos de forma íntima, além de haver cumplicidade e bons momentos entre eles.

O conto “Não haverá mais índios” nos apresenta duas situações que ao final irão dialogar. O foco narrativo é de um narrador onisciente e a maior parte do texto é constituída por diálogos. A narrativa se inicia com uma conversa entre dois homens em um bar. Um deles é um indígena que é humilhado pelo “gordo”. Enquanto todos assistem a cena sem interferir, o “gordo” tenta persuadir o “índio” para que ele dance em troca de bebida alcoólica, como se fosse um animal de circo que só age em troca de recompensa. A exatidão do diálogo causa desconforto no leitor, provavelmente por se tratar de uma cena tão fácil de imaginar como corriqueira:

“Mais pinga”, disse o homem moreno estendendo o copo.

“Mais pinga não”, disse o gordo se apossando da garrafa que estava sobre o balcão. “Índio agora vai dançar; depois mais pinga.”

“Pinga”, disse o moreno tentando alcançar a garrafa. “Índio agora dança”, e deu uma gingada com o corpo enorme, balançando a barrigona. “Índio agora vai dançar ali na frente; todo mundo vai ver índio dançar.” (VILELA, 1979, p. 21)

A relação assimétrica entre os dois homens é evidente. Pensando na questão da masculinidade hegemônica e subalterna, podemos entender o indígena como a representação da subalternidade, não só por estar em dissonância

direta com o seu locutor, mas pela passividade de todos ao assistirem a cena. As metáforas usadas pelo narrador e os insultos do homem gordo também dão a medida dessa desigualdade:

O moreno ficou parado olhando para o gordo – olhando feito um cachorro faminto e medroso olha para uma pessoa que esta comendo um sanduíche num barzinho na estrada. [...]

“Então agora é índio, *bwana* quer ver índio dançar; mim *bwana*, você índio, macaco.”

“Macaco não”, o índio negou com a cabeça.

“Gorila”, disse o gordo dando outra gargalhada.

“Gorila não, índio”.

“Chimpanzé.”

“Chimpanzé não: índio; índio.”

“Orangotango.”

“Índio”, o moreno bateu no peito, “índio”. (VILELA, 1979, p. 21)

A relação de hegemonia e subalternidade fica ainda mais clara: o homem branco, o chefe, o *bwana*, se vê no direito de ordenar que o indígena, historicamente marginalizado, faça algo em troca do seu objeto de desejo. Os insultos do homem gordo são todos com o objetivo de inferiorizá-lo. O homem moreno, por sua vez, sabe o que não é: ele não é macaco, não é gorila, não é chimpanzé. Ele é índio, e afirma isso batendo no peito, mesmo que pareça, também, não saber exatamente o significado de “ser índio”. Há um processo claro de aculturação que, nesse trecho, podemos notar pela questão da bebida. O homem moreno entende o jogo e não vê saída:

Então o moreno deu uma troca de pés e um balanço desajeitado na frente do gordo.

“Meu Deus”, disse o gordo rindo de novo, e voltou-se para os companheiros que estavam nas mesas por perto: “Vocês viram? Samba indígena [...]”. Voltou-se de novo para o moreno: “É lá na frente, pra todo mundo ver; dançar; depois ganha pinga.”

O moreno então obedeceu. Andou pesado e meio cambaleante até a frente [...] O moreno começou, os gestos desconexos e grosseiros do que seria uma dança, atirando os braços para o alto e batendo os pés fortemente no assoalho de tábuas. O gordo sacudia-se de tir. Quase todo mundo a redor ria. (VILELA, 1979, p. 22)

Como se fosse a única forma de conseguir o que deseja, e alimentar um vício, o homem moreno se rende aos pedidos, mas, mesmo assim, não consegue o que deseja e continua sendo humilhado:

Sentado, com um ar abobado, como se não tivesse entendido ainda o que havia acontecido com ele, o moreno olhava ao redor, para aquela plateia em risadas. O gordo então veio curvando-se, mostrou a garrafa para ele. Quando ele foi pegar, afastou a garrafa, dando umas risadinhas; o moreno saiu arrastando-se com a mão direita levantada e o gordo andando de costas: “vem, vem, vem...” (VILELA, 1979, p. 22)

A humilhação ganha ares de crueldade. Recuperando a segunda suposição de Kimmel (1998, p. 105): as masculinidades são construídas em dois campos inter-relacionados de relações de poder: nas relações entre homens e mulheres – desigualdade de gênero – e nas relações entre homens e homens – desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, entre outros. A informação de que quase todos riam mostram o ambiente em que o conto se passa. O bar, de forma geral, é considerado um ambiente masculino, em que os homens têm liberdade para manifestar suas opiniões e comportamentos, mesmo que estes estejam longe do politicamente correto. É, inclusive, o que se espera: que um homem fale sobre futebol, política e mulheres sem pudores, como se esses assuntos fossem exclusivos do seu universo. Se recorrermos a outros contos de Luiz Vilela em que o espaço é o bar, como “Os sobreviventes” de *Tarde da noite* (1970); “Surpresas da vida”, “Não quero nem mais saber” e “Um rapaz chamado Ismael”, de *O fim de tudo* (1973); “Todas aquelas coisas” e “Escapando com a bola”, de *Lindas Pernas* (1979); “Mosca Morta”, de *A cabeça* (2002), e “Você Verá”, do livro homônimo de 2013; veremos que todos as personagens são homens se relacionando com homens, ora brigando, lamentando as escolhas, ora se reencontrando, lembrando o passado, contando causos e projetando o futuro.

A situação deplorável de um homem moreno que se reconhece como índio é o entretenimento de todos os outros ali presentes. A outra situação começa a partir dessa. Um homem acompanhado do seu filho chama o dono do bar para pagar a conta. A primeira informação que é dada é que ele também “assistia a cena, numa contida cara de riso” (VILELA, 1979, p. 23). O homem, acompanhado do seu filho, depois que pagou a conta, “deu a mão para o menino” (VILELA, 1979, p. 23) para ir embora. Começa, então, um segundo diálogo, agora entre pai e filho. Dentro do carro, e não mais no bar, o primeiro diálogo presenciado por ambos será o pretexto da conversa:

“Pai”, disse o menino.

“Quê.”

“Por que aquele homem gordo estava chamando o outro de índio?”

“Porque ele é índio.”

“Ele é índio?”

O homem sacudiu a cabeça, olhando para a estrada à frente.

“Índio de verdade, Pai?”

“De verdade.”

“Mas então por que ele estava de roupa?”

“Ele é um índio civilizado.”

“Quê que é um índio civilizado.”

“É um índio que deixou de se índio.”

“Ele deixou de ser índio?”

O pai não respondeu; prestava atenção no caminhão de gasolina que ia à frente, esperando o momento para ultrapassá-lo [...] (VILELA, 1979, p. 23)

É necessário ressaltar, primeiramente, a diferença na relação entre pai e filho nessa narrativa. Considerando a contística de Luiz Vilela, esse conto de 1979 é o primeiro em que aparece uma nova configuração na relação pai e filho, agora muito mais próxima e cheia de afinidade. Mesmo que o conto se passe, num primeiro momento, em um bar, em que seria possível pensar em um pai que cumpre seu papel de homem ao passar para o filho, ainda menino, costumes viris, veremos que a relação entre pai e filho vai muito além. Se compararmos com o conto “Dois homens”, do livro *Tremor de Terra* (1967), comentado no segundo capítulo e também situado em um bar, já podemos constatar uma relação de proximidade que não existe no conto publicado em 1967. Em “Dois homens”, há um embate de gerações que parece distanciar o pai e o filho. Aqui, mesmo que haja diferenças nítidas entre as gerações, identificadas, principalmente, através da linguagem, não há um choque. As diferenças não se revelam um problema, e sim algo positivo: a inocência do menino soma à reflexão do pai e o conhecimento do pai esclarece as dúvidas do filho. Esse conhecimento, por sua vez, está combinado com afeto e paciência. A começar pelo fato do homem pegar na mão do filho para ir até o carro, ou mesmo um momento antes desse diálogo em que ele demonstra preocupação com o filho, perguntando se ele estava com sono no carro. A facilidade com a qual o menino faz perguntas ao pai mostra uma conexão entre eles e, sem quebra de expectativas, o pai lhe responde com a mesma naturalidade. Em relação ao conteúdo da conversa, num primeiro momento, parece haver uma confusão muito grande. O que é ser índio? O que é ser civilizado? O que é deixar de ser índio? As dúvidas e perguntas inocentes do menino continuam:

“Pai, ele não tem mais tanga não?”
 “Tanga?”, o pai voltou-se para o menino.
 “O índio, Pai.”
 “Ah.”
 “Ele não tem mais tanga não?”
 “Creio que não.”
 “E flecha?”
 “Creio que não.”
 “Por que você fala ‘creio’?”
 “Porque eu não tenho certeza, e quando a gente não tem certeza a gente fala ‘creio’. Entende?”
 “Creio que sim.”
 O pai riu e passou a mão na cabeça do menino.” (VILELA, 1979, p. 24)

Aqui vemos claramente o processo de aculturação, em que a cultura do indígena absorve os costumes da sociedade em que vive – não por vontade própria. Os questionamentos do menino em relação ao homem moreno giram em torno da sua ideia estereotipada do que é um “índio”. Provavelmente, essa ideia foi construída a partir do que o senso comum, desinformado e desinteressado, considera: “índio”, para ele, é usar tanga e flecha. No que se refere ao relacionamento do pai com o filho, vemos, mais uma vez, a liberdade que o filho tem em questionar o pai e a paciência que este tem ao lhe responder. Há, ainda, uma expectativa do filho em relação ao pai lhe providenciar respostas e explicações, distanciando-se, dessa forma, daquela responsabilidade exclusiva das mulheres pelo cuidado e criação dos filhos/filhas, a que Ramires se refere (1997, p. 14). Além de afinidade, há afeto, não só pela forma com que conversam, mas também através dos gestos: “passou a mão na cabeça do menino”. O questionamento sobre o uso da palavra “creio” mostra a diferença de gerações e a brincadeira que o filho faz após a explicação do pai não é isolada:

“Catapora.”
 “Esdrúxulo”, respondeu o menino.
 “Pororoca.”
 “Espiroqueta.”
 “Filisbino.”
 “Filisbino não, Pai; você prometeu que não falava mais.”
 “Então Florisbundo.”
 “Florisbundo? ...” O menino riu. “Quem é o Florisbundo?”
 “É o irmão do Filisbino.”
 “Ah, Pai”, o menino resmungou. (VILELA, 1979, p. 24)

O menino voltará a questionar sobre o homem moreno, mas, em meio às suas dúvidas, há espaço para uma brincadeira descontraída entre pai e filho, como se fossem amigos e só eles entendessem o sentido daquilo. Eles são cúmplices:

“Pai, por que o índio deixou de ser índio? Ele não queria mais ser índio?”

“Não sei, meu filho. Penso que não. Os índios gostam de ser índios, eles gostam de fazer as coisas que eles fazem; gostam de andar de tanga ou pelados, gostam de caçar e pescar, e tudo o mais. É feito você quando vai na fazenda; você não gosta de nadar no córrego, de subir nas árvores, de brincar com barro?”

“Gosto.”

“Pois é. Os índios também gostam de fazer essas coisas.”

“Então por que aquele índio deixou de ser índio?”

“Porque os outros quiseram.”

“Que outros?”

“Os outros; os brancos, os civilizados...”

“Você também, Pai?”

“Você acha que seu pai ia querer uma coisa dessas?”

O menino ficou pensativo, sem responder.

“E por que eles quiseram; que o índio deixar de ser índio...”

“É a civilização.”

“Quê que é a civilização, Pai.”

“A civilização? Um monte de merda.”

O menino riu.

“Pai, posso falar uma coisa? posso?”

“Pode.”

“Eu gosto quando você fala bobagem.

O pai riu, olhando ternamente para o filho.

“Peido de elefante”, disse.

“Mijo de égua”, respondeu o menino.

Os dois riram. (VILELA, 1979, p. 24-25)

Nesse trecho, as respostas do pai combinam certa profundidade e simplicidade: ele parece expor a situação dos indígenas com muito mais discernimento, ao mesmo tempo que usa metáforas que sejam compreensíveis para o menino. Ele diferencia, então, os indígenas dos “outros”. A partir dessa perspectiva, a narrativa se desenrola de forma que, pela primeira vez, os indígenas são retratados de forma positiva, e não através de estereótipos preconceituosos. Não que os estereótipos sejam totalmente rompidos. Considerando a diversidade cultural dos indígenas, é necessário atentar-se para as explicações e ideias generalizadoras, além do fato de que a voz que fala sobre a situação é de alguém de fora, isto é, alguém que não está inserido na cultura em questão, muito menos na vivência. Novamente, há espaço para as brincadeiras. É interessante notar que a

liberdade do menino vem acompanhada de respeito. O menino pergunta ao pai se pode falar alguma coisa e, quando ele permite, faz uma declaração sobre o que gosta no pai: “Eu gosto quando você fala bobagem”. O pai aceita o elogio e, para marcar isso, além de rir e olhar “ternamente para o filho”, confirma agindo da forma que o filho gosta: falando bobagens. É possível, então, compreender a diferença entre ser autoritário e ter respeito. Diferentemente de outros contos em que há a tentativa de acertar o tom da relação e equilibrar afeto e autoridade, aqui a conexão entre pai e filho gera uma relação saudável e respeitosa.

Ao diferenciar os indígenas, o pai cria duas categorias: o índio e os civilizados. Quando o filho pergunta por que “a Mamãe não fala bobagem e não gosta que eu fale?” (VILELA, 1979, p. 25), o pai responde que a mãe é civilizada. O filho, então, questiona o que pai se considera:

“E você?”

“Eu não. Eu sou índio”

“E eu? Quê que eu sou?”

“Você também é índio. Você é um indiozinho.”

“E o gordo?”

“Que gordo?”

“O gordo lá do bar, Pai.”

“Ah”

“Ele é civilizado, não é?”

“O gordo? Oh...”, o pai riu: “aquele é o próprio civilizado, o maior civilizado do mundo.” (VILELA, 1979, p. 25)

Notando que a divisão maniqueísta não daria conta de explicar toda a situação, talvez por considerar que a mãe, mesmo sendo civilizada, não poderia ser comparada ao gordo do bar, ele enfatiza que o gordo é “o maior civilizado do mundo”. Se pensarmos que o pai agiu passivamente ao presenciar a cena do bar, e até mesmo apresentava um sorriso contido, através do diálogo ele acaba por esclarecer seu posicionamento. O conto, publicado em 1979, foi produzido na época da ditadura militar brasileira. Ser civilizado, isto é, não ser indomesticado ou insubordinado, era o que as pessoas deveriam ser, sem tolerância para erros e desvios. Através de uma conversa banal, o pai vai elaborando uma crítica até chegar a um momento de profunda reflexão:

“E quem mais que é índio?”

“Quem mais? Há poucos índios. Há cada vez menos índios. E daqui uns tempos não haverá mais nenhum índio.”

“Mais nenhum, Pai?”

O pai não respondeu. O menino ficou olhando tenso para o seu rosto.

“Hem, Pai: mais nenhum índio?”

O pai balançou a cabeça devagar; olhava fixo para a frente – mas não era a estrada, o menino sabia; e sabia também que quando o pai estava assim não gostava que continuassem falando com ele

Então calou-se também. E ficou imaginando um mundo em que não houvesse mais índio [...] Não conseguia compreender bem como seria isso, mas sentia que se isso acontecesse mesmo seria uma coisa muito ruim e muito triste – uma coisa tão ruim como perder a mãe da gente. (VILELA, 1979, p. 25-26)

Nesse trecho é possível notar, mais uma vez, a conexão que o menino tem com o pai: quando nota o seu olhar fixo, ele consegue diferenciar o motivo. Em outros momentos do conto, o pai também olhava “para a estrada à frente” (VILELA, 1979, p. 23), “de novo atento à estrada” (VILELA, 1979, p. 24) e não respondia o menino porque “prestava atenção no caminhão de gasolina que ia à frente, esperando o momento para ultrapassá-lo” (VILELA, 1979, p. 23), ou, devido a uma curva perigosa, “os dois ficaram em silêncio, observando os carros à frente” (VILELA, 1979, p. 24). Dessa vez, o motivo era outro e o menino sabia, “e sabia também que quando o pai estava assim não gostava que continuassem falando com ele”. Esses detalhes da construção do conto ilustram a sensibilidade do menino – que se assemelha a dos meninos dos contos anteriores analisados nesse capítulo: o olhar atento, a percepção aguçada. Aqui, porém, ele não é repreendido em nenhum momento e o silêncio não é por falta de afinidade ou de habilidade em conversar, e sim pela compreensão sensível do momento. Cada um com a sua bagagem, pai e filho compartilham o mesmo silêncio e reflexões.

3.5. “Todos os anjos”

O conto “Todos os anjos” foi publicado na última coletânea de Luiz Vilela, *Você Verá* (2013). Em relação ao conto anterior, o espaçamento entre as publicações é de 34 anos, entretanto, há similaridades entre as duas narrativas. A começar pelo narrador onisciente e o diálogo. Em “Não haverá mais índios”, porém, mesmo que a maior parte da narrativa seja constituída por diálogos, as personagens que dialogam não são as mesmas. Como exposto, há duas situações em lugares diferentes e, conseqüentemente, dois diálogos: primeiro, entre o “índio” e o “gordo”; e, segundo, entre o pai e o filho. Em “Todos os anjos”, a narrativa é

construída exclusivamente através do diálogo entre pai e filho. Em dez páginas, há poucos parágrafos que não sejam as falas das personagens e, nesses poucos parágrafos, o narrador expõe os pensamentos do pai. Essa informação já marca um ponto de mudança na representação da figura paterna nas obras de Vilela. Se nas primeiras coletâneas os pais eram representados com dificuldades em lidar com os filhos e dialogar – isto é, quando dialogavam – as dez páginas de diálogo, aqui, são significativas.

O pai busca o filho na catequese e o enredo girará em torno de uma conversa sobre a existência dos anjos. No primeiro parágrafo, o narrador apresenta os pensamentos conflitantes do pai:

Como são as coisas, ele já pensara e estava de novo ali pensando, enquanto [...] esperava pelo filho: ele, que, ao longo de toda a sua juventude, à custa de muita reflexão, muita leitura e às vezes muita dor, conseguira escapar do “pestilento pântano da religião” [...] agora, pelas contingências da vida em família, obrigado a levar toda sexta-feira, à tarde, hora em que a mulher ainda não voltara do serviço, o filho para, veja só, a aula de catecismo. (VILELA, 2013, p. 36)

A figura materna trabalha fora, diferenciando-se das mães dos três primeiros contos que ficavam restritas ao âmbito privado. As tarefas entre o casal são divididas conforme a necessidade cotidiana, mostrando a mudança, também, na delegação dos papéis referentes à criação do filho. Embora o pai demonstre seu descontentamento em levar o filho à catequese toda sexta-feira, isso não se dá pela tarefa em si, mas pelo fato de o compromisso estar relacionado à educação religiosa. A temática da religião é recorrente na contística de Luiz Vilela, bem como homens adultos que relembram a infância cristã com certo pesar. Em todo o conto, veremos que a figura paterna não tem uma boa relação com a religião. Esse pai assemelha-se a Ivã, do conto “Meio-dia”, do Livro *No bar* (1968), que de melhor aluno de religião passa para o desinteresse e o ceticismo, como exemplificado no trecho em que ele conversa com o antigo professor e padre:

– É que... A fé não tem mais sentido pra mim.
 – Não tem mais sentido? Como? – o tom humilde sumira.
 – Não tem mais razão de ser.
 – Quem crer será salvo, quem não crer será condenado. Ou você não acredita mais no inferno?
 – Não. Não acredito. (VILELA, 1984, p. 108)

Em “Todos os anjos”, entretanto, o homem se vê obrigado a lidar com a situação:

Levantou-se e deu-lhe a mão:

– Vamos:

Os dois foram

Ao passarem sob as árvores, antigas e altas, o menino se curvou quase todo para trás, perscrutando os galhos.

– Assim, você vai acabar caindo... (VILELA, 2013, p. 36)

Assim como o pai de “Não haverá mais índios”, que “deu a mão para o menino” (VILELA, 1979, p. 23) para ir embora, o pai de “Todos os anjos” também “deu-lhe a mão”. Esse gesto de cuidado aparece mais de uma vez: “Pegou-lhe a mão e atravessou rápida a rua, na frente de um carro que vinha com velocidade” (VILELA, 2013, p. 40). Há, através desses detalhes, uma nova representação da paternidade, em que o contato físico e a presença são pontos fundamentais. Distanciando-se de uma representação de masculinidade hegemônica baseada na virilidade, em que a passividade é inconcebível, temos pais que demonstram afeto e zelam por seus filhos: “você vai acabar caindo” (VILELA, 2013, p. 36). O menino também se assemelha ao do conto “Não haverá mais índios” em relação à perspicácia. Aqui, porém, quem puxa o assunto e inicia a conversa é o pai:

– Mas e aí, *my son*? Quais foram as últimas do mistifório?

– Quê?

– O que você aprendeu lá hoje, na aula de religião?

– O que eu aprendi, eu não sei: eu sei o que a freira ensinou...

– Boa resposta...

– Eu sei isso. (VILELA, 2013, p. 37)

O menino diferencia o seu aprendizado do que a freira tentou ensinar. O pai insiste no diálogo:

– E o que a freira ensinou?

– Ah – o menino respondeu, com um gesto de enfado, – ela falou lá sobre o anjo...

– Anjo?

– “Os anjos, todos os anjos, os anjos, todos os anjos, louvem a Deus sempre, amém”.

– Onde você aprendeu essa música? – o menino quis saber.

(VILELA, 2013, p. 37)

O desagrado do pai, então, é com conhecimento de causa. Ele vê o filho passando por tudo que ele, de alguma forma, já passou. Ver o filho na

catequese não é um desejo do pai, mas sim uma obrigação devido às “contingências da vida em família” (VILELA, 2013, p. 36). Nesse primeiro momento do diálogo, o menino não se mostra muito aberto. É o pai quem o questiona, e ele responde sem muito interesse, ora com “um gesto de enfado” e respostas ríspidas, ora dizendo sim com a cabeça sem muito interesse:

- Qual é a que vocês cantam?
- O menino não respondeu.
- Qual é a música que vocês cantam?
- Ah, Pai, não sei.
- Você não disse que vocês cantam?
- Eles – explicou; – eles cantam.
- Eles quem?
- Os meninos.
- E você não?...
- Não.
- Por quê?
- Ih, Pai, você quer saber de tudo, hem? (VILELA, 2013, p. 38)

Mais uma vez, o menino diferencia a sua atitude da dos outros meninos: ele não cantava. O pai questiona se o responsável em cuidar da turma não se importava com isso e o menino explica que ele não sabia, aguçando a curiosidade do pai:

- Eu finjo, Pai.
- Finge? Como?
- É, mas você está chato hoje...
- Eu só quero saber isso: como que você finge?
- Com a boca. (VILELA, 2013, p. 38)

Há, então, liberdade entre o filho e o pai, até mesmo para o mais novo da relação repreender as perguntas desinteressantes: “É, mas você está chato hoje...”; e contar as atitudes que, para muitos outros, seria reprovável: “Eu finjo, Pai”. A partir desse momento, a atitude entediada do menino começa a mudar. Da chateação, ele passa a empolgação em contar as suas formas de burlar as regras da igreja, como se, finalmente, houvesse chegado a um assunto interessante:

- É assim, olha: eu vou te mostrar. Olha pra mim...
- O menino executou, então, uma mímica, mexendo a boca, franzindo a teste e movimentando a cabeça...
- Viu?
- E você faz assim, lá na missa...
- Sacudiu a cabeça.
- E o irmão não percebe...

- Ele é meio bobo, Pai. E, também, eu treinei, né? Eu treinei muitas vezes, no espelho lá de casa.
- Hum...
- Você quer ver? (VILELA, 2013, p. 39)

O menino demonstra que, mesmo que o Irmão seja meio bobo, sua atitude foi pensada e ensaiada. Nesse momento, seria possível uma censura paterna, mas o que acontece é o pai tentando entender toda aquela situação. Ao invés de indagar, o pai apenas afirma, como alguém que acompanha uma história. Isso é marcado pelas reticências e repetições: “E você faz assim, lá na missa...”/ “E o irmão não percebe...”. Ao demonstrar mais uma vez como ele agia na hora de cantar, o menino espera que o pai adivinhe a canção e a brincadeira só termina porque o pai o impede: “– Não – ele o brecou – Outra hora você canta lá em casa. Senão eles vão achar que nós somos dois doidinhos aqui...” (VILELA, 2013, p. 40). Mesmo quando reprime o filho, o pai o faz de maneira gentil e descontraída. O pai insiste em saber o que o filho aprendeu no seu dia de educação religiosa e, ao perguntar o que a freira falou sobre os anjos, o menino responde:

- Foi sobre o anjo da guarda.
- Anjo da guarda? Isso ainda existe?
- Você não tem anjo da guarda, Pai?
- Eu não.
- A freira disse que todo mundo tem.
- Eu tinha, sabe; mas o meu anjo da guarda andava muito chato, aí eu meti o pé na bunda dele e ele foi louvar a Deus para sempre, amém.
- O menino riu.
- Eu queria perguntar uma porção de coisas... – o menino disse, então, num tom de descontentamento.
- Perguntar a quem, meu filho?
- À freira, Pai.
- E por que você não perguntou?
- Por quê? Porque uma vez eu perguntei, e aí sabe o que ela disse?
- O quê?
- Ela disse: “Aqui quem faz perguntas sou eu, vocês só respondem”. Ela falou desse jeito. (VILELA, 2013, p. 40-41)

O pai não se preocupa com a forma que se expressa. Ele ironiza àqueles ensinamentos da freira e possui a mesma liberdade que o menino ao afirmar que o “Irmão era meio bobo”. Esse é um ponto interessante: a relação hierarquizada entre pai e filho é substituída por uma relação de cuidado e conexão. Pelo diálogo, fica evidente que pai e filho se dão bem e, mais que isso, estão em confluência no que diz respeito aos sentimentos em torno da religião. A figura de

autoridade, por outro lado, é evidenciada na freira que, como aponta o pai: “nem um delegado se sairia melhor” (VILELA, 2013, p. 41). Ela exige do menino subordinação que, por sua vez, se sente incomodado com o impedimento das suas perguntas. O pai abre espaço para os questionamentos que o filho não pôde fazer a freira e uma conversa lúdica se inicia a partir de perguntas como: “[...] asa de anjo é feita de pena igual à asa de passarinho?”/ “anjo voa feito passarinho?” (VILELA, 2013, p. 41):

- Bem: quer dizer que você queria saber se anjo voa...
- É.
- Voava. Antigamente eles voavam. No tempo que os animais falavam.
- Os animais, Pai? Os animais falavam?
- Falavam,
- Feito gente?
- É.
- Quem te contou?
- Eu fiquei sabendo.
- Gato, cachorro, tudo falava?
- Falava.
- E passarinho?
- Passarinho, não; passarinho só cantava.
- Por quê?
- Sei lá. É porque era assim.
- E minhoca?
- Minhoca?...
- Minhoca também falava?
- Falava, mas minhoca falava na língua delas: o minhoquês.
- Minhoquês?
- É.
- Como que é o minhoquês?
- É... Já estou dando razão à freira... (VILELA, 2013, p. 42)

De repente, um mundo lúdico e criativo é criado pelo pai e as perguntas do filho não param. Mesmo que o pai construa ideias evasivas “Eu fiquei sabendo”/ “Sei lá. É porque era assim”, o menino embarca na conversa que vai do minhoquês até a cobra voadora:

- Hem, Pai, como que é o minhoquês?
- Meu filho, o minhoquês é só as minhocas que sabiam; ninguém mais.
- Elas também tinham escola?
- Quem sabe?
- E a aula de catecismo?
- Ah, isso é certeza. Aula de catecismo é certeza.
- E freira?
- Oh, não; tenhamos piedade das minhocas...
- E anjo? Elas tinham anjo?

– Tinham. Anjo era uma minhoca com asas. Mais tarde ela se transformou na cobra voadora. Você não ouviu falar em cobra voadora?

– Não... (VILELA, 2013, p. 42-43)

O menino não desiste e o pai, sob pressão, consegue responder todas as perguntas. A crítica principal, porém, não desaparece: “tenha piedade das minhocas”. Depois das minhocas com asas, que na verdade eram cobras voadoras que, enfim, eram os anjos da época em que os animais falavam, o menino fica pensativo, sem se dar conta que as suas primeiras indagações não foram respondidas:

– Bom, mas... Você queria saber se anjo voa, não é isso?

– É.

– É como eu disse: voava. Antigamente eles voavam. Mas hoje é tudo por controle remoto.

– Controle remoto?

– O anjo é teleguiado, entende? É assim: o sujeito telefona lá para o depósito de anjo.

– Depósito de anjo? Tem isso, Pai?

– Tem.

– É feito depósito de gás?

– É; feito depósito de gás. Lá, no depósito de anjo, lá tem anjo de tudo quanto é tipo. O sujeito então telefona, pedindo um anjo assim ou assado.

– Assado?

– É um jeito de dizer; você nunca me ouviu dizendo isso?

– Eu achei que você estava dizendo que o anjo é assado... (VILELA, 2013, p. 43)

As diferenças na linguagem marcam a distância entre as gerações. Preocupado em entender o que filho está passando, o pai, descrente, se esforça em criar uma história lúdica. Esse esforço começa através da comunicação com afeto e paciência no início, e surte efeito: o menino, que antes estava alheio às perguntas do pai, agora está amarrado na contação da história:

– Mas aí, aí o sujeito telefona lá para o depósito, e eles pst! apertam uma tecla, e na mesma hora o anjo está na frente de quem pediu.

– É assim? – o menino perguntou, admirado.

– É.

– Legal, hem, Pai?

– É super-rápido.

– Ela sabe disso?

– Ela quem?

– A freira.

– Duvido.

– Eu posso contar pra ela?

- É melhor não contar.
- Então você conta.
- Eu? De freiras e padres eu quero distância, meu filho. (VILELA, 2013, p. 45)

A figura da freira aparece mais uma vez. Essa representação de autoridade vai cada vez mais ganhando uma conotação negativa, e o pai não pensa duas vezes antes de declarar a sua aversão a essas figuras. É interessante pensar que, ao colocar em xeque as autoridades religiosas, o questionamento pode reverter também para a autoridade paterna. De qualquer forma, ele tem liberdade para ser sincero, e isso parece ser algo comum na relação, visto que, em nenhum momento, o filho o questiona ou se mostra surpreso sobre isso.

- Então eu vou contar...
- Se você contar, sabe o que ela pode fazer com você?
- O quê?... – o menino perguntou, curioso, olhando para ele.
- Te jogar num caldeirão de água fervente.
- Ah, mas aí, né, aí eu pego o celular e: “Alô, eu quero um ano da guarda!”
- Ele riu.
- Aí o anjo vem, me tira do caldeirão, e eu tiburum! joga a freira lá dentro.
- É isso o que ela está mesmo merecendo...
- Jogo a freira lá dentro; e aí eu quero ver... (VILELA, 2013, p. 44-45)

A freira ganha ares de bruxa: de mulher consagrada, passa a representação de uma mulher demoníaca, segundo o imaginário popular. O menino demonstra que entendeu e acompanhou toda a história, fazendo uma ligação na sua fala com as explicações do pai. Não satisfeito em salvar a sua vida na história fictícia, ele pretende castigar a freira com a ajuda do anjo teleguiado, e o pai o encoraja. A conversa, que dura o percurso da igreja até a casa, acaba. Quando chegam, a mãe já está lá:

- Ele abriu a porta, mas, antes de entrarem, o menino pediu que ele se abaixasse, e disse, baixinho, em seu ouvido:
- Pai, não conta pra Mamãe, não, hem? Eu vou dizer uma coisa, mas é só pra você...
 - Diga.
 - Sabe o que eu acho?
 - Hum...
 - Eu acho que anjo existe, mas existe só de mentirinha...
 - Grande, garoto, grande! – ele disse, passando a mão na cabeça do menino. – Você vai longe... (VILELA, 2013, p. 45)

A cumplicidade entre pai e filho é semelhante a de “Não haverá mais índios”, em que a mãe é civilizada em contrapartida deles, que são selvagens. Aqui cabe uma observação em relação a como as figuras femininas são retratadas, em um universo a parte, de maneira pouco positiva e como se fossem as responsáveis por algumas partes específicas da educação. De qualquer forma, trata-se de uma nova forma de cumplicidade, diferente da cumplicidade entre homens adultos, que se configura perversa. Como no primeiro conto comentado, “Por toda a vida”, em que a solidariedade masculina acontece de forma que as atitudes opressivas sejam naturalizadas e jamais repreendidas. Aqui, o menino conta a sua ideia como se ela fosse secreta – talvez por saber que a mãe não aprovaria esse tipo de conversa – e não sabemos se as suas conclusões são frutos da sua própria reflexão, da influência do pai ou das duas ações. De qualquer forma, o pai o incentiva através de um reforço positivo e temos mais uma marcação de afeto quando ele passa a mão na cabeça do menino. O desfecho são os sentimentos do pai expostos pelo narrador:

Tomara que fosse mesmo, e então descobriria, com o tempo, que não era só anjo que existia de mentirinha: era muitas coisas também, a começar de Papai do Céu.
Papai do Céu, ele pensou, fechando a porta: que coisa mais idiota...
(VILELA, 2013, p. 45)

O homem cético, embora tenha soltado algumas alfinetadas durante a conversa com o filho, demonstra que guarda muito para si, como se as suas falas em relação à religião fossem, ainda, comedidas. Ele se mostra feliz com a esperteza do filho, como se ele estivesse aliviado em vê-lo no caminho certo. O diálogo de afeto e cumplicidade e a relação de cuidado e liberdade marcam, enfim, a reconfiguração do perfil paterno, que passa a responder aos padrões pré-estabelecidos. Ele, e também o pai de “Não haverá mais índios”, deixa de lado os papéis tradicionais restritivos e culturalmente condicionados e mostram habilidade em manifestar afeição e cuidado, além de dialogar e estabelecer contato com os filhos – características que, historicamente, não haviam sido encorajadas no homem.

É interessante enfatizar que ambos os contos não possuem, exatamente, uma problematização em relação às funções dos pais. Enquanto em um conto há uma crítica à sociedade “civilizada” e, em outro, à igreja, os pais agem de forma natural e confortável e, assim, a questão da reconfiguração ganha ainda mais força. (posição da mãe nessa reconfiguração)

Tabela 3 – segunda parte do percurso

“Eu estava ali deitado” (1968)	Dificuldade em lidar com o filho; dificuldade em lidar com os sentimentos; demonstração contida de afeto e preocupação; pai em transição.
“Corisco” (1968)	Dificuldade em lidar com o filho; dificuldade em lidar com os sentimentos; demonstração contida de afeto e preocupação; falta de diálogo; pai em transição
“As formigas” (1970)	Dificuldade em lidar com o filho; pai agressivo; falta de diálogo; filho ressentido.
“Não haverá mais índios” (1979)	Cumplicidade na relação entre pai e filho; pai presente; pai cuidadoso; liberdade para dialogar; demonstração de afeto.
“Todos os anjos” (2013)	Cumplicidade na relação entre pai e filho; pai presente; pai cuidadoso; liberdade para dialogar; demonstração de afeto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira coletânea, *Tremor de Terra* (1967), há a representação de pais ausentes e, conseqüentemente, de relacionamentos distantes. São pais que, embora fisicamente presentes, não dialogam com seus filhos, os pais fantasmas, expostos por Badinter (1993, p. 152). Além disso, são omissos, isto é, não estão verdadeiramente comprometidos com a criação dos filhos, como se isso não estivesse dentro das suas funções de homem. Nessa relação, não raro, há a representação de filhos ressentidos que, diante da impossibilidade de ter um relacionamento afetivo com os pais, sentem-se feridos e decepcionados.

Em seguida, mesmo que não haja uma mudança total na configuração do perfil paterno, a figura do pai em transição começa a aparecer. *No bar* (1968) é o livro com mais contos: há nove narrativas com a relação entre pai e filho. A característica em comum de todos é a dificuldade dos pais em lidar com os filhos. Não que esses filhos sejam rebeldes e difíceis de se relacionar, mas o descompasso entre autoridade e uma relação mais afetuosa e aberta desequilibram a relação. A dificuldade em se lidar com os sentimentos também é muito presente. Aqui, diferentemente de *Tremor de Terra* (1967), essa dificuldade é percebida e sentida pelos homens. Mesmo que os pais se esforcem, as suas limitações emocionais são escancaradas. Lidar com os sentimentos e interagir emocionalmente com os filhos não foram ações encorajadas na socialização desses pais. É assim que os indícios de mudança aparecem: através de tentativas tortas de diálogos e demonstrações contidas de afeto. Há, ainda, a representação de pais autoritários, agressivos e distantes, mas, de forma interessante, é possível encontrar algum tipo de incoerência nesses perfis, como ternuras e preocupações abafadas. Nesse jogo entre afeto e autoridade, alguns filhos têm um medo latente dos seus pais, mesmo que a agressividade não apareça em sua plenitude. Há, também, a representação de filhos ressentidos que, em meio a esses desequilíbrios, nem sempre compreendem as atitudes dos pais.

Em *Tarde da noite* (1970) e *O fim de tudo* (1973), a transição continua, bem como a dificuldade em se lidar com os filhos. Há, até então, uma diferença pequena entre as publicações – no máximo de três anos. Com relações não alicerçadas em diálogos, a representação de pais que não compreendem seus filhos chama a atenção. A autoridade, que já vinha sendo difícil de ser encaixada

nas relações dos contos anteriores, começa a sair de cena. Os pais estão em conflito e perdidos no que diz respeito à criação dos seus filhos. Cada pai com as suas falhas e acertos, há, mais uma vez, o retrato de filhos ressentidos. Outras problematizações ganham espaço, como a questão dos pais enquanto responsáveis pela educação dos filhos e todo o peso que isso envolve. Se nos contos anteriores a dificuldade em encontrar o equilíbrio atrapalhavam as relações, aqui os pais passam a refletir sobre a sua função paterna que, claramente, está em crise, muito devido às heranças do modelo de pai estabelecido pelo sistema patriarcal.

Nas últimas coletâneas, enfim, a reconfiguração do perfil paterno começa a ganhar contornos. O espaçamento entre as publicações aumenta e, com exceção de *A cabeça* (2002), em que a relação entre pai e filho aparece de forma tangencial, em *Lindas Pernas* (1979) e *Você Verá* (2013) há a representação de pais verdadeiramente presentes e comprometidos com a criação dos filhos. Embora a configuração de família não sofra mudanças profundas, pois ainda se trata de casais heterossexuais e uma família nuclear tradicional (pai, mãe e filho), os papéis definidos tradicionalmente já não são cumpridos de forma sistemática. Temos pais que demonstram afeto, dividem os cuidados com as mães e, sobretudo, possuem uma relação de liberdade e cumplicidade com os filhos em detrimento da autoridade. Há uma mudança nítida em relação aos outros contos, inclusive na representação dos meninos que, aqui, possuem liberdade para expressar seus sentimentos e questionar. As faltas em relação aos outros contos são supridas: há cuidado e carinho, e isso é demonstrado verbalmente e através de alguns gestos. De meninos em permanente contensão, que começam, inclusive, a conter ou não verbalizar os seus sentimentos depois das repreensões dos pais, passamos a meninos livres para sentir e agir.

Tabela 4 – percurso completo da reconfiguração do perfil paterno

Título dos contos	Características na relação pai e filho
<i>Tremor de Terra</i> (1967)	
“Por toda a vida”	Relacionamento distante; pais ausentes; solidariedade masculina; homem infiel.
“Dois homens”	Relacionamento distante; conflito de gerações.
“Enquanto dura a festa”	Relacionamento distante; pai ausente; filho ressentido.

<i>No Bar</i> (1968)	
“Eu estava ali deitado”	Dificuldade em lidar com o filho; dificuldade em lidar com os sentimentos; demonstração contida de afeto e preocupação; pai em transição.
“Um caixote de lixo”	Dificuldade em lidar com o filho; conflitos entre educar e uma relação afetuosa; pai autoritário; filho ressentido; pai em transição.
“Avô”	Dificuldade em lidar com o filho; pai em transição.
“Inferno”	Dificuldade em lidar e aceitar o filho; pai agressivo.
“Longe de tudo”	Dificuldade em lidar com o filho; conflito de gerações; expectativas do pai depositadas no filho.
“Circo”	Dificuldade em lidar com o filho; conflitos entre educar e uma relação afetuosa; pai agressivo; filho ressentido.
“Filosofia”	Falta de diálogo; expectativas do pai depositadas no filho.
“Nosso fabuloso tio”	Dificuldade em lidar com os filhos; expectativas do pai depositadas nos filhos; pai autoritário; pai distante; pai agressivo; homem infiel.
“Corisco”	Dificuldade em lidar com o filho; pai autoritário; dificuldade em lidar com os sentimentos; demonstração contida de afeto e preocupação; falta de diálogo; pai em transição
<i>Tarde da noite</i> (1970)	
“As formigas”	Dificuldade em lidar com o filho; pai agressivo; falta de diálogo; filho ressentido.

<i>O fim de tudo</i> (1973)	
“Carta”	Excesso de cuidado; filho ressentido; falta de diálogo; ausência de autoridade.
“A Volta do campeão”	Pai idoso; Decréscimo de virilidade.
“Pai e filho”	Pai em conflito; reflexão sobre a função de pai; ausência de autoridade.
<i>Lindas Pernas</i> (1979)	
“Não haverá mais índios”	Cumplicidade na relação entre pai e filho; pai presente; pai cuidadoso; liberdade para dialogar; demonstração de afeto.
<i>A cabeça</i> (2002)	
“Rua da amargura”	Pai idoso; Ausência de afetividade dos filhos.
<i>Você Verá</i> (2013)	
“Todos os anjos”	Cumplicidade na relação entre pai e filho; pai presente; pai cuidadoso; liberdade para dialogar; demonstração de afeto.

Quando Connell e Pearse afirmam que “[...] não podemos pensar o ser mulher ou ser homem como experiências fixadas pela natureza”, nem apenas como uma “uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades”, ela trabalha com a ideia de que todas as pessoas reivindicam ou respondem ao seu lugar na ordem de gênero, sobretudo, na “maneira como nos conduzimos na vida cotidiana” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.39). No percurso percorrido nas análises – de 1967 a 2013 – a reconfiguração paterna que, muito provavelmente, segue a reconfiguração da forma familiar, demonstra essa questão. Os tempos atuais já não permitem que aqueles papéis tradicionais, fixos por tanto tempo, permaneçam inabaláveis. Não é mais possível que apenas homens trabalhem e, conseqüentemente, os cuidados com os filhos não podem ser exclusividade das mulheres. Isso é notável pelo fato das representações de pais, nos últimos dois contos, estarem confortáveis com as suas “novas funções”. Não que os papéis tenham sido totalmente rompidos. Eles permanecem e, de forma sutil,

é possível compreender isso nas figuras maternas que, mesmo apresentando, também, novas configurações, ainda parecem ter o controle maior na educação dos filhos. Entretanto, a cumplicidade e os diálogos entre pais e filhos são extremamente significativos.

Há uma transformação na representação do homem, em partes devido a novas demandas, mas, também, pelo fato de esses homens passarem a responder ao seu lugar na ordem de gênero. Quando começam os indícios de pai em transição, é possível perceber um desconforto nesses homens, como se eles percebessem que algo da socialização baseada em uma masculinidade hegemônica e viril não fizesse sentido. Esses pais passam a exercer inúmeras tentativas de acertar o tom das relações com os filhos, bem como a refletir sobre suas funções. Culmina, dessa forma, em pais presentes, que reivindicam seu lugar ativo na criação dos filhos e se sentem bem ao fazê-lo. Sem a angústia e a autocobrança dos pais das primeiras coletâneas, nas últimas duas os pais parecem estar satisfeitos no que se refere aos seus filhos.

Considerando que a representação de homem nos contos de Luiz Vilela é, em sua maior parte, a de homens brancos, heterossexuais e de classe média, é possível que não pensemos, erroneamente, nas ambiguidades de gênero. Entretanto, quando nos deparamos com pais zelosos e ativos na educação dos filhos, estamos lidando com essa questão. Segundo Connell e Pearse, “[h]á mulheres que são chefes de família e homens encarregados de cuidar dos filhos” (2015, p. 39). A tentativa de unidade e busca por simetria que Butler se refere quando fala sobre gênero inteligível excluiria, automaticamente, os homens do papel de cuidadores. Segundo a ordem de gênero estabelecida, isso seria papel das mulheres.

Vera Regina Ramires, em “O exercício da paternidade hoje” (1997), aponta que:

Atualmente, a família, além da função de reprodução biológica, é responsável também por sua própria reprodução social através da função ideológica que exerce ao veicular a introjeção por seus membros de valores, papéis e padrões de comportamento que serão repetidos pelas sucessivas gerações. (RAMIRES, 1991, p. 19)

Houve e ainda há um ciclo infeliz em que pais feridos ferem os filhos, como vimos em alguns contos das primeiras coletâneas. Essa reponsabilidade a que

Ramires se refere a acontece, pois, “[...] o modo como a criança é criada tem profundas consequências na estruturação da sua personalidade e na reprodução social dos papéis sexuais.” (RAMIRES, 1997, p 38). Quando compreendemos que a condição feminina não muda sem a correspondente mudança da condição masculina, chegamos a um ponto chave: a transformação nas práticas de criação, em que homens e mulheres estejam comprometidos com o bem estar dos filhos, é fundamental:

A educação sexista que orienta diferentemente meninos e meninas contribui para a construção de uma estrutura de personalidade que reproduz e perpetua a opressão social e psicológica de geração em geração. Para haver igualdade social entre homens e mulheres seria necessário, entre outras coisas, modificar as atuais estruturas de organização da sociedade, que significa mudar as formas de cuidado e criação dos filhos e filhas. Essa mudança implica não somente uma conscientização e articulação no âmbito coletivo, mas também no âmbito da subjetividade, justamente o âmbito no qual se conjugam fatores psicológicos, sociais, culturais, históricos, que se tornam matrizes que vão originar sua própria reprodução. (RAMIRES, 1997, p. 14)

Para estancar a construção de diferenças e opressões, é necessário que, primeiramente, as funções na criação dos filhos sejam repensadas. Sem uma mudança na subjetividade, sem “a quebra do cinismo a respeito da existência de um homem de verdade em torno do qual o menino é socializado” (NOLASCO, 1997, p. 17), as estruturas de reprodução não são rompidas. Na contística de Luiz Vilela, através de 19 contos, percorremos uma trajetória cronológica de reconfiguração no perfil paterno em que essas mudanças são possíveis de serem visualizadas. Mestre do diálogo, da linguagem coloquial e da simplicidade, Luiz Vilela compõe narrativas positivamente complexas, e, embora muitas vezes difíceis de serem adentradas, possibilitam reflexões e indagações sobre o homem ao longo do tempo. Juntamente com as teorias sobre gênero e os estudos das masculinidades, foi possível sistematizar as características dos pais em quatro décadas, bem como as suas variações e, sobretudo, as suas transformações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, 95: 161 – 190, 1996.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAUBERÓT, Arnaud. “Não se nasce viril, torna-se viril”. In: COURTINE, Jean-Jacques (org.). *História da virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. v.3. Tradução Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BARASCH, Mara. “Sexo e afeto no cotidiano do homem”. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.
- BRASIL, Assis. *A nova literatura*. Rio de Janeiro, Ed. Americana; Brasília, INL, 1973.
- BUTLER, Judith. Prefácio. In: BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. Tradução de Magda Guadalupe dos Santos e Sérgio Murilo Rodrigues. Revista *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v.6, n.11, p.12-16, jan. 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Ed. USP, 2004.
- CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. Tradução e revisão técnica: Marília Moschovich. São Paulo: nVersos, 2015.
- CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, jan.- abr. 2013.
- CORTÁZAR, Julio. “Alguns aspectos do conto”. In: *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CORTÉS, Jason. *Macho ethics: masculinity and self representation in Latino-Caribbean narrative*. United States of America: Bucknell University Press, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. v.3 de *História da virilidade*. COURTINE, Jean-Jacques (org.). Tradução Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986

ENGELS, Friedrich. A família monogâmica. In: CANEVACCI, Massimo. *Dialética da Família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1976.

GOLDENBERG, Mirian. “O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia”. In: GOLDENBERG, Mirian (org). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Grupo de Pesquisa Literatura e Vida. *Biografia de Luiz Vilela*. Disponível em: <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/noticias.html>. Acesso em: 02/09/2017.

_____. *Fortuna Crítica*. Disponível em: <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html>. Acesso em: 02/09/2017.

HAMAWI, Rodolfo. “Que querem os homens?”. In: NOLASCO, Sócrates (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

HOHLFELDT, Antonio. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

KIMMEL, Michael. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. In: Horizontes antropológicos. Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998.

LINHARES, Temístocles. *22 diálogos sobre o conto brasileiro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. São Paulo: Quiron, 1976.

LUCAS, Fábio. “O conto no Brasil Moderno”. In: NUNES, Benedito; SANTIAGO, Silvano et al. *O livro do seminário: ensaios*. São Paulo: L.R. Editores Ltda., 1983.

MILLINGTON, Mark. *Hombres in/visibles: la representación de la masculinidad en la ficción latino-americana, 1920-1980*. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2007.

MORGAN, Lewis Henry. A família antiga. In: n: CANEVACCI, Massimo. *Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1976.

MURPHY, Peter Francis. *Fictions of masculinity: crossing cultures, crossing sexualities*. New York and London: New York University Press, 1994.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: da Carta de Caminha ao contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011.

NOLASCO, Sócrates. "Um 'homem de verdade'". In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PICCHIO, Luciana Stegagno, *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PÓLVORA, Hélio. *A força da ficção*. Petrópolis: Vozes, 1971.

RAMIRES, Vera Regina Rhohnelt. *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

RAMOS, Marcelo Silva. "Um olhar sobre o masculino: Reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade". In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTIAGO, Silviano. "Arte masculina?". In: NOLASCO, Sócrates (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. *Educação e realidade*, Rio Grande do Sul, v.20, n.2, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso: 07/10/2017.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e Literatura no Brasil. *Estação Literária*, Londrina, Volume 16, p. 8-28, jun 2016.

SIMON, Luiz Carlos Santos. O discurso literário sobre as masculinidades nos anos 1970: duas crônicas de Luiz Fernando Verissimo. *Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação* (FURB), v. 10, p. 226-241, 2016.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Velhos e novos estereótipos em evidência: as masculinidades na mira das crônicas brasileiras contemporâneas. *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades* (Online), v. maio-out., p. 1-24, 2016.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VERISSIMO, Luis Fernando. *A grande mulher nua*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

VILELA, Luiz. *Tremor de terra*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1972. [1ª edição 1967]

_____. *No bar*. São Paulo: Ática, 1984. [1ª edição 1968]

_____. *Tarde da Noite*. São Paulo: Ática, 1988. [1ª edição 1970]

_____. *O fim de tudo*. Belo Horizonte: Ed. Liberdade, 1973.

_____. *Lindas Pernas*. São Paulo: Livraria Cultura, 1979.

_____. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. *Você Verá*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Estudos Feministas, 2001.

Links da pesquisa na ferramenta de busca do google por ordem de acesso:

Aleteia Vaticano. A teoria de gênero superou o conceito de homem e mulher?. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2013/03/26/a-teoria-de-genero-superou-o-conceito-de-homem-e-mulher/>>. Acesso em: 21/07/2017

Gazeta do Povo. Educação e teoria de gênero. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/editoriais/educacao-e-teoria-de-genero-351ihkpnqgv6lsqx851vr0iac>>. Acesso em: 21/07/2017

Wikipédia. Teoria Queer. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_queer>. Acesso em: 21/07/2017

G1. Papa diz que teoria de gênero é 'guerra global' contra o casamento. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/papa-diz-que-teoria-de-genero-e-guerra-global-contr-o-casamento.html>>. Acesso em: 21/07/2017

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TNcCIKWP9Ec>>. Acesso em: 21/07/2017

UNISINOS. A teoria de gênero do papa. Artigo de Elisabetta Addis. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/560779-a-teoria-de-genero-do-papa-artigo-de-elisabetta-addis>>. Acesso em: 21/07/2017

TILIO, Rafael De. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/626/380>>. Acesso em: 21/07/2017

SANTOS, Juliana Anacleto dos. Gênero na teoria social: papéis, interações e instituições. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf>>. Acesso em: 21/07/2017

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000300007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21/07/2017

BELLO, Joathas. O fiel católico. Teoria de gênero? – ou – A sociedade ocidental enlouqueceu de vez? Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2005/06/teoria-de-genero-ou-sociedade-ocidental.html>>. Acesso em: 21/07/2017

Links dos dicionários consultados:

VIRILIDADE, In: *Dicionário Caldas Aulete*, 2008. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/virilidade>. Acesso em: 01/12/2017.

VIRILIDADE, In: *Dicionário Michaelis*, 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/virilidade>. Acesso em: 01/12/2017.

VIRILIDADE, In: *Dicionário Aurélio*, 2008. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/virilidade>. Acesso em: 01/12/2017.

ANEXOS

ANEXO A – Lista de teses e dissertações

Busca do termo “masculinidade”, com o filtro em “grande área conhecimento” de “linguística, letras e artes” -> 98 trabalhos. Apenas os trabalhos com objetos literários -> 35 trabalhos. Acesso em 15 de agosto de 2017.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares de. **A crise da masculinidade nas dramaturgias de Nelson Rodrigues, Plínio Marcos e Newton Moreno.** 01/01/2007 325 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: PG Letras

GRANJA, Rosemary da Silva. **Varões assinalados:** o tema do homem moderno na epistolografia de Antero de Quental. 01/04/2003 145 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ

GRANJA, Rosemary da Silva. **Brasileiros e portugueses:** todos fora do lugar – A imagem do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana. 01/08/2009 198 f. Doutorado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

PARADIZZO, Felipe Vieira. **Mandrake e o hard-boiled:** questões de masculinidade(s) entre Rubem Fonseca e a literatura policial norte-americana. 01/03/2011 132 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, VITÓRIA Biblioteca Depositária: B.C

SANTOS, Rivaldo Pereira dos. **Experiência de perdição:** transgressão e re-humanização em “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha. 01/03/2007 116 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA Biblioteca Depositária: UFPB

PAOLUCCI, Orozimbo. **African-american manhood:** obstacles, reactions and reconciliation in "A Raisin in the Sun", "Dutchman" and "Blues for Mister Charlie". 29/05/2013 155 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE e Biblioteca Universitária da UFMG

BENFATTI, Flavia Andrea Rodrigues. **Pornografia e criticidade:** as faces de Henry Miller em “Tropic of Cancer” e “Tropic of Capricorn” sob o viés autobiográfico. 09/08/2013 190 f. Doutorado em ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes

STACUL, Juan Felipe. **Além do espectro:** a crise da identidade masculina em “Limite Branco”, de Caio Fernando de Abreu. 01/03/2012 93 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

SILVEIRA, Francisco Maciel. **"Cativeiros de papel: o verso, o reverso e o transverso do ser diverso em Santareno"**. 01/08/2008 270 f. Mestrado em LETRAS (LITERATURA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes - FFLCH-USP

RAMOS, André Carneiro. **Desce-me ao fundo do peito a terra inteira: A aventura da palavra em Vergílio Ferreira, Guimarães Rosa e Aquilino Ribeiro**. 01/03/2008 76 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca da Pós-Graduação em Letras

PONE, Pedro Felipe Martins. **Anti-heróis de medo e incerteza: o protagonista jovem da década de 1950 e suas influências na contemporaneidade**. 13/02/2014 153 f. Mestrado em Estudos de Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ

SILVA, Doris Helena Soares da. **Masculinidades em conflito em "Um certo Capitão Rodrigo"**: da luta pela hegemonia à masculinidade mitificada. 29/04/2015 113 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca Campus Porto UFPel

BARONE, Alexandre Vincenzo. **O Evangelho do Poder em José Saramago/ O triunfo da emancipação humana em O Evangelho Segundo Jesus Cristo/ A Caverna e Ensaio Sobre a Lucidez.** 01/03/2006 126 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca do ILE

GONÇALVES, Marina Leite. **Masculinidade e elite imperial brasileira: uma reinterpretação das obras "Ressurreição", "A mão e a Luva", "Helena" e "Iaiá Garcia"**. 01/03/2011 131 f. Mestrado em LETRAS-ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, Montes Claros Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Prof. Antonio Jorge

STACUL, Juan Filipe. **Masculinidades em crise: escrita, violência e (des)subjetivação em "Feliz Ano Novo" (1975) e "Taxi Driver" (1976)**. 07/10/2016 198 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC-MG

SILVA, João Gomes da. **Discurso masculino, percurso feminino: um estudo sobre "O cortiço"**. 01/12/1992 126 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: undefined

MARIANI, Sergio Luiz Soares. **Duelos invisíveis de um aprendiz de feiticeiro: a experiência burguesa masculina no romance "O primo Basílio", de Eça de Queirós**. 01/06/2010 157 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA Biblioteca Depositária: HUMANAS, EDUCAÇÃO E ARTES - UFPR

SANTOS, William Soares dos. **Construção e reconstrução da identidade masculina no discurso shakespeariano**: uma leitura da questão discursivo-identidade em Coriolano e Antônio e Cleópatra. 01/04/2002 148 f. Mestrado em INTERDISCIPLINAR LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Banco de Teses da Faculdade de Letras da UFRJ

JIMENEZ, Michele de Oliveira. **Ressurreição e acenos e afagos**: um estudo das masculinidades em Félix e João Imaculado. 01/03/2011 93 f. Mestrado em LETRAS - LINGUAGEM E SOCIEDADE Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - Cascavel

SARMENTO, Alexsandra Loiola. **A flor e o punhal**: a crise do masculino na trilogia de Érico Veríssimo. 01/09/2009 123 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA, JUIZ DE FORA Biblioteca Depositária: Biblioteca do Campus Verbum Divinum do CES/JF

SOUZA, Arivaldo Sacramento de. **A lírica como representação das relações entre homens nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas**. 01/04/2008 192 f. Mestrado em LETRAS E LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR Biblioteca Depositária: Biblioteca Reitor Macedo Costa

DANTAS, João. **Homens nordestinos em cena**: relações/tensões de masculinidades em “As velhas”, de Lourdes Ramalho. 01/05/2007 122 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - UFPB

CORREIA, Romualdo dos Santos. **Espaços homosociais e a representação do sujeito homoerótico em o “Bom-Crioulo” e o “Ateneu”**. 01/06/2010 119 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, CAMPINA GRANDE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UEPB

PEREIRA, Tatiana de Castro Lopes. **Para além do terno e do chapéu de couro**: mulheres masculinas em “The Well of Loneliness” e “Grande Sertão: Veredas”. 29/03/2016 154 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: CEHB

FERREIRA, Nelson Eliezer. **Narrativas do exílio**: nação e homoerotismo em três obras comparadas. 01/03/2008 148 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA Biblioteca Depositária: UFPB

LINS, José Raymundo Figueiredo. **“I’m not no queer”**: a representação da homoafetividade no conto “Brokeback Mountain”, de Annie Proulx. 01/01/2012 192 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho

LIMA, André Ricardo Pinheiro. **Interfaces de um retrato**: identidade e representações do gay-homem em “Madame Satã”. 01/03/2011 112 f. Mestrado em

LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UEM

RIOS, Maurício Oliveira. **Literatura cabo-verdiana e discussão de gênero:** propostas para masculinidades e feminilidades em obras de Evel Rocha, Germano Almeida e Dina Salústio. 01/04/2012 283 f. Mestrado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

ATHAYDE, Natalia Silva. **Luzia-Homem:** a construção de simulacros identitários. 18/08/2014 113 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Ciências Humanas

ETO, Francisco Leandro de Assis. **O deslocamento de gênero e as configurações de masculinidades no cordel.** 01/03/2011 120 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, CAMPINA GRANDE Biblioteca Depositária: .

COSTA, Yasmin Serafim da. **Prenúncios de uma revolução:** feminino, masculino e sociedade em “O número dos vivos”. 03/12/2014 98 f. Mestrado em LETRAS (LITERATURA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

CAMPOS, Bruno Rodrigues. **Menino, eu sou é homem! (?):** aspectos constitutivos do masculino em uma análise de “Onze”, de Bernardo Carvalho. 01/05/2012 155 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, CAMPINA GRANDE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central UEPB

MEDEIROS, Felipe Garcia de. **O ser elástico, mola, agulha, trepidação:** expressões do homoerotismo em Fernando Pessoa. 07/03/2014 undefined f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: undefined

FREITAS, Debora Maia de. **De Bentinho a Casmurro:** identidades múltiplas e masculinidades deslizantes. 17/12/2015 134 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, Guarapuava Biblioteca Depositária: <http://www2.unicentro.br/ppgl/files/2015/10/DEBORA-MAIA-DE-FREITAS.pdf>

NAVARRETE, Eduardo. **Jogo de Contradições:** homens e mulheres na literatura de Raduan. 19/08/2014 114 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá Biblioteca Depositária: BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UEM - MARINGÁ

ANEXO B – Lista de Pôsteres e Comunicações
VI Colóquio Internacional de estudos sobre Homens e Masculinidades. Org.:
Gema/UFPE, Instituto PAPAI, IFF/Fiocruz, Instituto Promundo e MenEngage Brasil.
Recife, Brasil – 2 a 6 de abril de 2017. ISSN 2178-4787.

Sessão de Pôsteres (231 ao todo)

1. A mirada da crônica para as masculinidades – Luiz Carlos Santos Simon;
2. A personagem do romance em *De Cócoras*, de Silviano Santiago: um paralelo com diferentes representações de masculinidades – Lucélia Canassa;
3. Masculinidades subordinadas e a violência diante da homossexualidade: um olhar sobre os contos “Aqueles dois” e “Terça-feira gorda”, de Caio Fernando Abreu – Thamiris Yuri Silveira Pellizzari;
4. Paulinho Perna torta: a pressão dos estereótipos viris como forma de expressão e de manifestação da violência às masculinidades – Mateus Fernando de Oliveira;
5. Representação da masculinidade na obra *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna – Suzana Ferreira Paulino, Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos, Rita Patrícia Almeida.

Comunicações em grupos de trabalhos (214 ao todo)

1. A heteronormatividade em xeque: masculinidades na crônica de Eliane Brum e o ator de narrar como libertação e transformação – Letícia Ueno Bonomo;
2. Controlado, natural, no tropical – el hombre ideal según el teatro chileno de la primera mitad del siglo XX – Andres Kalawski;
3. Cuerpo metamórfico y travestido en *Orlando*, de Virginia Woolf – Melida Paola Frye Cordoba;
4. Cuerpos en lucha: Representación de hombres gays en la literatura salvadoreña – Amaral Palevi Gómez Arévalo;
5. Da tradição à ruptura: a representação do masculino na literatura brasileira – Cláudia Maria Ceneviva Nigro, Juliane Camila Chatagnier;
6. Homossexualidades de papel – notas sobre a imprensa homoerótica impressa brasileira – Muriel Emídio Pessoa do Amaral;

7. Ser homem africano: representações da masculinidade no romance *As mulheres do meu pai*, de José Eduardo Agualusa – Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra.